

# Igreja Luterana

Volume 60 - Junho 2001 - Número 1

## EDITORIAIS

Fórum. .... 3

## ARTIGOS

Aspectos Quanto à Administração da Santa Ceia

*Gerson Luís Linden* ..... 5

A Teologia da Esperança:

Uma Análise de Jeremias 33.1-8

*Nestor Duemes e Acir Raymann* ..... 13

AUXÍLIOS HOMILÉTICOS ..... 37

DEVOÇÕES ..... 124

CUPOM DE ASSINATURA ..... 314



## Conferência Mundial de Seminários Teológicos Confessionais Luteranos

Seminário Concórdia e Ulbra hospedaram, de 5 a 8 de abril de 2001, a Conferência Mundial de Seminários Teológicos mantidos por igrejas luteranas que integram o International Lutheran Council (ILC). Este Conselho é formado por igrejas luteranas ligadas ao Sínodo de Missouri.

A Conferência, organizada em nível local pelos diretores Paulo M. Nerbas e Leopoldo Heimann, com o apoio da Presidência da IELB e da Reitoria da Ulbra, foi a primeira depois de mais de uma década, num formato diferente. (Houve outras, anteriores, mas que aconteciam no contexto de reuniões dos presidentes de igrejas.) A temática girou em torno de “Preparar Pastores Luteranos para o Dia de Hoje”, com ênfase em contextos, confessionalidade e currículos. Participaram mais de 60 teólogos envolvidos com educação teológica, vindos da África, Ásia Oriental (Japão, Coreia, China), Europa (Alemanha, França, Rússia, Inglaterra), América Latina (Argentina, Brasil, Chile, Guatemala, México, Paraguai, Venezuela), América do Norte (Canadá e Estados Unidos), Sudoeste Asiático (Índia, Nova Guiné) e Austrália.

As palestras foram de alto nível, com destaque especial para a de abertura, proferida pelo Dr. John Kleinig, da Austrália, sob o tema: *Oratio, meditatio, tentatio faciunt theologum*.

Um dos grandes objetivos, plenamente alcançado, foi chamar a atenção para a possibilidade da *consolatio fratrum*, ou seja, o dar-se conta de que não estamos sozinhos nessa atividade de formação pastoral e que podemos nos admoestar e amparar mutuamente. Seminários grandes, com uma longa história, contrastam com realidades onde tudo que se tem é um programa de educação por extensão. Também ficou evidenciada a necessidade de se pensar em formação teológica num sentido que vai além de formação seminarística ou que envolve formas alternativas de fazê-lo (como acontece em partes da América Latina).

Foi o início de uma caminhada que, com certeza, vale a pena ser continuada.



## ARTIGOS

## Aspectos quanto à Administração da Santa Ceia

*Gerson Luis Linden*

### INTRODUÇÃO

“Fazei isto” (Lc 22.19; 1 Co 11.24,25) - a ordem de Cristo implica uma identidade entre o que a Igreja celebra em todos os tempos e a instituição do Senhor. Lido com o auxílio dos outros textos em que o Novo Testamento menciona a Santa Ceia (Lc 22.19,20 e paralelos; 1 Co 10.16,17; 11.17-34; At 2.42-47; 20.7-12), consideramos alguns pontos relacionados à doutrina e prática da Ceia, especialmente no que tange a sua administração e o papel que Igreja e Ministério desempenham.<sup>1</sup>

### A SANTA CEIA E A CONGREGAÇÃO

A presença da “Comunidade confessante” - a Santa Ceia tem um contexto próprio, ou seja, a igreja unida pela confissão da mesma fé. Diferentemente do Batismo e da proclamação do Evangelho, a Ceia se encontra, no texto bíblico, sempre no contexto da Comunidade. Num primeiro momento, em sua instituição, está presente o grupo dos doze (Mt 26.20). Após o Pentecostes, a Comunidade criada pela pregação e Batismo encontra na Ceia (o “partir do pão”) um dos elementos constituintes de sua vida como povo de Cristo no mundo (At 2.42). O mesmo vale para as Igrejas (Comunidades) fora de Jerusalém, como mostra At 20.7, com a Igreja reunida em Trôade. Em 1 Co 10.16,17 Paulo enfatiza o vínculo entre a união como povo

---

<sup>1</sup> Rev. Prof. Gerson Luis Linden, S.T.M., é professor de Teologia Exegética no Seminário Concórdia e na Universidade Luterana do Brasil. No Seminário exerce ainda as funções de Vice-diretor e Deão de Alunos. Estudo apresentado na reunião conjunta entre as Comissões de Teologia e Relações Eclesiais (CTRE) da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e Igreja de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em reunião de 29 de junho de 2000. O mesmo estudo foi apresentado na reunião de professores do Seminário Concórdia, em 3 de outubro de 2000. O presente estudo não pretende focar a doutrina da Santa Ceia como um todo, mas alguns elementos importantes no diálogo entre as duas igrejas luteranas. Outros aspectos, como a presença real e benefícios do Sacramento, foram desenvolvidos em outro estudo, apresentado por componente da Comissão de Teologia da IECLB. O autor agradece quaisquer reações que lhe venham a ser enviadas.

de Deus e a participação na Ceia (“Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão” v. 17). Ao tratar de problemas que estavam havendo naquela Igreja, no importante texto de 1 Co 11.17-34, fica evidente o contexto congregacional.

A participação, benefício e responsabilidade individuais na Ceia são afirmados pelo texto bíblico (“Aquele que comer ... Examine-se, pois, o homem ... 1 Co 11.27,28). No entanto, nada disto sugere uma participação individualista da Santa Ceia. A pessoa participa da mesma como membro da Igreja. O participante faz parte da Igreja, reunida pelo Senhor.<sup>2</sup> O uso de Paulo da palavra “corpo” tanto para o elemento visível da Ceia, como para a Igreja, e o vínculo que estabelece entre os dois, em 1 Co 10 e 11, sublinham a relação entre participação na Santa Ceia (comunhão com Cristo) e a comunhão com os irmãos. A rigor, não há visitantes na Santa Ceia. Pode haver, sim, irmãos na mesma fé, oriundos de diferentes locais (como fica claro na situação em que os apóstolos celebram a Ceia com Igrejas locais fora de Jerusalém ou Antioquia). “Visitante”, de fato, é aquele que não pertence à Comunidade confessante. Este não é convidado a participar da Ceia, mas a, antes disso, fazer parte da Comunidade.

O ponto anterior nos leva à questão da fé que está envolvida. Werner Elert, em seu estudo “Eucaristia e Comunhão Eclesiástica nos Primeiros Quatro Séculos”, lembra que, na Igreja primitiva, a “comunhão só é possível com base na fé confessada. Tal confissão do conteúdo da fé era requerido pela igreja antiga de todo membro. E que isto não é uma ficção piedosa fica claro do alto nível e do conteúdo da instrução dada aos catecúmenos. Esta instrução era parte da congregação local, pela qual sua vida era sustentada.

---

<sup>2</sup> O Artigo XIII da CA (“Do Uso dos Sacramentos”) reconhece que os sacramentos também são (se bem que não é sua razão fundamental) “sinais para que se possam conhecer exteriormente os cristãos” (CA XIII 1). Lutero assim argumenta no seu escrito “Dos Concílios e da Igreja”: “Em terceiro lugar se reconhece o povo de Deus ou um santo povo cristão no santo Sacramento do Altar, onde ele é administrado, crido e recebido corretamente de acordo com a instituição de Cristo. Pois também ele é um sinal público e um meio de salvação valioso, deixado por Cristo, por meio do qual seu povo é santificado, para que também se exercite e confesse publicamente que é cristão, como faz a Palavra e o Batismo. ... Pois, como dito acima a respeito da Palavra: onde está a palavra de Deus aí haverá de estar a Igreja, da mesma forma se dirá: onde está o Batismo e o Sacramento, aí haverá que estar o povo de Deus, e vice-versa. Pois tais artigos dos meios da salvação os tem, dá, exercita, usa e confessa somente o povo de Deus, ainda que haja entre eles secretamente alguns cristãos falsos e descrentes. No entanto, esses não anulam a santidade do povo de Deus, especialmente enquanto estão ocultos. Porque a Igreja ou o povo de Deus não tolera em seu meio os manifestos, mas os admoesta e os santifica igualmente. Ou então, quando resistem, os exclui dos meios de salvação por meio da excomunhão, e os considera como pagãos (Mt 18.17).” (Obras Seleccionadas, 3: 411,12)

Ela não consistia, de forma nenhuma, de simples apropriação de material doutrinário. Em Justino já lemos como os candidatos para o batismo eram testados antes de sua admissão para verificar se o que lhes fora ensinado era assunto de convicção e se eles estavam prontos a demonstrar o que confessaram através de uma maneira de viver correspondente.”<sup>3</sup>

A mesma doutrina confessada é, pois, o critério que une as pessoas na celebração da Ceia do Senhor. É uma questão complexa a responder aquela sobre a amplitude desta confissão. Se, por um lado, não inclui questões de costumes, não deveria limitar-se a um mínimo reducionista (“Eu e Jesus”) (cf. CA VII). Em alguns ambientes, a confissão comum tem sido identificada com a filiação a uma organização (Sínodo ou conjunto de Sínodos). Por detrás de tal concepção parece estar o reconhecimento da importância dos “Símbolos” da Igreja (Credos, Confissão de Augsburgo, Catecismos, Livro de Concórdia?), o que parece estar mais em acordo com a visão luterana sobre profissão de fé.

## COMUNHÃO FECHADA

A comunhão fechada pode ser entendida em função destas reflexões, bem como da própria essência da Santa Ceia. A Ceia é “do Senhor”. Não é um direito dos homens; é dádiva. São convidados aqueles que o Senhor convida. Por isso, a participação na Santa Ceia não deve ser vista como um “direito” do visitante, quando este se sente adequadamente preparado. Sendo do Senhor, a Ceia é administrada pelo povo do Senhor. Que a Igreja tem não só o direito, mas o dever de desempenhar este papel, fica claro pelos imperativos apostólicos, referentes ao tratamento da Igreja com indivíduos-membros (1 Co 5.9-13; 11.19; 2 Co 2.5-11; 2 Ts 3.14,15).

A instrução na doutrina cristã é importante para que a pessoa que pretende participar do Sacramento esteja em efetiva união confessional com o povo de Deus reunido. Divisão na confissão estabelece divisão no sacramento. Em 1 Co 10.16,17 Paulo vincula a união com os irmãos à união (????????? - participação comum) no sacramento.

Além disso, a comunhão fechada traz consigo um aspecto de proteção ao “visitante”. O participar indignamente, a falta do “examinar-se” e de

---

<sup>3</sup> Werner Elert, *Eucharist and Church Fellowship in the First Four Centuries*, traduzido por Norman E. Nagel, St. Louis, Concordia, 1966, p. 71.

“discernir o corpo”, que estão ligados à instrução na fé, trazem ao participante juízo, ao invés de bênção. Só Deus conhece os corações. Por isso, a Igreja e os ministros não têm o direito de julgarem a fé “interior” daqueles que a confessaram, segundo o correto ensino, negando-lhes o sacramento, a menos que seus atos (frutos) deponham contra sua integridade. Da mesma forma, Igreja e ministros não têm o direito de julgar os que não foram devidamente instruídos e examinados, considerando-os aptos a participarem da Ceia, sem que tenham confessado sua fé.

A prática da comunhão fechada não implica considerar somente os participantes como “verdadeiros cristãos”. Paulo alerta suas igrejas de que em alguns casos é necessário deixar de “associar-se” com irmãos (1 Co 5.9,11; 2 Ts 3.14). Os textos acima apontam para situações de pecado manifesto, de um viver desordenado e de desconsideração pela palavra do apóstolo. Chama a atenção que em 1 Co 5.11 Paulo acrescenta, “com esse tal nem ainda comais”. Se este comer é um ato comum de comunhão (amizade), em uma refeição comum, ou a celebração do sacramento, é questão que pode ser debatida. Werner Elert defende a segunda explicação, lembrando que, ao ordenar que a Congregação expulsasse o ímpio de seu meio, estaria tirando-o da participação da Santa Ceia.<sup>4</sup>

## **O MINISTÉRIO PASTORAL E A ADMINISTRAÇÃO DA SANTA CEIA**

Estamos considerando o que é próprio na Santa Ceia. Considerá-la à luz de um conceito geral de “sacramento” é uma abordagem que responde a algumas questões, mas não esgota de forma nenhuma a riqueza da Ceia. Há pontos em que a Ceia se distingue do Evangelho proclamado e do Batismo, no que tange a sua administração: “Assim fez Cristo: deixou que a pregação fosse multidão a dentro sobre cada um, bem como depois também os apóstolos, de sorte que todos a escutaram, crentes e incrédulos; quem a apanhava, apanhava-a. Assim também nós devemos fazer. Todavia não se deve atirar o Sacramento multidão a dentro. Ao pregar o Evangelho não sei a quem atinge. Aqui, porém, devo ter para mim que atingiu aquele que vem ao Sacramento: aí não devo ficar em dúvida, mas ter certeza de que aquele a quem dou o sacramento aprendeu e crê corretamente o Evangelho” (Lutero).<sup>5</sup> Nesta administração da Ceia a congregação tem um papel importante, que exerce através do ofício das chaves, reconhecendo o ministério instituído por Deus.

---

<sup>4</sup> Elert, Eucharist, 84,85.

<sup>5</sup> Edição Revista de Walch, das Obras de Lutero, XI: 615,616.

O Senhor Jesus, constatando que as pessoas andavam “aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9.36), exortou Seus discípulos para que rogassem “ao Senhor da seara, que mande trabalhadores para a seara” (v. 38). A resposta veio, possivelmente mesmo antes que o pedido fosse feito, quando Jesus escolheu os doze e os enviou, na obra da pregação (10.1ss), garantindo-lhes que “Quem vos recebe, a mim me recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou.” (10.40) O ministério foi instituído com o propósito (evangélico) de, pelos meios da graça, dar o Espírito Santo, que opera a fé no Deus gracioso que temos, pelos méritos de Cristo (CA V).

O apóstolo Paulo manifesta a importância do ministério em diversas declarações. Assim, aos coríntios: “Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus.” (1 Co 4.1) E destes ministros se requer fidelidade (v. 2), especialmente na administração destes “mistérios”, manifestos no Evangelho, que vem por Palavra e Sacramentos.

Aos presbíteros de Éfeso Paulo conclama: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue.” (At 20.28) O episcopado (pastoreio) se faz pelo ensino do Evangelho, nas suas diversas formas. A Ceia do Senhor, como dádiva de perdão e vida para a Igreja, faz parte do pastoreio.

O autor aos Hebreus também reflete sobre o fato de que Deus mesmo coloca pastores para cuidar e alimentar o rebanho, no que se refere a sua condição espiritual: “Obedecei aos vossos guias, e sede submissos para com eles; pois velam por vossas almas, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros.” (Hb 13.17).

Estas afirmações apostólicas exemplificam o fato de que o ministério, instituído por Cristo, é dádiva do Senhor para a Igreja, com a finalidade de que esta seja conduzida no crescimento espiritual (Ef 4.11-16).

As Confissões Luteranas afirmam o papel do ministério pastoral na administração da Ceia do Senhor. CA XIV; XXVIII 5; Ap XXIV 80. Especialmente as palavras do artigo XIV da CA são pertinentes: “Da ordem eclesiástica se ensina que sem chamado regular ninguém deve publicamente ensinar ou pregar ou administrar os sacramentos na igreja.” Questões concernentes ao ministério pastoral estão, pois, no contexto do estudo sobre a administração da Santa Ceia. Ainda que em um estudo tão breve, com os propósitos para os quais é escrito, não se possa discutir toda a amplitude da questão, ela deve vir a ser examinada.

Constitui-se parte da administração fiel do sacramento, por parte do ministro, “convidar uns à comunhão e a outros proibir que se aproximem” (CA XXIV 36 - texto alemão). Note-se que isto é reconhecido não como novidade na igreja, mas algo que existe “na igreja desde tempos antigos” (CA XXIV 40 - texto alemão).

Os confessores luteranos reconheceram o papel do ministério, de modo que “conserva-se entre nós o costume de não dar o sacramento àqueles que não foram previamente examinados e absolvidos.” (CA XXV 1 - texto alemão). O assunto tem um enfoque evangélico. Os luteranos mantêm a confissão, não por causa da enumeração de pecados, mas “por causa da absolvição - que é sua parte principal e mais importante - para consolo das consciências aterrorizadas” (CA XXV 13 - texto alemão). Portanto, a função de “cura d’almas” se manifesta também na administração da Santa Ceia.

Santa Ceia é evangelho. No entanto, diferentemente da proclamação da palavra, não é dirigida a todas as pessoas indistintamente, mas aos que crêem, tendo confessado publicamente sua fé. Não é sacramento de “iniciação”, mas de permanência na comunhão com o povo de Deus. A dignidade do comungante não está em si, mas em Cristo. Digno, pois, é quem está em Cristo, pela fé. Tal fé não é mero conhecimento intelectual, ou sentimento de boa vontade. Está implícito o arrependimento. Tal dignidade, portanto, envolve a vida do comungante. Se é fato que obras não tornam digno, também é verdade que tal dignidade não pode conviver com pecado manifesto, o viver em pecado (1 Jo 3.9). O bispo tem um papel a assumir neste assunto. Afinal, “segundo o direito divino, o ofício episcopal é pregar o evangelho, perdoar pecados, julgar doutrina e rejeitar doutrina que é contrária ao evangelho, e excluir da congregação cristã os ímpios cuja vida ímpia seja manifesta, sem o emprego de poder humano, mas apenas pela palavra de Deus. E nisso os paroquianos e as igrejas têm o dever de obedecer aos bispos ...” (CA XXVIII 21,21 - texto alemão). Vale lembrar que, para as Confissões, ser excluído da congregação consiste basicamente em ser excluído do sacramento: “... a excomunhão verdadeira, cristã, consiste em privar pecadores manifestos e obstinados do sacramento ou outra comunicação da igreja, até que se emendem e evitem o pecado.” (AE 3ª parte IX).

## **OS ELEMENTOS VISÍVEIS DA SANTA CEIA**

A Santa Ceia tem elementos visíveis, que lhe são próprios. Uma analogia com o batismo pode ser feita. Assim como a igreja não tem o direito de mudar o elemento usado por Cristo - a água - no Batismo, também não o pode fazer em relação aos elementos. Manter o pão e o vinho não é fundamentalismo, mas simplesmente fidelidade à instituição do Senhor.

Quanto aos elementos, Mt 26.26; Mc 14.22; Lc 22.19; 1 Co 10.16,17; 11.23 falam que Jesus tomou “pão” (?????). Mt 26.29; Mc 14.25 falam em “fruto da videira” (????????????????????), referente a “um cálice” (?????????) - Mt 26.27; Mc 14.23; cf. Lc 22.20; 1 Co 10.16; 11.25. O Léxico BAGD mostra que a expressão refere-se ao vinho.<sup>6</sup> Se a expressão pode ou não referir-se a outra bebida provinda da videira (suco de uva) é questão alheia à discussão, tratando-se de anacronismo. Jesus utilizou vinho, por ser esta a bebida na celebração da Páscoa. O vinho é, pois, legitimamente, o referente para a expressão “fruto da videira”, no relato da instituição da Santa Ceia.<sup>7</sup>

## A QUESTÃO HERMENÊUTICA

Algumas questões em que há diferença de posicionamento entre corpos eclesiais não se devem tanto à exegese específica de determinados textos bíblicos, mas à hermenêutica empregada. Em outras palavras, ao lermos textos que nos são caros e nos quais buscamos parâmetros para nosso posicionamento teológico, não somos completamente objetivos. Temos um “segundo texto” atuando, ou seja, a bagagem teológica que carregamos conosco. Isso nos leva a questões de base para a discussão, questões estas que só podem ser listadas, em um estudo como o atual.

O compartilhar do sacramento deve ser visto como um início de caminhada no estreitamento das relações ecumênicas, ou o coroamento de todo um processo? A unidade de fé, relacionada à participação conjunta na Ceia refere-se ao Evangelho no sentido estrito ou lato? O ministério pastoral tem jurisdição espiritual para dizer a uns: “Venha!” e a outros: “Aqui (por enquanto) não!”? A celebração feita por leigos (não clérigos) deve ser vista como abuso inaceitável, ou situação que pode ser admitida, ainda que como exceção ou por amor à unidade?<sup>8</sup>

Para algumas destas questões, nossa reação talvez seja: a resposta está “clara” no texto bíblico e nas Confissões! Talvez haja algo de verdade em tal reação. Exames mais aprofundados precisam ser desenvolvidos. No

---

<sup>6</sup> Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, traduzido e adaptado por William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, Revisado e Aumentado por F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker, p. 155. Com isto concorda B. Klappert, no *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, vol. I, p. 399, mostrando que na Ceia Pascal o vinho era usado.

<sup>7</sup> Nas Confissões Luteranas, podem ser encontradas, entre outras, as seguintes referências aos elementos: CA X 1; Ap X 1; AE 3ª parte VI 1; Cm VI 2; CM VI 8,9.

<sup>8</sup> O ponto levantado refere-se tanto a uma situação que vem sendo questionada na IELB, quanto ao ministério feminino, adotado pela IECLB.

entanto, prova de que o problema não se resolve tão facilmente é que estudos acadêmicos sérios fundamentam posicionamentos diferentes, partindo dos mesmos textos. Isto talvez não ajude muito na determinação de uma resposta, mas creio ser importante reconhecermos o “peso” de nossa bagagem histórica, cultural e teológica. Somente assim estaremos dispostos a ouvir posicionamentos diferentes, confrontar nossa própria posição de maneira crítica e dar passos decisivos para um avanço no diálogo. O autor deste texto reconhece que nas afirmações feitas no decorrer do trabalho fica transparente um posicionamento teológico.

# A Teologia da Esperança: uma análise de Jeremias 33.1-8

Nestor Duemes e Acir Raymann\*

## ASPECTOS PRELIMINARES

Jeremias nos é apresentado como um homem de Deus. Ele o foi. Pregou arrependimento como nenhum outro profeta. Foram quarenta anos de atividade profética. Nenhum personagem mais enérgico ou mais trágico subiu ao palco de Israel do que o profeta Jeremias<sup>1</sup>. Mas em todo tempo foi fiel ao chamado que o SENHOR havia lhe dado. E o SENHOR não pede nada mais de um profeta Seu<sup>2</sup>.

Jeremias exerceu seu ofício durante o governo de cinco reis: Josias<sup>3</sup>, Jeoacaz<sup>4</sup>, Jeoaquim<sup>5</sup>, Joaquim<sup>6</sup>, e Zedequias<sup>7</sup>. Natural de Anatote<sup>8</sup>, Jeremias começou ainda muito jovem<sup>9</sup> sua missão profética, no “décimo terceiro ano do reinado do rei Josias”; ou seja, no ano 627 a.C. “A obra de Jeremias tomou lugar durante uma das eras mais críticas da história do povo Hebreu”<sup>10</sup>.

---

\* Rev. Nestor Duemes é pastor e capelão na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) em Goiatuba, GO. Dr. Acir Raymann é professor de Teologia na ULBRA, Canoas, RS, e Professor de Teologia Exegética no Seminário Concórdia onde exerce também as funções de Deão Acadêmico, editor de Igreja Luterana e coordenador de pós-graduação.

<sup>1</sup> BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 450.

<sup>2</sup> GOSDECK, David M. *Jeremiah and Lamentations*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1994. p. 2.

<sup>3</sup> O rei Josias assumiu o trono em Judá com oito anos de idade e governou de 640 – 609 a.C. Foi o último rei piedoso de Judá; sob seu comando foi promovida uma séria reforma religiosa. Esta reforma se deu no oitavo ano de seu reinado, quando ele tinha, portanto, dezesseis anos de idade (2Cr 34.3).

<sup>4</sup> Jeoacaz era filho de Josias e assumiu o trono aos 23 anos. Foi um rei ímpio. Reinou apenas três meses.

<sup>5</sup> Jeoaquim era também filho de Josias. Reinou durante onze anos, de 609 – 598 a.C..

<sup>6</sup> Joaquim era filho de Jeoaquim. Seu reinado durou três meses e onze dias.

<sup>7</sup> Zedequias foi assim o último rei de Judá antes da destruição de Jerusalém (586). Seu reinado estendeu-se de 597 – 586 a.C.

<sup>8</sup> Anatote era uma pequena vila localizada a cerca de quatro km. a nordeste de Jerusalém, fazia parte da tribo de Benjamim.

<sup>9</sup> O termo Hebraico aqui é נַיִם. Podendo ser traduzido por “jovem”, “menino”, “criança”. Aparece em Gênesis 37.2, onde lemos que “José tinha dezessete anos, sendo ainda נַיִם.” A partir desta passagem poderíamos concluir que Jeremias tinha então em torno de dezessete anos, mas נַיִם igualmente usado em Êxodo 2.6, descrevendo Moisés, quando este tinha três meses de idade e fora, por sua mãe, colocado num cesto e deixado nas águas do rio. Harrison nota que Jeremias nasceu por volta de 640 a. C. HARRISON, R. K. *Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1969. p. 802.

<sup>10</sup> Ibidem

Em todo o seu ministério profético Jeremias via-se a si mesmo como parte da mensagem de Deus a ser passada ao povo. Tinha uma mensagem específica para um povo específico, que vivia dentro de um tempo igualmente peculiar. A mensagem era de juízo pelo pecado do povo, mas também de salvação por causa da misericórdia e do amor de Deus. O povo ao qual Jeremias devia pregar era o de Israel e de Judá<sup>11</sup>, o escolhido e amado pelo SENHOR. O tempo era especialmente específico. São vistos através da pregação do profeta e também do relato histórico do Livro dos Reis e de Crônicas a rebeldia do povo, seu afastamento de Deus, sua idolatria, e todos os muitos outros pecados que decorriam destes.

Em meio a este povo e dentro deste tempo está Jeremias. Descrevendo a vida do profeta, Thompson afirma:

Jeremiah is unique among the prophets of the Old Testament in several respects. We know more about his life than we do about the life of any other prophet, although this does not mean we are in a position to write anything approaching a full biography. We also know far more about the personal feelings of Jeremiah than we do for any other prophet. Others delivered their oracles without disclosing much of their inner selves, whereas Jeremiah laid bare the emotional conflicts of a man who was chosen to be a spokesman for God to his own generation but very much against his personal inclinations. He suffered both physically and emotionally probably more than any other prophet<sup>12</sup>.

Jeremias não teve vida fácil. Antes o contrário. A exemplo de Noé, foi chamado a pregar numa era em que as pessoas não queriam ouvir<sup>13</sup>. Foi vítima de profundo sofrimento e desprezo. Suas palavras de advertência não encontravam ouvidos abertos e dispostos a escutar. Ao invés de encontrar corações tocados pela Palavra do SENHOR, por ele anunciada, encontrava a dureza de um coração rebelde e influenciado pela deturpada mensagem de falsos profetas.

---

<sup>11</sup> Jeremias dirige sua mensagem tanto aos de Israel como aos de Judá. E não só a este povo, mas às nações em geral(1.5). O termo hebraico é גוים, denotando nações no sentido amplo – todas as nações. A LXX traduz por *ἔθνη*; a mesma expressão usada por nosso Senhor Jesus em Mt 28.Os capítulo 46 – 51 demonstram a dimensão universal do ministério de Jeremias.

<sup>12</sup> THOMPSON, J. A. *The Book of Jeremiah*. Grand Rapids: Eerdmans, 1980. p. 94.

<sup>13</sup> GOSDECK, op. cit., p. 1.

O desprezo do povo às palavras de Jeremias levou este a viver situações de absoluta e extrema solidão e dificuldade. Em Jeremias vemos as feridas causadas pela sua fidelidade ao chamado do SENHOR e pela conseqüente reação de mãos odiosas de pessoas descrentes.

Jeremiah spent a night in the stocks and several periods in cisterns and prisons of various sorts. He experienced a plot against his life by the people of his own village. In addition he suffered the ostracism and misunderstanding of priests, prophets, officials, and ordinary people over many years.<sup>14</sup>

Também a situação local e presente de Israel e de Judá não representava um quadro apreciável. A vida de Jeremias foi vivida num tempo de constantes mudanças no mundo antigo. Foi um tempo em que trouxe para o pequeno reino de Judá, rápida e violentamente movimentos no pêndulo da fortuna, breves momentos de esperança, mas para a maior parte, crise depois de crise, e no fim, desastre que não podia ser imaginado. Neste aspecto, Jeremias pôde testemunhar a morte de seu próprio país<sup>15</sup>.

No entanto, nenhuma dificuldade pôde fazer calar a voz do profeta. O jovem pregador falou com vigor contra o paganismo, sobre a apostasia e sobre a crescente ingratidão do povo do SENHOR<sup>16</sup>.

Neste estudo, o foco está voltado para o capítulo 33 deste que é o mais longo dos Livros proféticos do Antigo Testamento. Em virtude disso, é necessário que se pergunte pela situação do profeta e do povo durante os dias em que Jeremias recebe e anuncia os oráculos que formam o referido capítulo.

A unidade e nacionalidade do povo estavam destruídas. Boa parte dos habitantes estava na Babilônia. Outros ainda pisavam o devastado solo de Judá e de Israel. “Mesmo que muitos do povo tivessem sido deportados, do Reino do Norte em 722 a.C. e do Reino do Sul em 597 a.C.<sup>17</sup>, bom número

---

<sup>14</sup> THOMPSON, op. cit., p. 94.

<sup>15</sup> BRIGHT, J. Jeremiah. In: *The Anchor Bible*. Garden City: Doubleday & Company, 1965. p. 28.

<sup>16</sup> THOMPSON, op. cit., p. 97.

<sup>17</sup> O reino do norte é Israel, cuja capital era Samaria; o reino do sul era Judá, tendo Jerusalém como capital. O reino de Davi veio a ser dividido por volta do ano de 922 a.C., quando da morte de Salomão. Engana-se quem pensa que o reino do sul estava em boa situação social, econômica ou política pelo fato de Judá existir como nação independente depois que o reino do norte havia sido destruído pelos Assírios (722 a C.). Judá também sofrera a invasão dos Assírios e depois desta data passou a viver como vassalo da Assíria.

deles, talvez a maioria, não saíram da terra”<sup>18</sup>. Jeremias está em Jerusalém. Estava para ser levado junto com o povo até Babilônia. Porém, “Zedequias, rei de Judá, o havia metido na prisão, que existia no pátio da guarda na casa do rei de Judá” (Jr 32.2). Por ser de Anatote, que fica nas proximidades ao norte de Jerusalém, podemos dizer que Jeremias optou por permanecer em sua casa, mesmo estando esta destruída e morta<sup>19</sup>.

Este é o pano de fundo para o capítulo 33 de Jeremias, bem como para todo o Livro da Consolo<sup>20</sup>. Por isso as palavras de esperança para o futuro são ditas a um povo que se encontra na mais absoluta ruína. O país se encontra devastado. O templo está destruído. As casas foram derrubadas. Os líderes do povo estão no cativeiro. As pessoas estão dispersas. Não há nada no povo nem na terra que possa falar de esperança por dias melhores.

## **ASPECTOS TEXTUAIS**

O capítulo 33 de Jeremias dá seqüência ao assunto trabalhado no capítulo 32<sup>21</sup>. Naquele capítulo é feito uso de material deste, bem como de outras partes do livro de Jeremias como um todo<sup>22</sup> e de outras parte do Antigo Testamento<sup>23</sup>.

O consenso de o assunto de 33 ser uma continuação do que é tratado no capítulo 32 pode ser visto com bastante clareza a partir da leitura de 33.1, onde é estabelecido o local da revelação do SENHOR no tempo em que Jeremias ainda estava encarcerado na corte da guarda do templo, onde a

---

<sup>18</sup> THOMPSON, op. cit., p. 554.

<sup>19</sup> PFEIFER, Charles F. *Old Testament History*. Grand Rapids: Baker Book House, 1973. p. 404.

<sup>20</sup> Os capítulos 30-33 de Jeremias apresentam palavras de muito consolo e conforto para o povo de Deus. Por esta razão formam o que nos é conhecido como o Livro da Consolo, ou o Livro da Esperança. LASOR, William S., HUBBARD, Davida A., BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. Lucy Yamakami, trad. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 374-75.

<sup>21</sup> KEOWN, Gerald, SCALISE, Pamela, SMOTHERS, Thomas. Jeremiah 26-52. In: *World Biblical Commentary*. Dallas: Word Books, 1995. p. 167.

<sup>22</sup> Um exemplo disto é visto no paralelo que há entre a referência feita ao “Renovo de Justiça”, que aparece em 23.5, e igualmente repetida em 33.15. Note-se também a expressão “Eis que vêm dias”, que é encontrada ao longo de todo o livro de Jeremias; no Livro da Esperança e em 23.5 anunciando restauração e consolo e nas demais partes do Livro anunciando devastação e juízo.

<sup>23</sup> Aqui poderiam ser inúmeros os exemplos, mas restringimo-nos à referência feita ao renovo, que aparece também em Isaias 11.1 e em Zacarias 3.8 e 6.12. Igual uso pode ser visto quando Jeremias fala da obra perdoadora de Deus, fazendo coro com a unanimidade dos profetas do Antigo Testamento.

Palavra do SENHOR lhe veio pela “segunda vez”, já que em 32.1 lemos que a Palavra do SENHOR veio a Jeremias enquanto ele estava na corte da guarda do templo<sup>24</sup>.

Os primeiros 8 versículos de 33 apresentam, como veremos, um tema de paz e prosperidade em uma nova era<sup>25</sup>. Pelo fato de estarem as nações de Israel e Judá destruídas e devastadas, a Palavra do SENHOR (דְּבַר־יְהוָה) veio a Jeremias para anunciar ao povo uma mensagem promissora. Esperança é um tema que parece resumir de forma objetiva as palavras que vêm ao profeta enquanto ele ainda estava preso na corte da guarda do templo. E essa esperança que salta desses versos não é apenas uma esperança da futura restauração do Reino Davídico, mas igualmente uma esperança visualizada para o futuro sacerdotal dos levitas<sup>26</sup>. Brota dessa perícopé (33.1-8) uma esperança que vai além da devastação e conduz o olhar para dentro da realidade de um Novo Princípio que será inaugurado pelas mãos do SENHOR<sup>27</sup>. Essa esperança é a que queremos mirar quando analisarmos os oito primeiros versículos do capítulo 33 do Livro do profeta Jeremias.

## TRADUÇÃO DO TEXTO

- 1: “Veio a Palavra de Yahweh a Jeremias segunda vez, enquanto ele ainda estava preso no cárcere da corte, dizendo:
- 2: Assim diz Yahweh, o que fez [isto], Yahweh que formou [isto] que estabeleceu [isto]; Yahweh é o Seu nome.
- 3: Clama a mim, e eu te responderei, e te mostrarei coisas grandiosas e misteriosas, coisas que não conheces.
- 4: Porque assim diz Yahweh, Deus de Israel, a respeito das casas desta cidade e com respeito às casas dos reis de Judá, que foram destruídas para serem usadas contra as rampas e espadas vindas na luta contra os caldeus<sup>28</sup>:

---

<sup>24</sup> KEOWN, SCALISE, SMOTHERS, op. cit., p. 167.

<sup>25</sup> THOMPSON, op. cit., p. 598.

<sup>26</sup> HOLLADAY, William L. A Commentary on the Book of the Prophet Jeremiah: Chapters 26-52. In: *Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible*. Philadelphia: Fortress Press, 1986. p. 231.

<sup>27</sup> THOMPSON, op. cit., p. 598.

<sup>28</sup> Falando a respeito dessa luta com os caldeus, Thompson escreve “something of the nature of the houses of the ordinary citizens of Jerusalem has been brought to light in important excavations on the eastern slope of the city overlooking the brook Kidron. It became very clear that there were typical Iron Age houses built down the slope on terraces. Under the assault of the Chaldean army considerable areas of the terraces and the houses which rested and slid down the slope, leaving an unbelievable mass of fallen masonry which had to be cleared before the excavations could reach the structures that had been preserved (cf. Neh. 2:12-14)”. THOMPSON, op. cit., p. 598.

- 5: Pois elas serão enchidas com cadáveres das pessoas que ferir, pois dela - desta cidade – escondi o meu rosto por causa do mal deles.
- 6: Eis que eu lhes trarei saúde e cura, e os curarei, e revelarei a eles abundância de paz e verdade.
- 7: E os farei retornar Judá e Israel do cativeiro, e reconstruí-los-ei, como no princípio.
- 8: E purificá-los-ei de toda a iniquidade, com que pecaram contra mim, e perdorei toda a iniquidade que cometeram e transgrediram contra mim.”

## **AS PROMESSAS**

### **a) A Palavra**

O profeta Jeremias está na prisão. O povo devastado. Não há consolo em nada do que pode ser visto ou ouvido ao redor. Eis que: “Veio a Palavra do SENHOR a Jeremias”. A *דְּבַר יְהוָה* vem a Jeremias. Esta expressão aparece aproximadamente 240 vezes no Antigo Testamento<sup>29</sup>. Por vezes ela vem e fala de lei, de condenação e destruição; no entanto, outras vezes, ela vem falar de evangelho, e traz esperança, como é o caso aqui no Livro da Esperança. Não importa a situação de catástrofe na qual se encontram profeta e povo. Quando estavam com a vida em posição de estabilidade e aparente ordem e crescimento, o templo conservado, Jerusalém cheia de vida, eis que a *דְּבַר יְהוָה* vinha a Jeremias em forma de oráculos de admoestação, de duros chamados ao arrependimento, que pela boca do profeta eram dirigidos contra os reis, os príncipes, os sacerdotes e contra o povo de Israel e de Judá (*עַם*) e também contra as nações (*גוֹיִם*). Não importa qual seja a situação do povo receptor da *דְּבַר*, boa ou ruim, a *דְּבַר* vem. Aqui no capítulo 33, a *דְּבַר* vem falar de esperança para quem está na ruína.

A raiz *דבר* aparece mais de 2.500 vezes no Antigo Testamento: o substantivo mais de 1.400 vezes e o verbo mais de 1.100. A origem de *דְּבַר* não está clara, embora seja comum em línguas semíticas<sup>30</sup>. Em Jeremias *דְּבַר* é o que o profeta recebe de Deus e é também a ação que ele deve exercer. A *דְּבַר* nunca é inventada pelo profeta, mas sempre ouvida por ele e por ele anunciada<sup>31</sup>. Nesse sentido, *דְּבַר* pode ser uma profecia, uma promessa recebida e anunciada pelo profeta.

---

<sup>29</sup> SCHMIDT, W. H. In: *Theological Dictionary of the Old Testament*. G. Johannes Botterweck, ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1974. vol. III., p. 111.

<sup>30</sup> KALLAND, Earl S. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 293.

<sup>31</sup> SCHMIDT, op. cit., p. 109.

A ação reveladora do Deus de Israel e de Judá é freqüentemente indicada com יהוה דבר יהוה: a alguém ou sobre alguém<sup>32</sup>; isto é absolutamente comum em todos os profetas, não sendo diferente em Jeremias. A דבר יהוה está intimamente relacionada com o poder de Deus. No texto que estamos focando ela fala de futuro. E Ela é uma palavra que sempre se cumpre:

O cronista diz que o SENHOR levantou Ciro “para que se cumprisse a דבר proferida pela boca de Jeremias”. Por meio de Isaías o SENHOR diz que a sua דבר será como a chuva e a neve que tornam a terra produtiva. “Não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz, e prosperará naquilo que a designei” (Is 55.11). Jeremias também promete que o Espírito e a יהוה דבר jamais se afastarão do povo e declara que esta דבר é como “fogo [...] e martelo que esmiuça a penha” (Jr 23.20)”<sup>33</sup>.

Aqui em Jeremias 33 a importância de דבר é fundamentalmente teológica. Ela é algo que vem da parte de Deus em direção do que está perdido. Ela vem oferecer sentido ao que não passa de ruínas da destruição praticada pela ação devastadora do inimigo. Ela vem a Jeremias para oferecer algo pelo qual ninguém mais podia esperar. A דבר יהוה vem apesar de todo o horror presente!

### b) O Nome

Neste versículo tem-se a descrição Daquele que é a fonte da דבר: o SENHOR<sup>34</sup>. Ele é quem “fez, formou e estabeleceu a terra”. Ele é quem a mantém. Estabeleceu todas as coisas que há no céu e na terra. יהוה é a figura central de todo o Antigo Testamento<sup>35</sup>. יהוה é o Seu Nome. Ele é o Criador e SENHOR da totalidade do universo, dos homens, Senhor da vida e da morte. Acima de tudo, é o Deus de Israel, o Seu povo da Aliança<sup>36</sup>. Isto pode ser especialmente notado quando olhamos para o livro de Gênesis.

<sup>32</sup> KALLAND, op. cit., p. 295.

<sup>33</sup> Ibidem

<sup>34</sup> A LXX na maioria das vezes traduz o Tetragrama רב יהוה טרָךְ onde ocorre cerca de 9000. Vale a pena lembrar que durante o período pré-exílico até o período de Alexandre (356-323 a. C.) aconteceu a substituição do nome próprio יהוה pelo título ארִי יהוה. Só este título aparece mais de 6000 vezes no Antigo Testamento. A expressão יהוה שְׁמוֹ aparece apenas 4 vezes em todo o Antigo Testamento.

<sup>35</sup> FREEDMAN, D. N. O'CONNOR, M. P. In: *Theological Dictionary of the Old Testament*. op. cit., vol. 5, p. 517.

<sup>36</sup> BIETENHARD, H. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1983. vol. IV. p. 424.

Lá vemos אֱלֹהִים a criar (Gn 1.1-2.3). É a manifestação de Deus em sua onipotência. O texto passa a falar em יהוה quando torna a relatar a formação do gênero humano e a comunicar-se com ele (2.4,5,7,8,9,15). Aqui é a revelação de Deus na sua pessoalidade. Eis que quem fala as palavras de esperança e de conforto que formam nosso texto em foco é o Deus da Aliança: יהוה, o Deus pessoal<sup>37</sup>. O Deus que fez a aliança com Seu povo Israel. O Deus que vai ao encontro de seu povo perdido, devastado, infiel, destruído e promete com eles fazer nova Aliança (Jr 31.31-33). Este é יהוה, o SENHOR! O Espírito Santo parece não estar muito preocupado com a repetição do nome de Deus. Neste único versículo ele o faz três vezes. Nada queremos ver nesta repetição além de absoluta ênfase na pessoa que é o sujeito da ação de falar a דְּבַר da esperança futura para o povo desesperançado.

Depois de estar apresentada a fonte da mensagem, o povo é convidado a buscar esta fonte: o Deus que fizera aliança com eles; junto com o convite, a garantia de serem ouvidos. Este “clama a mim e eu te responderei” (v. 3) não é um simples convite. Aqui o povo ouve o convite de clamar aos ouvidos de יהוה estando eles vivendo dias horríveis. Clama a mim, não importa a situação em que estás.

A prometida e assegurada resposta de יהוה vem em forma de revelação de coisas grandiosas (גְּדֹלוֹת) e misteriosas (בְּצֻרוֹת) e coisas que o povo não conhecia (v. 3). O particípio בצֻרוֹת normalmente significa “fortificado”; sua implicação aqui, como “coisas inacessíveis”, “coisas misteriosas” é única no Antigo Testamento<sup>38</sup>. O contexto imediato indica que essas coisas grandiosas, misteriosas e desconhecidas, que obviamente dizem respeito ao futuro, e que estavam além da compreensão das pessoas naquele tempo, tornam-se compreensíveis quando “os dias” chegam. Bastante conhecidas ao povo da época eram sua miséria, sua desesperança, seus medos, seus pecados, sua ruína. יהוה tem mais a revelar. O que Ele tem a revelar são coisas “grandiosas e misteriosas”, e que eles “não conheciam”. E tudo continuaria sendo assim: mistério! Se Ele não as revelasse. Aqui Ele promete a revelação. E Ele tem muito a revelar. Ele tem a revelar porque também tem muito a dar.

---

<sup>37</sup> WEBER, Carl Philip. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. op. cit., p. 345.

<sup>38</sup> HOLLADAY, op. cit., p. 224

Em suma pode-se ver grande desolação sendo descrita nos vv. 4-5. Desolação que dificilmente podemos imaginar, pois a vida do povo segue tendo a face do SENHOR resplandecendo sobre ele. A destruição aqui descrita se deu em virtude de כָּל־רָעָם. E por causa de todo esse mal, o SENHOR escondeu deles a Sua face. As coisas grandiosas e misteriosas que as pessoas não conhecem, começam agora a ser reveladas.

### c) A Cura

Este substantivo representa a cura de uma ferida. Restauração da carne machucada. A imagem é da formação da nova carne sobre a parte ferida. A promessa de יהוה aqui revela que Ele trará nova carne para os corpos feridos e machucados<sup>39</sup>. O uso aqui é tanto figurado quanto literal. É literal porque o povo estava quebrado, ferido, machucado, exilado e por isso a promessa de que Deus trará אֲרָכָה tem em primeiro plano conotações físicas. Precisavam de uma nova carne, uma nova vida, uma renovação da vida. Por causa da desolação presente e visível diante dos olhos daquela gente, uma promessa de renovação e de restauração era algo que nem ao menos podia ser sonhado por eles. O substantivo אֲרָכָה tem a conotação figurativa porque a causa de toda a desolação, de todo o ferimento e de todo o sintoma de morte era o pecado das pessoas. E o pecado precisa ser tirado de cima da velha carne.

Em Jeremias a promessa de que אֲרָכָה רָאֵתָה יהוה ao povo se dá somente dentro do Livro da Esperança, ou seja, aqui em 33.6 e na primeira parte deste Livro, em 30.17<sup>40</sup>. Nesta, os falsos profetas falam de cura (6.14; 8.11; 8.15; 14.19). O texto diz que eles “curam superficialmente a ferida do povo”. E o fazem desta forma porque não são como יהוה e não podem trazer אֲרָכָה.

A אֲרָכָה קָ יהוה promete trazer ao povo é cura para as feridas causadas no exílio, não pelo exílio, mas pelo pecado do povo, verdadeira causa do exílio.

### d) Saúde

אֲרָכָה pode ser traduzido por fidelidade, segurança, abundância de coisas

<sup>39</sup> BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles. *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 3th print, 1997. p. 74. O substantivo tem sua origem na raiz para, que se traduz por “alongar, tonar mais longo, prolongar”. Em especial o verbo é usado para descrever o tempo de vida de uma pessoa.

<sup>40</sup> THOMPSON, J. A, op. cit., p. 599. O substantivo אֲרָכָה é ainda encontrado em Jr 29.28, onde deve preferencialmente ser traduzido por “tempo de duração”.

<sup>41</sup> BROWN, op. cit., 54.

boas<sup>41</sup>, podendo aqui também ser traduzido por saúde, onde o contexto aponta para ela. Portanto, a promessa é de “cura e saúde”. É importante notarmos a relação que há entre os dois substantivos. Primeiro é oferecida a cura e depois disto vem a promessa de saúde, como querendo apontar uma ação contínua operada pela mão do SENHOR. Assim, o SENHOR promete estabilidade de vida, vida saudável, continuamente saudável.

Na literatura do Antigo Testamento o verbo רָפָא tem conotações de cura, tanto física quanto espirituais. Quando se danificam o bem-estar e a saúde mental ou física dos homens, יהוה promete se envolver e Ele se envolve na tarefa de curar o corpo e a alma, o físico e o espiritual. De forma figurada רָפָא denota o perdão pelos pecados, sendo esta a primeira e principal atividade de cura da parte do SENHOR. E este parece ser também o caso aqui, quando atentamos para o contexto no qual o povo se encontrava. Havia a necessidade da cura física, sim, mas antes de qualquer cura física, no corpo, fazia-se sumamente necessária a cura da alma, trazida unicamente pelo perdão de יהוה.

É uma característica da fé em יהוה reconhecer que somente Ele é a fonte de toda a cura (“Eu, יהוה, sou quem te cura”, Êx 15.26)<sup>42</sup>. É necessário que tenhamos um olhar direcionado à escatologia neste ponto, bem como em todo o Livro da Esperança, mas isto não deve nos impedir de vermos a mão curadora do SENHOR presente na vida de Seu povo.

Embora o pensamento racional encontre certas dificuldades a respeito de milagres de cura, devemos nos precaver de nos contentar com explicações meramente psicológicas ou parapsicológicas para a cura<sup>43</sup>. Nada impede de crer que Deus está exercendo os milagres de curar, pois esta é a Sua promessa reafirmada aqui em Jeremias 33<sup>44</sup>.

No povo não havia nada que pudesse dar-lhes esperança de cura. Por isso a promessa de que יהוה curaria o povo soou significativa para o futuro de Israel. E esta é a esperança que יהוה quer trazer: quando tudo parece perdido, aí torna-se única a esperança de Sua רִבְרָא, assim como Ele é único. Esperança que vai contra as evidências. A cura que vem de יהוה é única porque só ela envolve a cura da consciência, trazida pelo perdão (cura figurada).

---

<sup>42</sup> GRABER, F. MÜLLER, D. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. op. cit., vol. I., p. 580.

<sup>43</sup> Ibid., p. 582.

<sup>44</sup> Esta promessa é afirmada em Jeremias 30.17.

יהוה não somente cura, mas Ele permite a doença se fazer presente. Quando a situação parece apontar para doenças incuráveis – sejam físicas ou espirituais – aparece a cura prometida e trazida pelo SENHOR. Parece um paradoxo. Mas paradoxos não significam um problema para os profetas do Antigo Testamento. יהוה podia tomar uma nova direção sem ser preciso que Ele avisasse que estava por fazê-lo<sup>45</sup>. O Grande Médico prometeu cura. Quando todos desistiram de lutar e de acreditar, יהוה promete curar e fazê-los ter saúde<sup>46</sup>. O povo podia expressar a sua desesperança, mas a promessa de יהוה é de esperança, de certeza, de cura; mesmo contra a situação presente e suas evidências tão contrárias.

### e) Paz

No piel o verbo גלה sempre denota “revelar” algo que de outra forma está normalmente oculto. Assim, significa “abrir os olhos para ver”, “tornar conhecido, revelado, manifesto”. Aqui em 33.6 refere-se ao SENHOR em Sua revelação de paz e de verdade a Israel<sup>47</sup>. גלה é o sujeito de גלה. Ele promete revelar algo que é dele, que tem nele a sua fonte e é dado só por Ele, por nenhum outro. É um ato de desocultação divina. Revelação da parte de Deus, e não busca por parte do povo. Há uma relação bastante íntima entre “revelação” e “promessa”. Deus se revela sob a forma de promessa e pela história da promessa. A “teologia deve ser compreendida escatologicamente, isto é, dentro do horizonte da promessa e da espera pelo futuro da verdade”<sup>48</sup>.

A palavra שלום vem carregada de sentidos na língua hebraica. O SENHOR está dizendo por intermédio do profeta que Ele revelará abundância de שלום ao Seu povo. O termo שלום pode ser definido como “plenitude de bem-estar, solidez, saúde, paz, prosperidade, sossego, despreocupação, tranquilidade, êxito, relacionamento próspero, amizade, amabilidade, segurança, salvação”<sup>49</sup>. Se olharmos para a situação vivencial na qual se encontrava o povo no presente contexto, veremos que שלום aqui está carregado com o peso de muitas dessas conotações.

A palavra שלום se encontra entre as palavras teológicas mais importantes do Antigo Testamento. שלום ocorre mais de 250 vezes em 213 versículos

<sup>45</sup> THOMPSON, op. cit., p. 558.

<sup>46</sup> GOSDECK, op. cit., p. 192.

<sup>47</sup> WALTKE, Bruce K. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. op. cit., p. 265.

<sup>48</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Editora Herber, 1971. p. 34.

<sup>49</sup> BROWN, op. cit., p. 1022.

distintos. A LXX emprega vários vocábulos dos grupos “sozo”, “eirene”, “teleios” para traduzir שלום, que aparece em outras línguas da família semítica, teve influência na ampliação da idéia grega de “eirene” de modo a incluir as idéias semíticas de crescimento e prosperidade<sup>50</sup>.

O termo שלום implica o resultado da atividade divina na aliança e também o resultado da retidão<sup>51</sup>. Ela é muito mais do que a simples ausência de guerra. Ela é novamente algo que o SENHOR vem trazer e dar ao Seu povo. Não é algo que pode ser buscado, pois precisa ser dado; e só pode ser dado por יהוה, a Fonte de toda שלום! שלום é a dádiva de Deus, e é somente na Sua presença que pode ser recebida<sup>52</sup>.

É impossível olhar para a palavra שלום e não ver o שר-שלום proclamado por Isaías (Is 9.6). Austel afirma que

Também está presente no significado de שלום um forte elemento escatológico. O Messias, “o Filho maior de Davi”, é especificamente identificado como o Príncipe da Paz (שר-שלום), Aquele que traz prosperidade e retidão à terra. Paulo (Ef 2.14) associa esses temas ao identificar Cristo como a nossa Paz. Ele é o príncipe messiânico que traz inteireza, mas é também a palavra definitiva de Deus – o “sacrifício derradeiro” que traz redenção à humanidade<sup>53</sup>.

Neste sentido fica ainda mais evidente que שלום é a dádiva<sup>54</sup> de יהוה. Este é o tema específico dos profetas, que se ocupam com a proclamação da שלום<sup>55</sup>. Jeremias em especial proclamava que יהוה retira a sua שלום em julgamento, quando o povo não ouve a voz do mensageiro de Yahweh (Jr 12.12; 14.19; 16.5; 25.37)<sup>56</sup>.

---

<sup>50</sup> AUSTEL, Hermann J. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. op. cit., p. 1573.

<sup>51</sup> Ibidem

<sup>52</sup> BECK, H. BROWN C. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. op. cit., vol. III, p. 475.

<sup>53</sup> AUSTEL, op. cit., p. 1574.

<sup>54</sup> Podemos ver יהוה como o doador da שלום de forma bastante enfática especialmente nos Salmos 4.8; 29.11; 35.27; 37.11; 55.18; 73.3; 85.8; 119.165; 122.6; 125.5; 147.14.

<sup>55</sup> BECK, BROWN, op. cit., p. 476.

<sup>56</sup> Mesmo que יהוה seja a única verdadeira fonte da verdadeira שלום, os falsos profetas, nos dias de Jeremias, praticavam o anunciar de algo contrário. “Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: שלום, שלום, quando não há שלום (Jr 8.11).

Com a tomada e destruição total de Jerusalém, do templo e de toda a vida em todo o país (597-587 a.C.) a proclamação da שָׁלוֹם tornou-se a mensagem central e mais importante para Jeremias. Quando havia vida, mesmo o povo vivendo em apostasia, os falsos profetas anunciavam שָׁלוֹם nesta situação a mensagem de יהוה ao povo era de arrependimento e mudança de vida. O povo, no entanto, preferia acreditar nos falsos profetas. Jeremias fora desacreditado por todos. Sofreu as conseqüências.

Agora os falsos profetas não sabem o que dizer ao povo. Estão calados. Nada ouve-se deles. יהוה, através de Jeremias, proclama esperança contra as evidências: שָׁלוֹם<sup>57</sup> para dentro de uma realidade que contrastava totalmente com todos os significados do termo.

שָׁלוֹם, pois, precisa ser vista numa perspectiva escatológica. Ela faz com que o povo olhe para o Messias, Aquele que “é a nossa Paz”( Ef 2.14). Tendo o Messias, o povo tem a שָׁלוֹם e, da mesma forma, encontra-se num caminho em direção à שָׁלוֹם. Ela foi colocada dentro do coração do povo, e ardentemente este mesmo povo aguarda o dia em que será colocado dentro dela. Caminham na שָׁלוֹם em direção à שָׁלוֹם.

#### f) O retorno

Foi o SENHOR quem enviara Judá e Israel ao cativeiro, por causa do mal que haviam cometido. É o mesmo SENHOR quem promete esperança ao dizer para o mesmo povo: “Eu farei retornar do cativeiro a Judá e a Israel.” A força não estava no braço de qualquer ser humano de entre o povo, mas no braço de יהוה tão somente. E o Deus fiel não se omite, mas apresenta a Sua Palavra que é promessa e promessa de esperança com relação ao futuro.

O verbo שׁוּב adquire especial importância em todo o livro de Jeremias.<sup>58</sup> Nesta perícopre שׁוּב precisa ser visto e entendido, antes de mais nada, como a “volta do exílio”. O exílio ocorrera por causa do pecado do povo, por isso podemos ver em שׁוּב tanto a idéia da volta do exílio como do retorno a Deus. Como diz Hamilton,

---

<sup>57</sup> A centralidade de שָׁלוֹם também é vista na mensagem de Isaías, na segunda parte de seu livro. “A aliança que traz a paz”, uma possível tradução para 54.10, tem conotações escatológicas, apontando para a obra do Messias. Messias este que é a “Justiça”, o “resplendor”, a “salvação” e a “glória” em Is 62. A שָׁלוֹם será vista, vivida e experimentada de forma plena, sem interferências, no “novo céu e na nova terra” descritos em Isaías 65.

<sup>58</sup> HAMILTON, Victor P. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. op. cit., p. 1532, afirma que o verbo aparece em torno de 1500 vezes no Antigo Testamento, sendo que 111 vezes em Jeremias.

Deve-se assinalar que em vários lugares שׁוּב significa “voltar do exílio.” ... deve ser óbvia a associação das idéias de volta do exílio e de volta para a aliança. A volta do exílio era a restauração e a recuperação tanto quanto o era a volta de qualquer forma de pecado. Que Deus havia de permitir ambas as voltas é algo que confirma a sua fidelidade à aliança<sup>59</sup>.

### g) Reconstrução

Aqui nesta promessa positiva do SENHOR no v. 7 temos um eco de Gênesis 1.1. A promessa é de que tudo estará de novo “muito bom”. Novamente a realidade da cena presente e o teor da promessa são profunda e completamente contrastantes. Para uma realidade onde tudo cheira morte e destruição, a promessa é de que tudo será vida e vida plena e *כְּבְרָא שְׁנֵה*, “como no princípio”.

O verbo בָּנָה (“construir”, “reconstruir”) necessariamente requer um sujeito, podendo este ser Deus ou o homem. Em contextos teológicos, בָּנָה é usado figurativamente para descrever a criação do mundo<sup>60</sup>. Há uma relação bastante clara de בָּנָה com a teologia da criação – e isso nos remete de volta ao Éden. O Éden faz lembrar a criação, mas muito mais: a salvação e a nova criação.

In the Old Testament God also clearly appears as subject of בָּנָה activities which are quite concrete and extensive, e.g., in Jeremia’s creation theology (Gen 2:22, and Yahweh built the rib into a woman), in doxological contexts, as in the Amos tradition (Am 9:6; Ps. 104:2-4), and in theological statements concerning salvation which are modeled on creation theology<sup>61</sup>.

A partir do contexto de Jeremias 33, precisamos ver o verbo בָּנָה como falando de uma reconstrução total do mundo e da realidade presentes. Obviamente que tal reconstrução tem implicações escatológicas; implicações estas que passam pelo ministério e cruz de Cristo, e pela missão da Igreja e que vão atingir seu clímax na segunda vinda do Senhor, quando tudo será novamente *כְּבְרָא שְׁנֵה*.

---

<sup>59</sup> Ibid., p. 1533.

<sup>60</sup> WAGNER, Siegfried. In: *Theological Dictionary of the Old Testament*. op. cit., vol. II., p. 168.

<sup>61</sup> Ibid., p. 173.

Muitas vezes tende-se a descrever a volta de Cristo apenas como um final. De fato será o final; será o final do pecado, do sofrimento humano, da idolatria e de tudo o que é promovido pela carne humana. Será o final do “presente século”. Mas antes de ser um final, a volta do Senhor será um Começo, um novo Começo. Os olhos de Jeremias passam pela cruz do Messias e por toda a Sua obra<sup>62</sup>, obra de cura, de restauração, de perdão e de restabelecimento da paz. Mas os olhos de Jeremias vão além; pois o mundo presente não é, de forma alguma, reconstruído “como no princípio”. Por este mundo Israel aguarda. Neste sentido, a volta do exílio significou ao povo o pleno cumprimento dessa promessa. Em certo sentido o foi. Mas havia muito mais por vir.

### h) A purificação

O verbo טָהַר aparece aqui Piel. E neste caso pode ser definido como “limpar”, “purificar”, “declarar limpo” “declarar puro”; tanto de forma física como também de uma forma cerimonial, ou ritual<sup>63</sup>.

Se a expressão וּבְנֵיהֶם כְּבָרָאשְׁנָה, “reconstruí-los-ei como no princípio”, lembra o refazer da parte do SENHOR da natureza e do ser humano, mais da natureza que do gênero humano, então וּטְהַרְתֶּם מִכָּל-עֲוֹנוֹתֵיכֶם, “purificá-los-ei de toda a sua iniquidade”, fala tão-somente da purificação do coração humano, mesmo que a natureza vá desfrutar bênçãos de tal ato divino, assim como sofre os danos de כָּל-עֲוֹנוֹתָי . As palavras de nosso Senhor Jesus Cristo “é do coração que procede todo o mal” (Mc 7.21-22) tornam-se relevantes para este contexto.

Esta ação de purificação não pode ser operada por mãos humanas. Não há pessoa que possa buscar e alcançar a verdadeira pureza por si própria. Até há quem busque tal purificação, a purificação de “todas as iniquidades, mas não há quem a alcance. Apenas Deus pode purificar”<sup>64</sup>.

---

<sup>62</sup> Em nenhum lugar a Nova Aliança promovida por Cristo e selada com a Igreja é tão claramente descrita no Antigo Testamento como em Jeremias 31.31-34, onde é anunciada e prometida a Nova Aliança. Jeremias fala desta forma de uma “Nova Aliança”; o Senhor Jesus diz: “isto é o sangue da Nova Aliança” (Mt 26.27) . Jeremias diz que o SENHOR “perdoará a iniquidade e o pecado do Seu povo”; Jesus diz: “tomai e bebei ... para o perdão dos pecados” (Mt 26.28).

<sup>63</sup> BROWN, op. cit., p. 372.

<sup>64</sup> YAMAUCHI, Edwin. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. op. cit., p. 563.

Quando usado em sentido físico, o verbo טָהַר aplica-se à purificação de utensílios do templo, da mãe após o nascimento de seu filho, do leproso depois de ser curado, de pessoas que tivessem tido contato com cadáveres de soldados que haviam estado na guerra, e de purificações feitas pelo fogo. A purificação prometida aqui tinha objetivos diferentes da purificação ritual. O verbo implica uma purificação moral<sup>65</sup>.

“Bem-aventurados os puros de coração”, são as palavras de Jesus em Mateus (Mt 5.7). No batismo o SENHOR lava, purifica e prepara para o encontro com Ele mesmo. O batismo é para os cristãos a esperança certa de que o encontro final dos purificados com o Purificador se dará. É tão certo quanto o encontro que o povo de Deus tem com o Senhor no Sacramento do Altar cada vez que o celebrar.

O substantivo נִיּוּן é traduzido por “iniquidade”. O estudo da hamartiologia no Antigo Testamento é preciso estudar vários conceitos<sup>66</sup>. Não é este o objetivo desta pesquisa. A promessa do SENHOR é bastante clara e lança profundo consolo sobre o coração culpado do povo: “Eu irei purificá-los de toda a sua iniquidade”.

Também não se pretende olhar para cada um dos pecados atuais do povo. Estes foram muitos e variados. Suas vidas eram feitas de ações por meio das quais “não atingiam o alvo”: não ouviram a voz do SENHOR, antes maltrataram e muito o Seu mensageiro, tinham sido maus com os órfãos, com as viúvas e com o peregrino.

O que importa é olhar para a causa primeira de toda a maldade que havia invadido a vida e a existência do povo. Segundo o depoimento do próprio Jeremias, eram duas as causas de tanta maldade e de tantas práticas que não condiziam com a vontade do SENHOR. Diz o SENHOR por

---

<sup>65</sup> BROWN, op. cit., p. 372.

<sup>66</sup> Falando sobre o tema, GÜENTHER, W. In: Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. op. cit., vol. III., p. 485 escreve: “O Antigo Testamento não tem uma palavra geral principal para ‘pecado’, conforme existe no Novo Testamento[...] Mesmo assim, o pecado era claramente reconhecido como uma realidade que fazia separação entre o homem e a nação de um lado, e Deus do outro lado [...] O próprio Yahweh é o padrão para aquilatar o certo e o errado. Sua aliança com o povo, Seus mandamentos e Sua palavra falada por homens escolhidos, são expressões da Sua vontade normativa. O destino do indivíduo dependia do SENHOR. Frequentemente não se fazia separação entre o pecado, a culpa e o castigo, porque o pecado, em si mesmo, é uma alienação dEle, e assim, traz sobre si o dano e o castigo”.

meio do profeta: “porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas rotas, que não retêm as águas” (Jr 2.13). O problema não estava nas mãos, nas pernas, na língua ou nos olhos do povo, mas estava no seu coração. O coração havia se alienado do SENHOR. Haviam trocado o Deus vivo por outros deuses sem vida. Cumpríssemos o Primeiro Mandamento, os outros não seriam mais necessários.

E é neste aspecto que o pecado é fracasso, erro, iniquidade, transgressão. Para o homem que vive nele, o mesmo é algo tremendamente mal, embora não o reconheça, por ser para o homem um mal insolúvel. Para o povo exilado e destruído ele significava um mal insolúvel. A característica mais notável do pecado, em todos os seus aspectos, é que ele é dirigido contra Deus<sup>67</sup>. Afastamento de Deus é andar contra Deus. Apostasia e rebelião descrevem uma ação de inimizade. Rebeldes são inimigos de Deus.

### i) Perdão

O Antigo Testamento utiliza especialmente três verbos para falar de perdão:  $\text{נָשָׂא}$ <sup>68</sup>,  $\text{כָּפַר}$ <sup>69</sup>,  $\text{סָלַח}$ . Presente em nosso texto,  $\text{סָלַח}$  descreve uma ação perdoadora exclusiva de Deus. Apenas Ele é o sujeito do verbo em todo o Antigo Testamento<sup>70</sup>. Walter C. Kaiser afirma que “este verbo, juntamente com  $\text{בָּרָא}$ , além de um pequeno número de outros verbos, é utilizado nas Escrituras apenas em referência a Deus”<sup>71</sup>. Perdoar é da essência do SENHOR. E somente Ele é perdoador. Os outros deuses não têm vínculo com o verbo  $\text{סָלַח}$ . Neste sentido emprega-se  $\text{חָלַט}$  para referir-se ao oferecimento que Deus faz de perdão ao pecador. Não se acha esta raiz, em nenhuma de suas formas, referindo-se a pessoas perdoadando-se mutuamente.<sup>72</sup>

<sup>67</sup> DOUGLAS, J. D. (Org.) *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 3 ed., 1979, vol. III., p. 1235.

<sup>68</sup>  $\text{נָשָׂא}$  é usualmente traduzido por “livrar da culpa” e “livrar do castigo”, “tomar o castigo”, “levantar”, “erguer”, “carregar”, “suportar”, “levar”, “levar embora”, “tomar”.

<sup>69</sup>  $\text{כָּפַר}$  é utilizado em contextos de expiação; podendo ser traduzido por “expiar”, “fazer expiação”, “levar”, “carregar”.

<sup>70</sup> HAUSMANN, J. In: *Theological Dictionary of the Old Testament*. op. cit., vol. X., p. 259 destaca que “in the Old Testament the root  $\text{סָלַח}$  occurs with the meaning “forgiveness of sin” 46 times as a verb, 33 of those in the qal and 13 times in the niphal ... Almost all these occurrences can be dated to the exilic-postexilic period. It is striking that there is no evidence of secular use. Rather, the one who grants  $\text{סָלַח}$  is consistently  $\text{יְהוָה}$  and  $\text{סָלַח}$  is not used in reference to forgiveness among human beings. The evidence for this root can be summarized according to the following main areas of use: denial of forgiveness, granting of forgiveness,  $\text{יְהוָה}$  willingness to forgive, plea for forgiveness”.

<sup>71</sup> KAISER, Walter C. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, op. cit., p. 1044.

<sup>72</sup> Ibidem

O pecado merece castigo. O perdão é graça imerecida. O pecado é a doença humana para a qual nenhum homem poderia criar e oferecer a cura. Mas a graça de יהוה fala do remédio de Deus para este mal humano. E o verbo חָלַב manifesta este desejo transformador que o SENHOR tem para a vida de Seu povo. Assim o perdão oferecido e dado por Deus se expressa como um evento concreto de mudança e transformação com vistas a um futuro mais positivo e melhor<sup>73</sup>.

A profecia envolta na raiz חָלַב em 33.8 faz celebrar um sentimento de perdão futuro, que havia de vir da parte do SENHOR, e lança esperança para dentro de corações machucados e maltratados pelo pecado e por conseqüências deste. A espera pela Nova Aliança (Jr 31.31.31-34) direcionava os olhos do povo para a vinda de Cristo. E Ele veio. Perdão presente e personificado.

## **O CUMPRIMENTO**

Corrompido pelo pecado e cercado tão de perto por ele, nenhum ser humano do início do século XXI é capaz de descrever com suficientes palavras a cena do primeiro homem e da primeira mulher a desfrutar as maravilhas que havia no Jardim do Éden! Como conceber e descrever a realidade celestial presente de forma plena na terra? Nessa realidade, era absurda a idéia de alguém falar em esperança. Não havia a necessidade de uma palavra de esperança. Ela estava presente, personificada. Identifica-se com ela.

A queda afasta o ser humano da esperança e esta se torna distante, obstruída por espadas flamejantes. Mas o exílio edênico provocado pelo ser humano, e que se mostra sem retorno, recebe o amparo divino. E o SENHOR dá a primeira palavra de conexão à esperança ao gênero humano. Falando à serpente, Ele diz: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3.15). Não pode haver esperança se não for considerada esta primeira palavra de Esperança. Essa que a teologia confessional convencionou chamar de “proto-evangelho”.

Esta palavra de esperança, juntamente com muitas outras, era conhecida do profeta Jeremias, ainda que todas as outras apontassem para a mesma fonte de esperança. Quando o SENHOR pede a Jeremias que compre um campo em Anatote (32.1-25), fica claro ao profeta que as promessas

---

<sup>73</sup> HAUSMANN, op. cit., p. 262.

que a בְּרִיָּהּ אֲנֻנִיָּהּ anunciava tinham um cumprimento iminente, no próprio povo. Jeremias contemplou um futuro glorioso para os exilados<sup>74</sup>.

É bastante claro que muito desse cumprimento se resumia ao fato de o SENHOR os fazer retornar do cativo e lhes perdoar os pecados que haviam cometido, e permitir que novamente passassem a existir como povo, habitando a terra que fora dada a seus pais. Como escreve o Cronista:

“... para que se cumprisse a palavra do SENHOR, por boca do profeta Jeremias, até que a terra se agradasse dos seus sábados; todos os dias da desolação repousou, até que os setenta anos se cumpriram. Porém no Primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do SENHOR por boca do profeta Jeremias, despertou o SENHOR o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O SENHOR, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra, e me encarregou de edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá; quem que suba, e o SENHOR seu Deus seja com ele”<sup>75</sup>.

O retorno do exílio significava o cumprimento das profecias de Jeremias 30-33. Mas esta verdade não pode nos fazer pensar que as promessas contidas em todo o Livro da Esperança têm contemplado o seu cumprimento nessa iminente volta e restauração da vida em Judá e Israel.

Havia mais por vir. Muito mais ainda havia para ser revelado (33.6). Voltaram para a terra. Tinham paz, mas não tinham toda a paz; havia interferências daquelas coisas que não fazem parte de tudo que se define como paz (Rm 7). Como procurou-se demonstrar anteriormente, havia um forte tom escatológico envolvendo as palavras e carregando-as de esperança para o futuro.

Havia, portanto, mais por ser revelado. Havia mais por acontecer. Havia necessidade de esperança para o futuro. Neste sentido, Gênesis 3.15 e Jeremias 33.15<sup>76</sup> são ecos da mesma voz. Ecos da mesma voz de esperan-

---

<sup>74</sup> HARRISON, op. cit., p. 820.

<sup>75</sup> 2 Crônicas 36.21-23. A profecia através de Jeremias fala de 70 anos como o tempo de duração do exílio e do retorno à terra de Israel e Judá após esse período (Jr 25.14).

<sup>76</sup> “Naqueles dias e naquele tempo farei brotar a Davi um Renovo de Justiça; Ele executará juízo e justiça na terra.”

ça. De volta à terra, começava a reconstrução da vida à luz da espera. Espera pelo cumprimento das promessas tanto de Gênesis 3.15, como as de Jeremias 33, tendo como verdade que ambas as promessas significavam o mesmo evento.

Não se está lidando com um texto de Daniel, por exemplo, e por isso poderá surgir a pergunta: mas escatologia a partir do Livro de Jeremias? Anthony Hoekema, falando a respeito, afirma: “Eschatology must not be thought of as something which is found only in, say, such Bible books as Daniel and Revelation, but as dominating and permeating the entire message of the Bible”<sup>77</sup>.

Ao povo exilado no cativeiro babilônico, fora prometida “cura (nova carne), saúde, abundância de paz”; no entanto, de volta à terra que era a deles, estavam cercados pela corrupção, pelas fraquezas da velha carne; tinham paz, mas não tinham toda a paz, o tempo todo, sem que esta estivesse manchada pela iniquidade e pelo pecado humanos. Mas o Deus da esperança tinha as palavras da esperança. Ele tinha uma palavra que ia muito além de tudo aquilo que podia ser visto. Tal como se apresenta no Êxodo, e antes disso no Gênesis, o SENHOR é um Deus que tem palavras de esperança para o futuro. Também para este retornado povo de Israel “o escatológico era aquilo que dava o tom e as cores da aurora de um novo dia esperado”<sup>78</sup> para a vida de cada uma daquelas pessoas, bem como ao povo como tal.

Escatologia é o tema latente em cada expressão e conceito no capítulo 33. Falando sobre o “novo” que seria dado e trazido pelo SENHOR, - “trairei cura ou ‘nova carne’” - Hummel escreve:

“New” here, as often, is semitechnical for “eschatological fulfillment of prophecy” or the like. The essential contents of the new covenant will be the same as the old, except that now they will be written on the heart. The point is not the pure inwardness and interiority rendering all externals obsolete, as earlier liberals loved to interpret. Rather we have a prophecy of the full, eschatological triumph of the Gospel when even the faithful will no longer be simul peccator<sup>79</sup>.

---

<sup>77</sup> HOEKEMA, Anthony A. *The Bible and the Future*. Grand Rapids: Eerdmans, 1993. p. 3.

<sup>78</sup> MOLTMANN, op. cit., p. 2.

<sup>79</sup> HUMMEL, Horace D. *The Word Becoming Flesh: An Introduction to the Origin, Purpose, and Meaning of the Old Testament*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1979, p. 251. Há consciência de que as palavras de Hummel aqui são ditas com respeito ao capítulo 31 e sua abordagem à Nova Aliança. No entanto, sabemos também que o coração e centro do capítulo 31 é o mesmo no capítulo 33.

O aspecto do “novo” era aguardado por todos do povo hebreu. Um dia devia vir novamente o “Novo” para que tudo ficasse “como no princípio”. Expectativa que a Palavra do SENHOR lançava para dentro de seus corações. Esperança pela cura e pela saúde que deviam vir da mão do SENHOR. Esperança de chegarem a conhecer as coisas grandiosas e misteriosas que a boca de Jeremias havia profetizado. Esperança de serem libertos de “todo o mal” e de “toda a iniquidade” que os prendia a uma vida que não desfrutava a “abundância de paz”.

## O CUMPRIMENTO NO MESSIAS

Se os cristãos do Novo Testamento vivem em um constante *Te Deum Laudamus*, olhando com alegria para a primeira vinda do Senhor Jesus Cristo e com esperança para a Sua segunda vinda, o povo de Israel vivia a espera pela primeira vinda de Cristo, o “Renovo da Justiça”. A ardente expectativa em que os fiéis às promessas de Deus esperavam pode ser vista no gesto e nas palavras do velho Simeão ao acarinhar o Renovo nos braços e dizer “Senhor, agora despedes em paz o teu servo...” (Lc 2.25-32). De igual forma, o exemplo da profetisa Ana (Lc 2.36-38) enfatiza o fato de que havia uma expectativa da parte do povo, uma espera pelo cumprimento das promessas do Antigo Testamento. E Jesus veio cumprir essas promessas. Jesus veio ser a palavra da esperança morando junto com o povo. Jesus era a palavra de esperança embrulhada em carne humana.

O envio de Jesus, bem como tudo o que Ele fez, é a ratificação ativa da parte de Deus de todas as Suas promessas de salvação. O Ministério de Cristo em Israel demonstrou a Verdade e a Veracidade de Deus, e foi levado a efeito a fim de confirmar a promessa dada aos patriarcas (Rm 15.8). Ao morrer em nosso lugar sob a maldição que é a ameaça feita pela Lei contra todo transgressor, preparou o caminho para o envio do Espírito Santo<sup>80</sup>.

Ao se abrir as páginas do Novo Testamento, imediatamente torna-se evidente o fato de que aquilo sobre o que os escritores do Antigo Testamento escreveram tem agora, em parte, acontecido. A vinda de Jesus Cristo para dentro deste nosso mundo é, de fato, o cumprimento das expectativas escatológicas centrais do Antigo Testamento<sup>81</sup>. A vinda de Jesus Cristo significou o grande cumprimento das promessas de Deus, como afirma W. Manson:

---

<sup>80</sup> HOFFMANN, E. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. op. cit., vol. III. p. 779.

<sup>81</sup> HOEKEMA, op. cit., p. 13.

When we turn to the New Testament, we pass from climate of prediction to that of fulfilment. The things which God had foreshowed by the lips of His holy prophets He has now, in part at least, brought to accomplishment. The Eschaton, described from afar ..., has in Jesus registered its advent ... the supreme sign of the Eschaton is the resurrection of Jesus and the descent of the Holy Spirit on the church. The resurrection of Jesus is not simply a sign which God has granted in favour of His Son, but is the inauguration, the entrance into history, of the times of the end<sup>82</sup>.

Não somente a vinda de Jesus significou o cumprimento das promessas de Deus, mas da mesma forma os atos de Jesus, demonstrados por Ele ao longo de todo o Seu Ministério aqui na terra, registrados pelos evangelistas. Seria muita ousadia querer olhar para todas as ações operadas por Jesus no Novo Testamento. Mas, dois aspectos proféticos encontrados no texto de Jeremias 33.1-8 e que tiveram manifestos seu cumprimento em ações do Senhor Jesus merecem atenção: a cura e a paz.

No evangelho conforme Marcos há o registro de um grande número de curas, onde Jesus restabelece a saúde de muitos. No capítulo 1 Jesus “cura um endemoninhado” (1.21-28); “cura a sogra de Pedro” (1.29-32); “cura muitos outros enfermos” (1.32-34); “cura um leproso” (1.40-45); “cura um paraplético” (2.1-12). No capítulo 2 Ele “cura um paraplético” (2.1-12). No capítulo seguinte Jesus “cura um homem de uma mão ressequida” (3.1-6); “cura muitos à beira-mar” (3.7-12). No capítulo 5 temos a “cura de um endemoninhado geraseno” (5.1-14), e a “cura de uma mulher enferma” (5.25-34). No capítulo 7 está registrada a “cura de um surdo” (7.31-37). No capítulo 8 Jesus “cura um cego em Betsaida (8.22-26). No capítulo 9 Ele “cura um jovem possesso (9.14-29). E no capítulo 10 Jesus “cura um cego de Jericó” (10.46-52).

No capítulo 14 de João, Jesus afirma: “deixo-vos a paz, a minha paz vos dou” (Jo 14.27). Quando os Seus discípulos estão em uma casa, com as portas trancadas, depois da morte de Jesus, antes que eles soubessem que Ele havia ressuscitado, Jesus entra na casa e saúda àqueles homens dizendo “paz seja convosco!” (Jo 20.19). Quando do nascimento do Senhor, os anjos celebram cantando “Glória a Deus nas alturas e Paz na terra” (Lc 2.14).

---

<sup>82</sup> Apud HOEKEMA, op. cit., p. 14.

Não é possível falar de Jesus Cristo sem falar na Sua santa cruz. Toda a cura, bem como a paz são obtidas por Ele, na obra da cruz e são por Ele dadas a cada pessoa que crê. A cruz é o ponto alto de toda a cura. Na cruz a Palavra da esperança de Gênesis 3.15 assume forma e realidade. Não há teologia da esperança sem Gênesis 3.15 e também não há esperança sem a cruz. A cruz, onde Cristo conquistou a paz, a cura, a saúde e o perdão, é profetizada em Jeremias 33.

E por isso, a cura, a saúde, a paz e o perdão estão presentes hoje na vida dos cristãos, na atividade da Igreja. Mas ainda assim a Igreja olha para frente e, por causa da cruz, aguarda cheia de esperança o dia em que será levada de volta a Jerusalém, àquela que “jamais será desarraigada ou destruída” (Jr 31.40b). Falando a respeito da vida dos crentes na esperança realizada, Stephenson observa:

At the same time, however, the simplest believer already has an inkling of heaven in his relationship with his Lord and his experience of divine and human love in the communion of the church. The act of divine self-communication that lies at the heart of heaven is not only a future event, but has already begun to be experienced here on earth in the mystical union of love between Christ and His members and amongst the members themselves. Heaven involves both continuation and ineffable consumation of the being in Christ which is the privilege of every member of the royal priesthood. Insofar as faith lays hold of Christ in the present<sup>83</sup>.

Mesmo que o céu já seja uma realidade presente na vida da Igreja hoje, há muito mais por vir. O clima de escatologia está aberto e paira no ar, trazendo esperança. A Igreja espera a vida que é como “no princípio”, quando tudo será novamente “muito bom”. Em Marcos 7. 31-37 Jesus devolve a audição a um surdo. Quando o homem está curado, as pessoas maravilhadadas dizem: “Ele tem feito tudo muito bem” (Mc 7.37).

## CONCLUSÃO

“Falar sobre esperança em nosso continente e em nossa época é coisa arriscada e, ainda assim, compromisso e possibilidade da fé<sup>84</sup>”. Há em nos-

---

<sup>83</sup> STEPHENSON, John R. *Eschatology*. Fort Wayne: Luther Academy, 1993. p. 125.

<sup>84</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *Reino de Deus e Esperança Apocalíptica*. São Leopoldo: Sinodal, 1984. p. 3.

sa época uma grande fome de esperança. E quando se está faminto, ingere-se qualquer alimento. No caso da fome de esperança, as pessoas se alegram com falsas esperanças, pensando estarem recebendo em seus corações genuína esperança.

Pregadores cristãos sempre terão palavras de esperança para anunciar, não importa o contexto e a época. Neste trabalho vimos que não era otimista a vida e realidade do povo de Israel e Judá. No entanto, através de Jeremias, Yahweh proclama a Sua Palavra, falando de perspectiva e esperança futuras.

Chega-se ao fim e tem-se a certeza de que a Palavra do SENHOR é a fonte que nunca pode ser exaurida. Conclui-se este trabalho olhando para o século XXI com a certeza de que o SENHOR tem, já no profeta Jeremias, as palavras de esperança que paradoxalmente excedem e transcendem todo o entendimento.

## AUXÍLIOS HOMILÉTICOS

---

### PRIMEIRO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*João 16.12-15*  
*10 de junho de 2001*

#### CONTEXTO

O calendário eclesiástico assinala o dia 10 de junho de 2001 como “Primeiro Domingo Após Pentecostes”. Corresponde ao “Domingo de Trindade” da série tradicional. Pelo menos no título o primeiro agradará até a judeus, “igreja local”, testemunhas-de-jeová e demais unitaristas.

Pentecostes, o período mais extenso do ano da igreja, é também chamado de Ciclo ou Tempo da igreja. “Estes domingos são todos chamados de Domingos após Pentecostes como um sinal de que nós cristãos vivemos *no* e *pelo* Espírito de Deus. Este ciclo começa com a celebração da Festa da Santíssima Trindade e termina com o Domingo do Cumprimento em que se celebra a Festa do Cristo Rei, que reina e governa sobre todos os povos, o universo, e todo o tempo e a eternidade”.

#### TEXTO

O texto assinalado para este domingo é uma pequena parte do discurso que Jesus dirigiu aos apóstolos (14.1-16.33).

V. 12 - Cristo viera ao mundo como revelador do Pai. Não era apenas mais um profeta, mas o Profeta ( Jo 1.21; 7.40; Hb 1.1-2). Seu tempo aqui na terra, no entanto, havia sido curto para que os apóstolos “digerissem” tudo o que o Verbo de Deus lhes revelava. Quanta coisa não estava bem clara na cabeça deles?! (Exemplos: Mc 8.31-32; Jo 14.9; Lc 24.25; At 1.6-7). O próprio Senhor lhes diz que havia muita coisa a ser-lhes dita, mas era demais para eles. Os próprios apóstolos tinham consciência disso. Sabiam que o tempo da entronização (ascensão) de Cristo se aproximava. O Salvador os conforta: “Não se turbe o vosso coração” (14.1); “Não vos deixarei órfãos” (14.18); “Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim” (15.26); “tende bom ânimo” (16.33b); e mesmo após a res-

surreição: “Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas” (At 1.8).

V. 13 – “ O Espírito da verdade, ele vos guiará” “a toda a verdade”, ou “em toda a verdade”? οδγγσει υλαρ em τ<sup>F</sup> ακγηεια πασ|| - “Ele vos guiará a toda a verdade” (ARA); “Ele ensinará toda a verdade a vocês” (BLH); “Ele vos conduzirá à verdade plena” (TEB); “Ele encaminhará vocês para toda a verdade” (Paulinas); “Ele vos guiará em toda a verdade” (Ed. Contemporânea Revisada).

De qualquer maneira, estamos diante da obra do Espírito Santo. Sua função principal é a de testemunha, revelador e intérprete: abrange tanto o relembrar do ensinamento que originalmente fora dado (14.26; 15.26; 16.14; 1 Jo 5.6-8) quanto o guiar para novas verdades (Jo 16.12-13; 1 Jo 2.27). Dá-se a entender, assim, que, para João, a nova revelação e o ensino original ficam em constante tensão, de tal modo que o papel do Espírito nunca é simplesmente aquele de repetir o ensino original conforme foi dado de início, nem aquele de revelar novas verdades sem relacionamento algum com as antigas, mas sim, aquele de reinterpretar a antiga para lhe dar significância contemporânea, e aquele de revelar a verdade nova de um modo consistente com a velha.[5]

O próprio Evangelho joanino é testemunha daquilo que o Espírito da verdade faz. O Verbo (*Logos*) estava com Deus e era Deus (1.1-14). Em Moisés ou nos Salmos o termo *Logos* (não o conteúdo) soaria estranho. O Espírito da verdade não rompe com a revelação antiga, mas conhece perfeitamente tempos e épocas para apresentar novas maneiras de revelar/pregar as coisas de Deus pertinentes à nossa comunhão com Ele.

Portanto, o Espírito da verdade jamais se afasta daquilo que Deus revelou pelos profetas, evangelistas e apóstolos. Toda penumbra das sessões espíritas, toda a gêmeção pentecostal, e todas as demais maravilhas que brotam de sonhos humanos, devem ser medidos pelo cânon daquilo que Deus já revelou anteriormente: *sola Scriptura!* O Espírito da verdade “anunciará as coisas que hão de vir” – v. 13b. Todos os textos escatológicos da Bíblia procedem de fonte segura: do Espírito que glorifica e enaltece o Filho de Deus. O Espírito da verdade não suplantará o Pai e nem o Filho.

Vv. 14 e 15 – Aqui brilha a triunidade do nosso Deus. O Espírito da verdade não pode nem quer ir contra uma única sílaba do Pai e do Filho. Portanto, aquilo que Cristo pregou e consumou, é pregado pelo Consolador. Ouvindo a Cristo (*sola Scriptura*), você ouve e recebe

o Espírito Santo; ouvindo a este Espírito, você recebe o próprio Cristo, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Pecados a denunciar:

- a) outras revelações: astrologia, espíritos dos mortos, ufologia; filosofias (*new age*, logosofia); pirâmides, cristais, energias cósmicas;
- b) negação do Espírito Santo como pessoa da Divindade (testemunhas-de-jeová, etc.);
- c) inventar novos meios que suplantem os meios da graça tradicionais: pregação, Batismo, Santa Ceia, Ofício das Chaves (o copo d'água em cima do televisor; as pedras vendidas para que os fiéis apedrejem os “gigantes”;
- d) o endeusamento da tradição, que é praticamente imexível em alguns lugares, atrapalhando o evangelho de Cristo; e) muitos “luteranos” transformaram os sacramentos em fetiches e algo do tipo “hocus pocus” (*ex opera operato*);
- e) outros tantos tratam os meios que o Espírito Santo usa para converter pecadores como se fossem algo irrelevante. Não é em vão que são os primeiros a “questionar” a bondade e a misericórdia de Deus. Em vez de terem a despesa da sua vida cheia com a matéria do santo evangelho, encheram-na de folhas secas e coisas imprestáveis, que para nada servem em matéria de fé cristã, fidelidade, perseverança, cruz e firmeza nas provações. Ainda é tempo de misericórdia e aceitação. Pois Cristo enviou o seu Espírito, o Espírito da verdade que, conforme diz em Apocalipse 22.17, nos convida, dizendo: Vem! Este Espírito da verdade é o único que realmente quer e pode estar conosco na missão da qual Deus nos incumbiu! Ele habita no Evangelho de Cristo e age poderosamente por meio deste evangelho, que encontramos exclusivamente nos meios da graça.

Ivo Dreyer  
Schroeder, SC

## SEGUNDO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 7.1-10*  
*17 de junho de 2001*

### CONTEXTO

A narrativa deste milagre segue imediatamente depois do Sermão do Monte. Isto segundo Lucas. Mateus, que é o outro evangelista que relata o milagre, insere ainda entre o Sermão do Monte e a cura do servo do centurião um outro milagre: a cura de um leproso. É um detalhe pouco relevante.

### TEXTO

V. 1 – O evangelista relata que o Sermão do Monte fora uma mensagem plena, um ensinamento completo. Tudo o que Jesus queria dizer e ensinar, foi feito. Isto feito, foi para Cafarnaum. Cafarnaum era a cidade ministerial de Jesus. Diríamos: a sede da paróquia. Desta cidade suas saídas para suas atividades era a melhor opção.

V. 2 – O contato de Jesus será com um gentio. Era um centurião, um romano a serviço do exército romano. Como o império romano governava também na Palestina, competia ao imperador zelar pela ordem e cumprimento das leis. Centurião era um que cuidava (normalmente) ou tinha sob suas ordens uma centúria de soldados, ou seja, cem soldados.

O mal que inquietava sua alma era a doença que acometia a um dos seus servos, no original, um escravo. Esgotadas todas as possibilidades de ajuda, o servo continua muito doente e, pelo que tudo indicava, iria morrer. Sua inquietação talvez se devesse a um misto de dor e sentimento de perda, por se tratar de um servo de quem o centurião gostava muito.

V. 3 – O centurião já ouvira falar de Jesus, ou seja, ele já conhecia a Jesus. Talvez pelos milagres dos quais ouvira, ou pelo que o povo falava de Jesus. Se à primeira vista pensamos que conhecia Jesus apenas como “um que fazia milagres”, esse conceito a respeito do centurião mudamos quando vemos como Jesus avalia sua fé. O

centurião tinha realmente a fé salvadora, pois se não, Jesus não diria dele o que disse.

Por outro, este centurião nos lembra um outro, colega seu, que é Cornélio, o centurião do qual nos fala o mesmo Lucas em Atos 10 e que também era crente em Jesus. Um fato curioso, mas perfeitamente normal, é que o centurião de nosso texto se dava com os líderes dos judeus e que até construía uma sinagoga (casa de culto) para os habitantes de Cafarnaum. Não é de admirar, pois, que o centurião pede que os anciãos contactem com Jesus em seu lugar, pedindo ajuda.

Quando o pecado expõe a natureza humana à morte, surge a vez do poder de Deus, do Evangelho de Cristo e do próprio Senhor Jesus. Ainda hoje é assim. Aproveitemos as portas que Deus abre.

Vv. 4 e 5 – Em si ninguém é digno de receber a ajuda, o socorro, um milagre ou salvação de Jesus. O argumento usado pelos enviados do centurião era um argumento muito humano e até compreensível do ponto de vista humano. Eles queriam convencer a Jesus que fosse com eles para ajudar o servo doente do centurião.

Vv. 6 e 7 – Uma frase linda a primeira desse versículo: “Então Jesus foi com eles”. Jesus sempre vai com os que o buscam em espírito e de verdade. Ele mesmo disse: “Vinde a mim e eu vos aliviarei” (Mt 11.28).

O segundo destaque é a atitude do centurião. Mostra que o fundamento de sua fé é Jesus e a característica da fé verdadeira é a humildade. Ele confiava em Jesus de “olhos fechados”. Nem precisava vê-lo. Mas, sabia que Jesus podia ajudá-lo. E ao mesmo tempo, não se julgava digno de receber a Jesus sob o teto de sua casa. Foi exatamente isto que fez a Jesus dizer que o centurião tinha uma fé como não achara em Israel, sua gente.

O terceiro destaque é a afirmação do centurião: “... manda com uma palavra...”. Atrás da palavra de Jesus estava o próprio Deus porque Jesus é Deus.

V. 8 – É um exemplo que o centurião cita de como ele confia.

V. 9 – Temos aqui a avaliação de Jesus da fé do centurião. O povo que estava com Jesus era certamente parte do povo que ouvira o Sermão do Monte. Jesus chama a fé do centurião de “pístis”, isto é, a fé verdadeira, a fé salvadora, a fé operada pelo Espírito Santo através dos meios da graça.

Uma observação quanto à tradução de Almeida: com respeito à fé do centurião, Jesus diz: “tosautéen pístin” ou seja: “fé tão grande” e não somente “fé como esta”, como diz Almeida. Seja como for, Jesus admirou-se da fé no coração do centurião.

- V. 10 – O desfecho do milagre de Jesus: o servo estava curado pelo poder de Jesus. Uma recomendação para quem pregar sobre este texto é quanto à discussão dos milagres de Jesus: não deixe de ler o livrete “Curas e milagres” do Dr. Otto Goerl, para uma correta postura teológica frente ao entendimento que devemos ter sobre os milagres de Jesus.

### **APLICAÇÕES HOMILÉTICAS**

- a) Temos, a partir da doença, um respingo do pecado;
- b) somos todos pecadores, doentes no corpo e, especialmente, na alma;
- c) o clamor da alma por ajuda, somos necessitados como o centurião;
- d) mas a grande notícia é Jesus e o acesso que temos a Ele;
- e) todos precisam dele: ajuda para o corpo e, principalmente, a cura do pecado pelo seu sangue;
- f) somos felizes por termos Jesus.

### **SUGESTÕES DE TEMAS E PARTES**

#### **a) A GRANDE FÉ**

- 1 – tem a Jesus por fundamento
- 2 – tem a humildade por característica

#### **b) DIZE SOMENTE UMA PALAVRA**

- 1 – é a poderosa Palavra de Jesus
- 2 – ela tem poder para salvar e curar

#### **c) ENTÃO JESUS FOI COM ELES**

- 1 – Ele busca e salva os perdidos
- 2 – ss salvos o seguem.

*Benjamim Jandt  
Erechim, RS*

## TERCEIRO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 7.11-17*

*24 de junho de 2001*

### CONTEXTO

A Compaixão de Jesus é evidente em Lc 7.1-50. A ressurreição é oferecida pela graça de Deus e significa vida também para a mãe. A compaixão de Jesus estabelece a vida. O fato da ressurreição do filho da viúva de Naim, já responde a pergunta sobre quem é Jesus (7.19).

### TEXTO

- V. 11 - Jesus está a caminho. “Em dia subsequente”, liga o fato com a cura do servo do centurião (Lc 7.1-10). Destaca-se a presença dos discípulos e “numerosa multidão”.
- V. 12 - Destaca o encontro do Senhor da vida com a morte. “Grande multidão” acompanha o cortejo.
- V. 13 - A compaixão de Jesus repreende as lágrimas. Interessante observar que “o Senhor se compadeceu dela”. Ao dizer “não chores”, Jesus está chamando para a confiança nele; a sua ação como Senhor exige fé.
- V. 14 - A ação do Senhor dá a vida. Transforma a morte em vida, o sofrimento em alegria. Este é um sinal da sua autoridade divina, conforme 1 Rs 17.24.
- V. 15 - A ação divina levanta o jovem. É sinal do poder absoluto do Senhor diante da morte. O jovem “passou a falar” - quebrou o silêncio da morte.
- V. 16 - A compaixão de Jesus desperta temor e glorificação. A graça divina tocou e despertou o povo. Quando o povo reconhece o poder de Deus, ele teme, glorifica e confessa que em Jesus “Deus visitou o seu povo”.

V. 17 - A Compaixão do Senhor é contada adiante. É a ação missionária.

### **APLICAÇÕES HOMILÉTICAS**

1. Sem Jesus a multidão caminha para a morte.
2. O encontro com o Senhor transforma, converte o caminho de morte em caminho de vida. Os homens não têm este poder. Só Deus é capaz de dar a vida. Ele o faz por compaixão e não por merecimento nosso.
3. A fé, solicitada nas palavras “não chores”, exigem inteira confiança no Senhor Jesus.
4. A consequência da ação divina: a) Deus dá a vida; b) Nós glorificamos e testemunhamos a sua compaixão.

### **SUGESTÃO DE TEMA E PROPOSTA HOMILÉTICA**

**Tema:** Jesus dá a vida.

Acho que a melhor proposta homilética é seguir o texto, versículo por versículo, fazendo-se uma homilia. Com este acontecimento Jesus demonstra a sua compaixão e desperta também nós para a realidade do seu poder absoluto, para a ressurreição e a vida.

*Dari Trisch Kneviz  
Pelotas, RS*

## QUARTO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 7.36-50*

*1 de julho de 2001*

### CONTEXTO

O capítulo 7 de Lucas coloca em destaque a reação de diferentes pessoas diante de Jesus, seu ensino e seus feitos. Parece ser intenção do evangelista abordar a questão da identidade de Jesus, pelo menos como era vista pelos contemporâneos do Salvador. O capítulo inicia com a cura do servo de um centurião romano, personagem que passou para a história como modelo de fé, conforme testemunho do próprio Jesus: Afirmo-vos que nem mesmo em Israel achei fé como esta (v. 9). Segue-se o relato da ressurreição do filho da viúva de Naim, apresentando no v. 16 a exclamação num misto de admiração e temor: Grande profeta se levantou entre nós e: Deus visitou o seu povo. O capítulo continua com o registro da pergunta de João Batista: És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro? (v. 19). No v. 34, após ter dado um eloqüente testemunho a respeito de João Batista, Jesus se refere à reação do povo a respeito de sua própria pessoa: Veio o Filho do homem, comendo e bebendo, e dizeis: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores! Chegamos, então, ao texto da perícope do evangelho do domingo, versículos 36 a 50.

Quem era Jesus para Simão, o anfitrião que havia convidado o Mestre para jantar na sua casa? Quem era Jesus para os demais presentes à refeição? Quem era Jesus para aquela mulher que, sem ter sido convidada, agiu como intrusa a fim de realizar o seu propósito?

Lucas não pretendeu tão-somente registrar para a história as diferentes reações quanto à identidade de Jesus por parte daqueles que o viram, dele ouviram muita coisa, foram testemunhas de seus feitos ou com ele conviveram. Revelar a identidade de Jesus enquadra-se dentro da mensagem que o evangelista, inspirado pelo Espírito Santo, quis deixar para o mundo, a fim de que o mundo encontre salvação por meio da confiança em tal mensagem. A identidade de Jesus Cristo não descreve apenas quem ele foi ou é, mas nos convida para descobrir quem nós somos ou podemos ser a partir do momen-

to em que o conhecemos ou no qual a sua presença está diante de nós. Quem era a mulher que ungiu os pés de Jesus, na presença dele? Quem era Simão, na presença do Mestre? Quem eram as demais pessoas naquela casa, na presença de Jesus? A reflexão em torno dessas questões a nós trazidas pelo texto, cria ambiente para perguntarmos: quem somos nós, quando Jesus se apresenta a nós?

## **TEXTO**

V. 36 - Mais importante do que levantar hipóteses que expliquem as razões para o fariseu ter convidado Jesus para um jantar na sua casa, vem a ser a atitude do Filho de Deus: entra na casa e toma lugar à mesa. Não era uma ceia comum, onde muita coisa poderia acontecer. Aliás, a ceia apenas era a moldura para o quadro a ser contemplado. Ao olharmos para ele, nossa atenção se concentra na presença de Jesus. Ao redor dele acontecem as coisas e elas apenas nos são interessantes porque ocorridas na presença de Jesus.

Vv. 37,38 - Os dois versículos permitem-nos sair à procura de respostas às indagações: quem era Jesus para aquela mulher? E, quem era a mulher, na presença de Jesus? Todo o procedimento dela demonstra que ela via naquele homem alguém que poderia oferecer o socorro de que necessitava. O fato de ter agido como agiu prova sua confiança e esperança de encontrar em Jesus algo que buscava por ser de tremendo significado existencial para ela. Deixa explícita tal confiança nas suas ações. Adentrou à casa, mesmo sabendo não ser bem-vinda naquele ambiente, levou o vaso de alabastro com unguento, prostrou-se aos pés de Jesus, regou-os com suas lágrimas, enxugou-os com os próprios cabelos e os ungiu com o unguento. Quem era ela, na presença daquele homem? Alguém carente da acolhida, do carinho, do socorro que confiava nele encontrar.

V. 39 - Conta-nos a reação do dono da casa. Este homem não pode ser profeta, conclui apressadamente Simão. Um profeta, um homem de Deus, não permitiria a uma pecadora tamanha aproximação dele. Nas palavras do fariseu somos levados a desconfiar da sua intenção ao convidar Jesus. Queria a presença dele, com bastante proximidade, porém buscava identificá-lo levado por expectativas que jamais lhe propiciariam a descoberta da verdadeira identidade de Jesus. Quem era Simão, na presença de Jesus? Alguém que ainda não havia descoberto a sua verdadeira identidade, correndo o risco, portanto, de não receber da presença de Jesus tudo aquilo de que tanto precisava, porém a tal ignorava.

Vv. 40-47 - Os versículos aqui agrupados formam um texto longo. Creio, todavia, ser oportuno assim agrupá-los. Eles descrevem como agiu Jesus diante da reação do seu anfitrião. Seu agir descobre aos nossos olhos o coração amoroso do Filho de Deus. Suas palavras são reveladoras, pois visam a mostrar para Simão quem, realmente, estava na sua casa, bem como, quem era Simão, na presença do seu convidado.

Os dois devedores foram perdoados pelo credor. Na presença do credor, os devedores encontraram perdão para a dívida. Ora, a presença de Jesus acontece para trazer perdão. Há, portanto, quem dele necessita e quem o pode dar. Também Simão carecia do perdão. Junto com ele estava quem o tinha para conceder. Até aquele momento, todavia, Simão não havia percebido a verdadeira identidade de Jesus, nem a sua própria. Ao não fazer para com Jesus o que este denunciou, Simão deixou claro sua cegueira diante de uma realidade que lhe assegurava nada menos do que a salvação.

A causa do perdão para a mulher pecadora não foi o seu amor. O seu muito amor evidenciou a sua confiança em Jesus, sua fé de nele encontrar misericórdia, graça, compaixão. Mas o que entender do, a princípio, enigmático aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama (v.47)? É possível quantificar o perdão? Vem ele em partes? Evidentemente que não, pois ele vem completo da parte de Deus, graças à obra de Cristo. O pouco perdão remete à avaliação humana, em certos casos, da situação da pessoa diante de Perdoador. Não preciso de muito perdão, ou, na verdade, de quase nenhum, pode ser a conclusão equivocada e infeliz de quem ainda não descobriu a sua própria identidade, caso típico de Simão, o publicano. Se, por um lado, Jesus procurava tirar a cegueira dos olhos de Simão, por outro lado, buscava, ao mesmo tempo, chegar ao coração daquele pecador com a sua verdadeira identidade, ou seja, como aquele que veio buscar e salvar o perdido.

Vv. 48, 50 - A ação de Jesus volta-se diretamente para a mulher. Manifesta-se na forma do socorro que aquela pecadora buscava. O anúncio do perdão decreta também o início de uma nova vida. Principiou com o recebimento da salvação, fruto do perdão dos pecados, apreendido por meio da fé. Tem como característica a paz, evidente a partir do 'vai-te em paz'. Havia entrado na casa em temor e angústia, fruto do reconhecimento de sua identidade sem Jesus, embora em confiança de que acharia o socorro junto daquele a quem se dirigiu e adorou. Saía da casa já com nova identidade, fruto da misericórdia daquele a quem soube reconhecer corretamente e nele confiar.

V. 49 - Quem é este que até perdoa pecados? foi outra reação diante de Jesus, registrada no capítulo 7 de Lucas. Não deixa de ser uma confissão a partir de um fato testemunhado. Embora a pergunta expresse dúvidas quanto à identidade de Jesus, simultaneamente, contudo, chega a revelá-la: ele é aquele que perdoa pecados! Ao ouvirem Jesus dizer à mulher: 'A tua fé te salvou; vai-te em paz', estavam também sendo convidados a colocar a confiança deles naquele em quem a mulher confiara.

### **APLICAÇÕES HOMILÉTICAS**

A) Palavra de lei – O desconhecimento da identidade de Jesus e da nossa própria aponta para o perigo de desconhecer o significado e proveito da presença de Jesus entre nós.

B) Palavra de evangelho – O amor de Jesus revelado na sua presença junto aos pecadores. Foi à casa de Simão; procurou tirar a cegueira dos seus olhos para que visse a sua necessidade, bem como para lhe dar a oportunidade de conhecer quem era Jesus, a fim de receber igualmente o que tanto necessitava. O mesmo amor de Jesus apareceu ao não reprovar a pecadora por dele ter se aproximado. Ainda pode ser mencionado o fato de evidenciar aos outros convidados o que eles perceberam, ou seja, lá estava verdadeiramente aquele que pode perdoar pecados. O texto é um convite para desfrutarmos da nova identidade com tudo a que tem direito, a partir daquilo que nos traz a salvação anunciada por aquele que perdoa pecados.

### **PROPOSTA HOMILÉTICA**

**Tema:** Reconhecer identidades: a proposta para a paz.

I - O que o texto nos conta sobre o tema.

II - O convite que o texto nos deixa.

*Paulo Moisés Nerbas*

## QUINTO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 9.18-24*

*8 de julho de 2001*

### ASPECTOS PRELIMINARES

A região onde Jesus está com seus discípulos é uma das mais belas da Palestina. Ali encontrava-se uma das maiores fontes de água do mundo, tornando-se um dos principais afluentes do rio Jordão. Água, como em qualquer lugar – e também no Brasil –, tem relação direta com vida, fertilidade e também divindade, santuários, etc. O local fora habitado pelos sidônios, que lhe chamavam Laís, que se tornou um centro importante do culto fenício. A tribo de Dã conquistou o local (Jz 18.7, 29) e mudou-lhe o nome, estabelecendo o limite setentrional de Canaã na expressão “de Dã a Berseba”. Este local ficou famoso por Jeroboão, rei de Israel, ter ali construído um santuário e erguido a imagem de um bezerro de ouro (1Rs 12.28, 29). Com a conquista de Alexandre, o Grande, um templo foi levantado à divindade grega Pan onde a arqueologia descobriu um nicho com a inscrição “Pan e suas ninfas habitam neste local” – inscrição que ainda hoje se pode ver. Com os romanos, o território foi dado a Herodes, que construiu outro templo no local, em homenagem a seu patrono, o imperador (e deus) César Augusto e deu o nome à cidade de “Cesaréia”. Após a morte de Herodes, o território passou a seu filho Filipe, que achou por bem homenagear a si mesmo, dando-lhe o nome de Cesaréia de Filipe.

### CONTEXTO

Foi neste local aprazível, sem entrar na cidade, que Jesus buscou reclusão e descanso para orar depois de ter realizado o milagre da primeira multiplicação de pães. É neste contexto geográfico, conhecido pela religiosidade popular e por acomodar tantas divindades pagãs, que Jesus formula duas perguntas a seus discípulos.

### TEXTO

As duas perguntas sobre a Sua identidade e obra: uma indaga sobre a opinião do povo; a outra sobre a opinião dos Seus discípulos. A primeira resposta coloca Jesus na categoria de profeta. “Profeta” era apenas um precursor do Messias, mas não o próprio. Ecoando a opinião supersticiosa

de Herodes, alguns, responderam os discípulos, diziam ser Jesus o João Batista redivivo (Mt 14.2; Mc 6.12). Outros, o questionador Elias e terceiros acreditavam que Ele fosse “um dos profetas”, mas não o profeta.

No v. 20 a expressão ὑμεῖς ὁ coloca o “vós” em posição enfática e é proposta adversativa, ou seja, uma pergunta que aguarda uma confissão diferente: “Mas vós!”. Pedro, como sempre, se antecipa: “o Cristo de Deus”. Nenhuma outra pessoa havia feito antes essa confissão que Pedro fizera – Jesus é o Cristo de Deus. Pedro é o primeiro discípulo e o primeiro ser humano a fazer tal confissão no evangelho. Os anjos foram os pioneiros na confissão de que Ele é o Cristo (2.11). Mais tarde até os demônios o reconhecem como tal (4.41; cf. 8.28). A pergunta é: porque anjos e demônios entendem que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, ao passo que seus discípulos, amigos, parentes e o povo em geral relutam em manifestar publicamente a identidade de Jesus? Por que relacioná-lo com um profeta e não com o Messias? Talvez a resposta esteja no próprio caráter de Jesus e sua missão. Ele mostra a sua missão muitas vezes envolvida em poder e milagre, como acabara de acontecer em Betsaida (9.10); mas ele mesmo está embrulhado em carne, humildade e rejeição. Para as pessoas, Jesus era uma figura controversa e que provocava reações e respostas diferentes nas pessoas que o viam e ouviam. Isso acontece com seus amigos e parentes em Nazaré, que até queriam matá-lo (4,29); acontece no episódio da ressurreição do filho da viúva de Naim, quando queriam glorificá-lo (7.16) e acontece até com o próprio João Batista, que tem dúvidas sobre Ele (7.19-20).

Anjos sabem que Jesus é o único que pode unir céus e terra e trazer a paz. Anjos e demônios sabem que Jesus é o único que pode libertar a criação da sua prisão, livrar o mundo do domínio satânico, curar, e perdoar pecados. De que forma os seres humanos chegarão a esta compreensão e confissão? Como Pedro chegou a essa confissão? Como nós e a nossa congregação chegamos a essa confissão?

Na verdade, a confissão de Pedro acontece logo após o grande milagre da multiplicação dos pães pelo qual 5000 pessoas são alimentadas. Quando o povo vê esse milagre, ele relaciona Jesus com um novo Moisés. Sabiam pelo Antigo Testamento que um profeta como Moisés - e maior do que ele - viria e de que seria o Messias (Dt 18.15). Saber da sua vinda é uma coisa; saber a sua identidade, é outra. Para o povo Jesus não alcançara as expectativas do Messias que esperavam.

Ao receber a resposta correta de Pedro, Jesus conecta Sua pessoa e obra com a Sua, ainda por vir, paixão, morte e ressurreição. Lucas relaciona a con-

fissão de Pedro à primeira predição da paixão de 9.22. Nos demais evangelhos sinóticos, os discípulos recebem a ordem de guardar segredo de que Jesus é o Messias. Lucas, como na segunda e terceira predição da Paixão (9.45 e 18.34), liga o segredo messiânico ao sofrimento, ou seja, os discípulos devem guardar segredo do fato que Jesus deve padecer, morrer e ressuscitar. Qual a razão para se guardar esse segredo? Em primeiro lugar, Jesus ainda não havia completado a obra do Pai (o que ocorre com a ressurreição) e torná-lo público agora seria pintar o quadro do Messias com uma imagem parcial. Uma segunda razão é que se o plano todo se tornasse público agora (revelando sua paixão, morte e ressurreição) e possivelmente muitos tentariam dissuadir Jesus de sua obra messiânica – como já tentara o próprio Pedro (Mt 16.22).

No v. 22, o emprego de  $\delta\epsilon\acute{\iota}$  “é necessário”, faz parte da maneira de o evangelista falar da necessidade divina. Logo,  $\delta\epsilon\acute{\iota}$  introduz a necessidade divina do sofrimento como o caminho para a glória. A expressão “sofrer muitas coisas” e os demais verbos que aqui ocorrem (“ser rejeitado”, “ser morto”, “ser ressuscitado”) estão no passivo e destacam a obediência passiva de Jesus. Marcos traz o verbo na voz ativa. Na verdade, ambos, o ativo e passivo, estão corretos: Jesus ressuscita por si mesmo e é ressuscitado por Deus (*opera ad extra sunt indivisa aut communa*). Um esboço da história da Paixão é fornecido por Jesus, incluindo pessoas, sofrimento e morte. Embora não antecipe o modo de morrer, Ele, contudo, antecipa a ressurreição como acontecendo no terceiro dia. É importante para os discípulos saberem que Jesus não seria ressuscitado num tempo futuro indeterminado, impreciso. Nenhum dos profetas teve os três dias relacionados a si mesmo. Diferente nos outros evangelhos, aqui em Lucas apenas os líderes religiosos são mencionados. Contudo todos, inclusive seus discípulos, abandonam a Jesus no final. A pergunta é, de novo, por quê? Todos abandonam Jesus por causa do escândalo do seu ministério, que é a teologia da cruz: sua pobreza, humildade, servitude, sofrimento e morte. A fim de que os discípulos não apenas clareassem a idéia quanto ao Messias, mas fossem também capazes de guiar outros à correta apreciação do Seu trabalho redemptivo, Jesus começa a mostrar-lhes que é necessário Ele padecer.

No v. 23,  $\epsilon\alpha\upsilon\tau\acute{o}\varsigma$  “a si mesmo”, envolve não apenas uma parte, um desejo, hábito especial ou alguma prática exterior. Aqui envolve toda a pessoa. Está implicada toda a natureza, o ser não regenerado. É assumir a nova identidade que o Messias traz; é seguir o caminho que Ele está seguindo e já seguiu: o caminho da cruz.

O v. 23 apresenta a primeira referência à cruz ou crucificação no evangelho de Lucas. A referência é a “todos”, inclusive a multidão pois enquan-

to o segredo da Paixão fora dado apenas aos discípulos, os princípios da nova vida decorrentes dessa Paixão devem ser ouvidos por todos. O escândalo da cruz é mencionado pela primeira vez em conexão com os seguidores de Jesus. Diferente do que muitas vezes se ouve, “cruz” não tem relação com doença, sofrimento físico ou problemas pessoais. “Muito sofrimento terá de curtir o ímpio” (Sl 32.10), mas não cruces. “Tomar a sua cruz” é submeter-se em humildade ao reino que agora vem na nova era da salvação. Os discípulos e o povo todo viam seguidamente pessoas carregando a sua cruz em direção à morte, expondo-se aos impropérios dos passantes. Era um tipo de morte vergonhosa, humilhante e repulsiva. Seguir a Jesus é sujeitar-se, por causa de Cristo, à ridicularização do mundo. Aqueles que carregam a sua cruz ao local da morte já foram sentenciados e declarados culpados. Esta é a condição daqueles que foram batizados na morte e ressurreição de Cristo (Rm 6.1-4). A epístola de hoje diz: “porque todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes” (Gl 3.27).

No v. 24, “quem quiser salvar...” expressa vontade, desejo, esforço: mostra que a decisão está no centro da personalidade. Se isso ocorrer, o desfecho será catastrófico. “Quem perder (note-se que Jesus não diz: quem quiser perder) a sua vida” e note também a razão “por minha causa”, “esse a salvará”. Esta afirmação de Jesus explica a expressão “sua cruz” no v. 23. Isto significa perder a vida por causa da fé em Cristo e a fidelidade a Ele. A afirmação tem implicações existenciais e escatológicas. Não é o pão, não são os deuses antigos e modernos, não é a popular opinião desfocada de Deus, mas o Messias e a Sua cruz, isto é, o resultado dela – a salvação: esta é que tem valor e perenidade. De um lado, pode-se ganhar a vida, mas este ganho é apenas temporal e breve enquanto a perda é irreparável. De outro lado, pode-se perder a vida, mas esta perda é apenas temporária e breve enquanto o ganho é imenso e eterno.

### **SUGESTÃO DE TEMA**

O Messias que nos trouxe a cruz.

*Acir Raymann*

## SEXTO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 9.51-62*  
*15 de julho de 2001*

### CONTEXTO

Jesus está a caminho de Jerusalém, vindo da Galiléia. Esta jornada é descrita por Lucas do v. 51 do capítulo 9 até o relato da entrada de Jesus em Jerusalém, no cap. 19.28.

### TEXTO

- V. 51- A expressão “Como estava chegando o tempo” é típica em Lucas, descrevendo o destino certo de Jesus em Jerusalém, como o plano divino para a salvação da humanidade e o cumprimento das profecias. No v. 22 do cap. 13 e no v. 11 do cap. 17, torna-se ainda mais evidente a decisão de Jesus em ir para Jerusalém. A expressão “ir para o céu”, é uma referência à paixão, morte, ressurreição e ascensão de Jesus. A referência à sua exaltação não exclui a sua completa humilhação.
- V.52 - Inicialmente é descrita uma necessidade de ordem física, diante da dimensão do grupo, que provavelmente não incluía somente os doze, mas um número mais expressivo (cf. 8.2). A companhia estava nos limites de Samaria, e Jesus objetivava cruzar por esta província, como faziam os que vinham do Norte, com destino a Jerusalém. Os mensageiros enviados são Tiago e João. O versículo também parece demonstrar que Jesus é o Profeta semelhante a Moisés (cf. Êx 23.20). Lucas 9 termina como começou, Jesus enviando seus discípulos para prepará-los para a sua missão. Quando o evangelista destaca a necessidade de Jesus dirigir-se a Jerusalém, ele demonstra como Jesus está decidido a cumprir esta jornada.
- V. 53 - Lucas reitera que o destino de Jesus era Jerusalém, usando novamente uma linguagem de jornada. O motivo da recusa de recebê-los pode estar no fato de judeus e samaritanos serem rivais. Contudo, há quem afirme que o motivo real da recusa é o próprio Jesus, pois a respeito dele os samaritanos ouviram falar, ou seja, sobre os

seus milagres e seu poder e tudo mais que dizia respeito ao Mestre. Agora ele está a caminho de Jerusalém para lá demonstrar o seu poder, e isto é do conhecimento dos samaritanos. Seria porque Jesus passaria perto do seu santuário sobre o Monte Gerizim e por que Jesus atuava como se o culto deles em tal monte nada significava? Ou seria por medo que Jesus com seu poder se voltasse contra tal culto? O que fica evidente, mesmo que se tratam de um grupo maior, este não foi recebido por causa de Jesus.

V. 54 - Alguns manuscritos adicionam a expressão “assim como Elias fez...” no final do v. 54, estabelecendo uma conexão com o Antigo Testamento. Os discípulos Tiago e João, os prováveis emissários, estavam seguros de que o “mandar descer fogo do céu” estava à sua inteira disposição pelo fato de estarem na companhia do Mestre. Testemunharam a sua glória, viram seus milagres, eram seus amigos e conheciam muito bem o poder do seu maravilhoso nome. Fica também evidente a ardente fé que têm no nome de Jesus e a honra dedicada a ele, por isso a pergunta. Esta atitude contrasta com a indiferença com a qual muitos dos seguidores de Jesus vêem e ouvem agora como o seu santo nome é desonrado entre os homens, permanecendo calados.

V.55 - Os apóstolos evidentemente ficaram surpresos quando Jesus os censurou. É certo que esta aldeia recusou-se a receber Jesus. Pergunta-se: “Teria este povo ouvido falar do evangelho da Salvação? Teria alguém lhes falado de que Jesus é a humanação do Deus de amor?” - Certamente que não. Então, por que a proposta de destruí-los? - “Por que sois de outro espírito”: Isto demonstra que o principal motivo da ira dos discípulos não era a honra do nome de Jesus, mas a sede de vingança, pois estavam com seu orgulho ferido. Mesmo aqueles que se recusaram a receber Jesus não eram piores do que os próprios discípulos. Portanto, se há algum juízo a ser imposto, este não cabe aos homens, mas a Deus.

V. 56 - Provavelmente não foram para outra aldeia samaritana, mas para alguma aldeia da Galiléia. Uma atitude muito significativa da parte de Jesus. Tiago e João haviam sido chamados de “Boanerges - Filhos do Trovão” em Mc 3.17, e se supõe que isto era devido ao ardente zelo que tinham por Jesus, demonstrado nesta e em outras ocasiões.

Vv. 57-58 - Os vv. 57-62 descrevem algumas condições para seguir a

Jesus. A decisão desse homem em seguir a Jesus parece ser muito bem intencionada, contudo, pela resposta de Jesus, entendemos que ele não teve a motivação certa. Percebe-se nesse homem uma atitude semelhante a de Pedro ( Jo 13.36,37 e Lc 22.33). É semelhante à semente que caiu em solo rochoso, cresceu rapidamente, mas faltaram raízes profundas para resistir ao sol abrasador. Era um idealista, entusiasta, tornando-se por isso, superficial. Jesus não aceita nem nega o oferecimento, mas aponta para o âmago da questão: o homem deve ver o que este oferecimento supõe, não um plano de idealismo, mas um realismo sombrio e insano. Jesus mostra que o seu caminho não está repleto de rosas, mas coberto de espinhos, daí a referência do versículo 58. Enquanto a nossa disposição de seguir a Jesus estiver baseada em nossas próprias forças e perspectivas, ela se torna vazia e infrutífera.

Vv. 59-60 - No primeiro caso mencionado o suposto escreva se oferece para seguir a Jesus. Agora Jesus manda que este homem o siga. Talvez este não seja o seu primeiro contato com Jesus, portanto poderia se tratar de um simpatizante, algum “discípulo” de dedicação parcial. O que Jesus solicita é que este se torne um “discípulo de tempo integral”, um seguidor. O afeto natural e as obrigações impostas por Deus com respeito aos pais fizeram com que este homem vacilasse. Está, no entanto, pedindo algo perfeitamente humano, prestar sua última homenagem a seu pai. Se ele desejaria cuidar de seu pai para o resto de sua vida, ou se este estava prestes a morrer, não sabemos exatamente. A resposta de Jesus nos leva a refletir sobre o fato de que o nosso maior interesse deve estar na vida eterna e Aquele que a outorga. A alma daquele pai certamente havia ido mais longe do lugar em que o filho pudesse alcançá-la para falar do amor de Deus (?). Que agora atenda a sua própria alma ao seguir a Jesus (?).

Vv. 61-62 - A proposta seguinte também é bem humana. No entanto a resposta de Jesus é clara: Não é apto para o reino de Deus. Parece dureza da parte de Jesus, mas a verdade é que todo o ser humano pensaria da mesma maneira e, por si só, não seria apto para o reino de Deus. Em seu lugar, o que você teria feito?

### **SUGESTÃO DE TEMA E PARTES**

**Tema:** Seguir o Mestre traz mudança de perspectivas:

**Partes:** I - Deixar Deus ser Deus (vv. 54 e 55)

II - Reconhecer limitações (vv. 57 e 58)

III - Ter Jesus como Prioridade (vv. 59-62)

IV - Reconhecer que, a pesar de sermos igualmente falhos, somos alvo de seu amor (v.55).

**BIBLIOGRAFIA**

- JUST, Arthur A. Jr. *Concordia Comentary: Luke* : 9.51-24.53. St. Luis : CPH, 1997.
- LENSKI, R.C.H. *The Interpretation of St. Luke's Gospel*. Ohio : Columbus, 1934.
- RIENECKER, Fritz. *Sprachlicher Schlüssel zum Griechischen Neuen Testament*. Basel : Brunnen Verlag, 1952.

*Paulo Gerhard Pietzsch*

## SÉTIMO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 10.1-12, 16-20*

*22 de julho de 2001*

### CONTEXTO

#### Monólogo de um missionário

Certo dia eu estava caminhando ao lado de Jesus quando ouvi alguém lhe prometendo que o seguiria onde quer que fosse. A resposta de Jesus foi um tanto estranha (Lc 9.58). Só mais tarde me dei conta que Jesus não estava dizendo que um seguidor seu não pode sonhar com uma casa própria, um lugar onde morar, a necessidade básica e desejo de todo o ser humano. Jesus falava do alto custo de ser um discípulo seu. Da necessidade de abrir mão de certos privilégios pessoais.

Enquanto refletia sobre isso, Jesus chamou alguém para o seguir. Porém, aquela pessoa queria esperar antes a morte de seu pai para poder sepultá-lo e então seguir o Mestre. Eu lembrei de Mt 10.37: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim”. A minha dúvida era se aquele pai havia falecido naquele dia mesmo, ou aquela pessoa chamada por Jesus iria esperar pela morte dele. Arndt diz que Jesus não insistiu para que aquela pessoa abandonasse tudo e que ele teria que o seguir imediatamente<sup>1</sup>. Parece que ele queria uma permissão especial para permanecer com seu pai até à sua morte e então seguir a Jesus. Só que Cristo não aceitou esta desculpa e disse que os mortos espirituais podem sepultar os mortos físicos, mas os vivos espirituais têm uma missão a cumprir, anunciar o Reino de Deus (Lc 9.60).

Um terceiro candidato se prontificou a seguir a Jesus. Este também queria impor uma condição: despedir-se dos seus parentes. Mais uma vez Jesus deixa claro que segui-lo não é uma mera opção que fazemos. Jesus quer todo o nosso coração. Não podemos ficar divididos ou olhar para trás, para os interesses pessoais, para as vantagens ou desvantagens, apenas seguir olhando para frente, para o Senhor.

---

<sup>1</sup> Se fosse assim o imperativo aoristo teria sido usado, e no entanto ele usa o imperativo presente (Arndt, p.277).

Muitos dizem que este texto diz respeito somente àqueles que ocupam uma posição especial na igreja. Pastores, missionários, professores. Eu acredito que estas verdades são especialmente dirigidas àqueles que são chamados e enviados, mas elas podem muito bem ser aplicadas a cada cristão, pois em outra oportunidade Jesus disse a todos: “se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me” (Lc 9.23; Mc 8.34).

## **TEXTO**

Jesus também me chamou para a missão. Eu não lembro bem se eram 70 ou 72<sup>2</sup>, nem recordo seus nomes, o que eu sei é que as instruções de Jesus são oportunas para todos os tempos e a experiência de fazer missão é maravilhosa.

O objetivo de Jesus ao nos enviar foi preparar as pessoas para o receberem mais tarde. Cristo deseja que as pessoas tenham alguma informação a seu respeito antes dele visitá-los e que as pessoas conheçam o seu amor e a verdade.

O primeiro conselho de Jesus é sobre a oração (10.2). Orar por mais missionários, pois ainda somos poucos e a colheita é grande. A oração é um dos melhores e mais poderosos meios de auxiliar na missão de Deus. Não são todos os cristãos que podem ajudar financeiramente, há poucos que podem servir ao Senhor como evangelistas de tempo integral, mas todos os cristãos podem orar para que a pregação do Evangelho tenha sucesso.

Cristo nos pede para trabalhar como seus representantes. Mas avisa, a missão não é tarefa fácil. Somos como ovelhas no meio de lobos (10.3).<sup>3</sup> Temos que enfrentar a hostilidade do mundo e corações endurecidos. Conviver com a indiferença, a falsidade, a falta de compromisso. João disse que nós nem deveríamos nos admirar se o mundo ficar aborrecido com

---

<sup>2</sup> Alguns manuscritos trazem 70 outros 72. A leitura mais fácil é 70, pois este valor aponta para a escolha dos 70 anciãos feita por Moisés (Nm 11.16, 25; Êx 24.1). A mais provável é 72, visto que vários manuscritos importantes registram este número. Penso que não há grandes implicações em aceitar uma das duas opções.

<sup>3</sup> Just vê nesta referência o caráter cristológico do envio desses missionários. Assim como o Senhor, os missionários serão vítimas sacrificiais do Evangelho. Ele baseia sua argumentação na palavra “ $\Delta\theta$ ”, um termo técnico para o Cordeiro Pascal do Antigo Testamento descrito em Êx 12. 5 (Just, p.441). Lembrando que Paulo diz em Gl 6.17 que traz as marcas de Jesus em seu corpo.

nossa mensagem (1 Jo 3.13). É preciso a paciência de um bom pescador, pois quando portas para a missão são abertas, há muitos adversários tentando fechá-las (1 Co 16.9).

A terceira recomendação de Jesus a princípio soou estranha para mim (10.4). Só mais tarde concluí que ele estava nos incentivando a confiar nele e aproveitar bem o nosso tempo. Jesus nos ensinou a não colocar a confiança em nós mesmos, mas que aprendamos a acreditar que é o Senhor que proverá forças, recursos e as demais provisões necessárias para nosso sustento e a missão. Ao nos aconselhar a não saudar ninguém pelo caminho, ele estava nos advertindo quanto ao bom uso do nosso tempo<sup>4</sup>. Às vezes as preocupações com nosso conforto e as amizades podem tomar o nosso tempo excessivamente e atrasar o trabalho para o Senhor. A missão é urgente, não dá para adiar, nem perder tempo.

Cristo ainda nos preparou para algumas situações especiais com as quais teríamos que nos defrontar (10.5). Ao entrarmos numa casa deveríamos expressar o desejo que a bênção divina da paz e da salvação repouse sobre aquele lar. Levamos no corpo as marcas do Cristo sofredor, mas também somos condutores da paz que só Cristo pode dar. Aqui Jesus nos lembra algo importante. Não precisamos escolher as pessoas a quem vamos pronunciar as bênçãos de Deus. Nem ter medo em desejar a paz a uma pessoa que talvez seja indigna. As pessoas podem rejeitar nossa oferta, ela não é mágica, nem irresistível. Não seremos missionariamente incompetentes quando alguém ignora a nossa oferta de paz. A nós só nos cabe anunciar e anunciar, com esperança de sermos pais que geram filhos da paz (1 Co 4.15).

Um outro conselho de Jesus está nos vv. 7 e 8. Lembrei das palavras de Paulo em Fp 4.11: “aprendi a viver contente em toda e qualquer situação”. Cristo quer combater a idéia daqueles que são fissurados por melhores salários. Jesus quer evitar que gastemos nosso tempo nos estressando em conseguir melhores condições de vida, mas que a nossa vida seja com contentamento (Hb 13.5) e se adaptando à realidade em que servimos ao Senhor.

Só depois dessas instruções é que Jesus nos encaminhou para uma tarefa específica. Curar e falar. Nós sabemos que os primeiros apóstolos tinham um

---

<sup>4</sup> Alguns estudiosos mencionam que este conselho está vinculado ao costume da época: uma longa e formal saudação e que será substituída por uma nova saudação e novo conteúdo. Esta mesma recomendação foi dada a Geazi em 2 Rs 4.29.

poder especial para curar doentes em nome de Cristo. Pedro e João curaram (At 3.6), eram feitos muitos sinais (At 5.12; 8.7; 9.34) e até gente foi ressuscitada (At 9.40). Talvez hoje nem sempre aceitemos totalmente que exista o dom especial de curar em nome de Cristo, mesmo que Paulo mencione este dom em 1 Co 12.8. Geralmente preferimos espiritualizar esta cura. A palavra que Jesus utilizou pode significar doença física, bem como outra fraqueza qualquer (Rm 6.19; 1 Pe 3.7; Hb 5.2). Cristo nos incumbiu da missão de curar doenças físicas. A palavra de Deus é medicina também para o corpo (Pv 4.22). Nós podemos encaminhar pessoas para serem curadas, orar pelos doentes, renovar as forças de pessoas envolvidas com medo, depressão, superstição, doenças funcionais e tantas outras fraquezas que as pessoas alimentam e sentem no seu dia a dia. Quando Cristo preencher o vazio desses corações, com certeza há curas físicas realizadas por cada missionário. Jesus também nos pediu para falar. Falar que seu Reino está próximo. Onde falarmos de Cristo, lá está o Reino de Deus.

Nada é mais frustrante na missão que a rejeição. Ela causa dor, tristeza, raiva. Jesus nos consola bastante dizendo que ele também considera a rejeição algo muito grave (10.10-11). Ele pede para sairmos pela rua mais larga da cidade e falar àquele povo que a eles foi oferecida uma oportunidade de salvação, de paz e da presença do Reino de Deus. E ao desprezar esta oferta a culpa recai única e exclusivamente sobre eles. Aqueles que rejeitam as boas novas do Reino de Deus e permanecem neste estado, não são merecedores de compaixão, mas de condenação, assim como as cidades mencionadas por Jesus (10.12-15).

Cristo lembrou ainda que somos os honrados embaixadores dele (10.16). A nossa missão é a missão dele e do Pai. Não poderia existir linguagem mais clara e mais bonita sobre a nossa dignidade em sermos os representantes de Cristo. Por muito pouco somos o próprio Cristo, pois rejeitar a nossa proclamação é uma afronta para Cristo, e ouvi-la é aceitar o próprio Cristo.

A aula de Cristo terminou, veio a formatura e fomos para a missão.

Depois de algum tempo voltamos e com muita alegria relatamos a Jesus como foi o nosso trabalho (10.17). Foi um sucesso. Nós conseguimos fazer mais do que esperávamos e que nos foi prometido. A missão nem sempre é previsível. A cada dia podemos nos deparar com situações diferentes e às vezes temos que pedir um “poder extra” do Senhor para encontrar as soluções. Em nosso caso, até os demônios se renderam em nome de Cristo. Para Cristo isto não foi novidade, ele apenas confirmou o sucesso (10.18).

Ele nos disse que só não assistiu<sup>5</sup>, como estive do nosso lado e está do lado de cada representante seu, porque esta obra é a sua obra.

Confesso que as palavras de Jesus do v.19 me deixaram um pouco confuso. Como estas palavras devem ser entendidas? Ainda que Paulo tenha pego numa serpente (At 28.5) e não ter sofrido nenhum mal, eu não acredito que tenhamos que entendê-las literalmente, mas figuradamente (Ez 2.6). Também entendo que essa imunidade tem limites, pois discípulos foram mortos (At 7.60 ; At 12.2). Deus nos garante proteção quando isto é benéfico e interessante para a causa de Cristo e quando não nos expomos deliberadamente a perigos. Esta autoridade que Deus nos concedeu não é só privilégio nosso, ela vale para todos os tempos, para todos os missionários chamados e enviados por Deus.<sup>6</sup>

Cristo disse o que gostamos de ouvir. Nossa missão foi um sucesso. Mas ele nos adverte que não podemos nos deixar contaminar com este sucesso a ponto de perdermos a humildade e pensar que nós é que produzimos estas vitórias. Possuir a autoridade de Cristo, fazer grandes sinais, impor derrotas a Satanás, anunciar a palavra com eloquência, curar, ser um grande evangelista, um ótimo músico, não é o mais importante. Tudo isto está longe de ser o mais precioso, porque o que realmente interessa é que através de Cristo somos cidadãos celestiais, perdoados, aceitos e salvos (10.20). O mais gratificante é saber que meu nome está no livro da vida (Fp 4.3; Dn 12.1; Ap 20.12). Amém.

*Anselmo Ernesto Graff  
Barra do Graças, MT*

---

<sup>5</sup> “E continua assistindo as derrotas de Satanás” –Imperfeito do verbo ἴδω

<sup>6</sup> Perfeito do verbo ἴδω - sua concessão de poder perdura.

## OITAVO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 10.25-37*  
*29 de julho de 2001*

### CONTEXTO

O texto está inserido no bloco geral de Lucas que contém a viagem de Jesus da Galiléia a Jerusalém (9.51 – 19.44). Logo no início desta jornada, Jesus ensina seus seguidores, entre outras coisas, sobre o discipulado cristão (9.51 – 10.42)

### TEXTO

O texto é um dos mais conhecidos – e amados – das Escrituras, tradicionalmente conhecido como a parábola do bom samaritano. Alguns comentários:

V. 25 - O “intérprete da Lei” era um especialista na Lei de Deus. Ao interpelar Jesus, ele não estava, na verdade, buscando uma informação, mas algo que lhe possibilitasse acusar a Jesus (“pôr Jesus à prova”, como diz o texto).

V. 27 - A resposta do intérprete a lei mostra que ele tinha conhecimento da Palavra de Deus. Aliás, Jesus resumiu a lei de modo parecido (veja Mateus 22.37-40).

V. 28 - “faze isto e viverás”: o caminho da vida se encontra em Deus, em viver a sua vontade.

Vv. 29-37 - A questão que a parábola responde não é a inicial, isto é, o que alguém deve fazer para ser salvo, mas a questão “quem é o meu próximo?”

Vv. 33,34 - A introdução do samaritano na história é totalmente inesperada. Os ouvintes de Jesus certamente estavam esperando que, depois do sacerdote e do levita, viesse um leigo israelita.

## PROPOSTA HOMILÉTICA

O texto é familiar para a maioria dos ouvintes. Mas ninguém cansa de ouvir uma boa história! Por isso, sugiro que o pregador utilize todo o enredo, especialmente a parte que trata do exercício do amor cristão (vv. 29-37).

A familiaridade do texto para os ouvintes é um desafio para o pregador. A história, apesar de antiga e sempre recontada, não perde seu encanto, mas a mesmice na atualização (contextualização), sim. O desafio do pregador é colocar este “velho presente” de Deus num “pacote” novo para despertar o interesse do ouvinte e o manter atento.

Sugiro um caminho simples, porém um pouco fora do usual. Coloco apenas os pontos de partida. O pregador deve usar sua criatividade para continuar a jornada.

**Tema:** Chegue perto!

## INTRODUÇÃO

O amor cristão tem muitos caminhos, mas todos eles são para chegar perto, para aproximar-se, para olhar de perto, para tocar...

No texto, vemos três pessoas caminhando. Dois deles se afastam, ignoram, se desculpam, fogem. Este é o caminho da indiferença. Um deles chega perto, coloca a mão, ajuda. Este é o caminho do amor.

Vamos acompanhar a caminhada destas três pessoas e, a partir delas, avaliar a nossa caminhada de filhos de Deus.

## Desenvolvimento

**1. O primeiro caminhante:** o sacerdote:

Por favor, estou ferido!... não pode me ajudar?

Não posso! Estou com pressa; tenho o que fazer.

Mas... socorro: como posso me levantar?

Problema seu: preciso a Jerusalém descer.

- Comece com a estrofe da poesia acima (retirada do meu livro *Jovem como você*, Concórdia Editora, 1990)
- Situe o sacerdote na história
- Imagine e descreva um cenário de indiferença (afastamento, negação, fuga) hoje, de acordo com a realidade da sua congregação.

**2. O segundo caminhante:** o levita:

Senhor, ouça-me... porque foge de mim?  
Está anoitecendo: tenho muito que andar.  
Fui assaltado... peço: me deixarás assim?  
Lamento muito, não posso me aproximar.

- Leia a segunda estrofe da poesia
- Situe o levita na história
- Imagine e descreva um outro cenário de indiferença (afastamento, negação, fuga) hoje, de acordo com a realidade da sua congregação.

**3. O terceiro caminhante:** o samaritano:

Bom senhor, porque assim me socorres?  
Porque você é o meu próximo, o meu irmão.  
Os outros... não cuidaram minhas dores.  
Eles não têm o amor de Deus no coração.

- Leia a terceira estrofe da poesia
- Situe o samaritano na história
- Imagine e descreva um cenário de aproximação (exercício do amor cristão) hoje, de acordo com a realidade da sua congregação.

**4. O quarto caminhante:** eu

- Jesus concluiu sua história com o desafio: Vai, e procede tu de igual modo
- A fé cristã produz amor que aproxima, que se interessa, que acolhe, que socorre...
- Deus acolheu a cada um de nós em Jesus Cristo... (explicitar o evangelho)

**CONCLUSÃO**

- O seu desafio como caminhante da fé em Jesus é chegar perto... (sintetizar lei e evangelho)
- Vamos lá, chegue perto (“apelo”).

*Dieter Joel Jagnow  
Porto Alegre, RS*

## NONO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 10.38-42*  
*5 de agosto de 2001*

### CONTEXTO

O evangelista Lucas não menciona o nome do povoado onde este acontecimento ocorreu. O evangelista João, porém, nos informa que Maria e Marta residiam em Betânia (João 11.1 e 12.1-3), a quase 4 quilômetros de Jerusalém e eram irmãs de Lázaro, amigo que Jesus ressuscitou.

**Povoado:** Segundo alguns comentaristas, povoado significava um reduto da fanatismo, símbolo de mentalidade fechada, onde predominava uma determinada ideologia comum a todos os que ali habitavam. Pela descrição do primeiro versículo pode-se concluir que, talvez, somente Jesus entra em Betânia. Os discípulos não são mencionados.

vv. 38-42 - Somente o evangelista Lucas narra esse episódio, seguindo imediatamente a narrativa do *Bom Samaritano*. Alguns comentaristas observam que a conexão, talvez, esteja em ensinar que a idéia da *caridade ativa*, como a do bom samaritano, não é o único meio de servir e agradar Jesus. *Sentar-se aos pés de Jesus* para ouvi-lo é tão útil e tão importante em certas circunstâncias, quanto socorrer os necessitados.

Provavelmente Marta era a dona da casa (v. 38), talvez, por ser a irmã mais velha. Por isso, sendo considerada a hospedeira, Marta estava ocupada e envolvida, principalmente, com essa tarefa.

As duas irmãs eram discípulas fiéis. Ambas haviam convertido e reverenciavam a Cristo, numa época em que poucos o faziam. Ambas amavam o Mestre e eram amadas por Ele. Todavia, não eram iguais. Aliás, como até hoje, todos seres humanos são diferentes uns dos outros, não só na sua aparência física, mas também, nos seus mundos internos, temperamento, caráter e personalidade.

**Marta** era mais ativa, mais introversa, impulsiva, suas emoções eram intensas e era franca no falar o que estava no seu coração.

**Maria** era mais contemplativa, mais introversa, sentia profundamente e guardava mais as coisas para si.

**Marta** se alegrou ao ver Jesus e logo preocupou em hospedá-lo com todo carinho e atenção merecidos pelo Mestre, indo logo preparar-lhe uma boa refeição e local para descanso.

**Maria** também se alegrou ao ver Jesus, mas sua primeira atitude foi o de assentar-se a seus pés e ouvir-lhe palavra e ensinamentos.

É tão importante a vida congregacional e até mesmo familiar, não esperar que todos os cristãos sejam exatamente iguais entre si, com o mesmo comportamento e “jeito” de ser cristão. Igualmente não é correto concluir que os que não pensam e não agem como nós são cristãos de “segunda categoria”. Cada uma das ovelhas do Bom Pastor tem características particulares. Todas ouvem a voz do Bom Pastor, são guiadas pelo mesmo Espírito e todos sabem que o “o sangue de Jesus Cristo é que nos purifica de todos os pecados” (1 João 1-10). A vida santificada, a “nova vida” que surge após a conversão, especialmente nas manifestações, nos frutos da fé, os os comportamentos podem ser bem diferentes. Não devemos, nem podemos, julgar, nem desprezar ninguém por esses motivos. Sempre haverá queridas e dedicadas Martas e Marias até a segunda “vinda de Cristo”.

O que podemos e devemos sempre nos lembrar e nos preocupar é a respeito das **prioridades** em nossa vida. O que vem primeiro e o que vem depois. Essa é a sábia e misericordiosa admoestação e lembrança que Jesus dirige à Marta:

“Marta! Marta! andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário, ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte e esta não lhe será tirada” (vv. 41,42).

E Marta, sem dúvida, aprendeu agradecida, o conselho do Mestre. Aprendeu a hierarquizar, sabiamente, as prioridades em sua vida. Não se tenha nenhuma dúvida disso, quando se tem a tendência em desprezar o jeito de ser cristão de Marta. Talvez não se encontre nos 4 evangelhos confissão alguma a respeito da missão e obra de nosso Salvador e Senhor Jesus, do que aquela feita por Marta e registrada pelo evangelista João no capítulo 11.

## SUGESTÃO HOMILÉTICA

A **Boa Parte**: *Ouvir e aprender* a Palavra de Deus.

- Pela vontade criadora de Deus, seus filhos e filhas são diferentes uns dos outros;
- é necessário respeitar o jeito de viver a vida cristã de cada um;
- porém: é fundamental lembrar sempre da **boa parte**, da **prioridade**. O que vem primeiro o que vem depois.

*Norberto E. Heinne*

## DÉCIMO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 11.1-13*

*12 de agosto de 2001*

### CONTEXTO

Aqui vale uma reflexão sobre a oração no texto de Lucas. Lucas ressalta a importância da oração de duas maneiras: primeira, quando Jesus ora diante de uma grande crise (3.21; 5.16; 6.12; 9.18, 28-29; 10.21-22; 11.1; 22.41ss; 23.46), ora por Pedro (22.31-32) e pelos seus inimigos (23.34); segunda, nas parábolas que ensinam sobre a oração: do amigo à meia-noite (11.5ss) e do juiz iníquo (18.10ss). Lucas também registra a exortação aos discípulos para orar (6.68; 11.2; 22.40,46) e uma advertência sobre a oração que Deus não ouve (20.47).

### TEXTO

V.1 - προσευχόμενοι δευοτα uma oração litúrgica (1.10; 18.10,11) ou uma petição (18.1;22.40-46). O Pai Nosso é uma petição, agradecimento e pedido de bênção. τις των μαθητων αυτου são os doze, os setenta, as mulheres (8.1-3) e outros. Nosso texto enfatiza três ações que Jesus estimula em relação à oração para seus discípulos: 11.1-4 ensina como fazer uma oração ao Pai; 11.5-8 ilustra como o Pai mantém seu nome santo e como responde às petições urgentes; 11.9-13 encoraja os discípulos a serem persistentes porque Deus é bom e concede seu Espírito. Cada seção enfatiza que Deus é o doador de todas as coisas boas.

Vv.2-4 – O Pai Nosso de Lucas (mais curto que o texto de Mateus) é formado (1) pela invocação de Deus como Pai; (2) de duas petições que se direcionam a Deus (“santificado seja o teu nome” e “venha o teu reino”); e, (3) três petições direcionadas às necessidades daquele que ora. Πάτερ denota uma relação familiar entre o filho e o pai – este hebraísmo retrata Deus tanto em sua glória como em sua graça (Is 63.16; 64.8; 1 Cr 29.10; Gn 15.2; 1 Sm 2.1). αγιασθητω το ονομα σου - novamente um hebraísmo. Deus ordenou santificar seu nome (Lv 20.3), mas Israel nem sempre o fez (Ez 36.20-21). ελθετω η βασιλεια σου - Jesus inaugurou ou trouxe o reino de Deus de forma presente e visível ao seu povo. Bom é anotarmos a ação passiva dos verbos αγιασθητω e

ἐλθέτω” as duas ações são possíveis em nossa vida porque Deus está por trás delas. Estas ações nos remetem à maneira como Deus se faz presente em nós, através de seus meios nos quais ele nos concede sua graça. Interessante observarmos como Lutero ensina a santificar o dia de descanso em seu Catecismo e como ele nos sugere a presença de Deus em nosso meio através das marcas que identificam visivelmente o povo de Deus no seu texto Dos Concílios e da Igreja.

As petições em favor do pedinte são reflexos da ação de Deus; elas seguem naturalmente ao que primeiro se pede. A primeira petição - ὄν ἕρπον ηἰμῶν τὸν ἐπιούσιον - é a mais difícil de se interpretar. Mas duas formas de se ler este texto se destacam: (1) o pão físico, necessário para a vida neste mundo e (2) o pão escatológico que providencia vida espiritual agora e eternamente. Podemos fazer uso das duas, visto que o pão físico terá sua função quando percebermos que somos também espirituais, precisando nos alimentar espiritualmente daquilo que Deus nos oferece. As outras petições são muito enfatizadas no texto de Lucas: “o perdão dos débitos” (esta metáfora talvez seja a melhor tradução para τὰς ἀμάρτίας – 5.17-26; 7.36-50) e “não nos deixes cair em tentação” (4.2,13; 8.13; 11.16; 22.28,40,46).

Vv. 5-7 Ti,j evx u‘mw/n com seu tom retórico procura forçar o ouvinte a assumir um ponto de vista definido e espera-se uma resposta negativa. Poderíamos pensar em algo que não deve ser feito ou jamais iria acontecer (paralelos em Lc 14.5 e Lc 15.4). Bailey (As Parábolas de Lucas, p.107) sugere a seguinte leitura para este questionamento: “ Jesus está dizendo: ‘Vocês podem imaginar que têm um amigo, e quando se dirigem a ele com o pedido sagrado para que lhes ajude a receber um hóspede, ele dá desculpas esfarrapadas a respeito das crianças que dormem e da porta fechada?’. O ouvinte/leitor oriental conhece a responsabilidade comunitária pelo hóspede, e responde: ‘Não, não podemos imaginar isso’”.

V. 8 – Torna-se determinante entender τὴν ἀναίδειαν para a interpretação desta parábola. Para alguns comentaristas, significa “falta de vergonha” – uma ênfase negativa; para outros, tornou-se “persistência” – uma ênfase positiva. Bailey (p. 116) sugere que seja lida como “evitação da vergonha”. Ele sugere uma chave hermenêutica para esta parábola: “Em suma, a parábola do Amigo à Meia-Noite é considerada como uma estória oriental de um homem que sabe que o seu pedido feito no meio da noite será atendido mesmo por um vizinho que não gosta dele. A chave para a parábola é a definição da palavra τὴν ἀναίδειαν. Esta palavra assumiu o significado de persistência. Aqui ela é traduzida de maneira mais apropriada como “evitação da vergonha”, uma qualidade positiva.

A estrutura literária de toda a parábola torna claro que esta qualidade deve ser aplicada ao vizinho. Desta forma, a parábola fala de um vizinho que dorme e que de fato preservará a sua honra e dará ao hospedeiro tudo o que pedir, e ainda mais. Da mesma forma, o homem diante de Deus tem muito mais motivos para estar seguro de que os seus pedidos serão concedidos.”

Vv. 9-13 – Para muitos intérpretes, as palavras que seguem são uma ampliação da parábola anterior. Bailey (p.117) sugere uma leitura em como uma nova parábola/poema. Ele sugere a seguinte interpretação (p.123): “Provavelmente ela foi dirigida aos oponentes do evangelho. A parábola/poema declara dramaticamente que um pai benevolente sempre dá boas dádivas (o Espírito Santo) a todos os que O buscam”. A dádiva do Espírito está vinculada à obra do Espírito na vida cristã como Paulo a descreve em Rm 8.15,23.

### **APLICAÇÃO HOMILÉTICA**

Lutero, em seus Catecismos, relacionou todas as partes da doutrina cristã. Quando introduz o Pai Nosso no Catecismo Maior, relaciona-o com os Mandamentos. A chave hermenêutica para nós cristãos luteranos ao estimular a oração do Pai Nosso está nas palavras de Lutero (CM, 3ª parte, 2,3): “Pois, visto nossa situação ser tal, que ninguém pode cumprir os mandamentos perfeitamente, ainda que haja começado a crer, e visto o diabo, juntamente com o mundo e a nossa própria carne, a isso se opor com toda a força, nada é mais necessário do que viver continuamente nos ouvidos de Deus, clamando e pedindo que nos dê, preserve e multiplique a fé e o cumprimento dos Dez Mandamentos, e remova tudo o que está em nosso caminho e nos impede. Mas, a fim de que soubéssemos como orar, o próprio Cristo, Senhor nosso, nos ensinou a maneira e as palavras”.

O melhor estímulo (com base no texto em estudo) é estimular nossos ouvintes a orar como Jesus o fez: o Pai celeste está sempre de ouvidos abertos para nos escutar em todas as nossas necessidades físicas e escatológicas (espirituais). A lei aparece quando não nos identificamos ou não somos filhos de Deus (como descrentes, como auto-suficientes, ou até quando queremos ditar ao Pai Celeste o que Ele tem que fazer em nosso favor etc.). A oração também assume um caráter permanente em nossa vida quando a identificamos com a nossa vida no Espírito de Deus (ver Rm 8).

### **SUGESTÃO HOMILÉTICA**

Ao orarmos o Pai Nosso, pedimos que Deus seja nosso Deus (a) em nós e (b) através de nós.

## DÉCIMO PRIMEIRO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 12.13-21*  
*19 de agosto de 2001*

### CONTEXTO

Jesus vem ensinando vários aspectos importantes de uma vida cristã. Nesse texto ele trata do aspecto mais importante: como ter o céu por herança. O período do Pentecostes leva-nos a refletir sobre o crescimento da vida de fé do povo de Deus, e esse texto encaixa-se perfeitamente nesse contexto. Queremos viver a nossa vida, com fé verdadeira, para sermos herdeiros do céu.

### TEXTO

vv. 13 e 14 - Jesus é solicitado para agir como um juiz, ou mesmo exercer as funções de um rabino na decisão sobre uma herança. Jesus deixa claro no v. 14 que ele não veio tratar de bens materiais. Quando Jesus usa a expressão “homem” no v. 14 já está começando a sua reprovação para a situação.

A particularidade da situação também se percebe no uso da palavra xxxxxxxxxxxx partidor, que é usada essa única no NT.

v.15 - Aparece e recomendação de Jesus contra a avareza. A palavra usada por Jesus é: xxxxxxxxxxxxxxxx, expressando a ganância de possuir sempre mais. Em contraste com essa ganância Jesus ressalta que a abundância na vida de uma pessoa não está na riqueza dos bens materiais que possui.

vv. 16 e 17 - xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx: produzir bem, ser frutífero. Essa palavra também é usada essa única vez no NT. Fica claro que a produção daquele homem realmente tinha sido excepcional, como também demonstra a ironia dele no v. 17.

vv. 18 e 19 - O homem só pensa em si mesmo. Repetem-se os termos “meu” e “minha” várias vezes, deixando claro o seu egoísmo e até

egocentrismo. O homem não conseguia reconhecer que sua colheita era bênção de Deus, e também não estava destinando corretamente os seus lucros.

- v. 20 - xxxxxxxxxxxxxxxxxxx: louco, sem razão, insensato. Essa palavra denota a característica de alguém que não leva nada em conta. Aquele homem nem mesmo estava se dando conta de que o futuro não estava nas mãos dele. Quem disse que ele iria viver “muitos anos” (v. 19) para desfrutar da sua colheita.

Qual seria o proveito dos celeiros cheios e de toda a riqueza de forma egoísta? Sem reconhecer a mão de Deus e viver para ele? De que adiantaria essa riqueza se aliada a ela não estivesse a riqueza espiritual, o tesouro de céu?

“**Pedirão a tua alma**”: Uso da terceira pessoa para referir-se a Deus.

- V. 21 - Quem não é rico para com Deus, não tem proveito de nenhuma riqueza material, ou tem um proveito temporário. “**Somente as riquezas entesouradas com Deus têm valor duradouro**” (DITNT).

## **TEXTOS PARALELOS**

É importante olhar com atenção para os seguintes textos que auxiliam na compreensão deste a ampliar o seu conteúdo: Sl 49. 16ss, Jr 17.11, Mt 6.20, 1 Tm 6.17-19.

## **APLICAÇÃO HOMILÉTICA**

- **Objetivo:** Levar o povo de Deus a perceber que uma das formas de se perder a salvação é “amar a riqueza” e não a Deus. Mostrar e convocar o povo de Deus a ter sempre o verdadeiro amor, a fé, que conduz para a vida eterna.
- **Moléstia:** A ganância ou o “amor à riqueza” é uma forte tendência dos dias atuais, bem como sempre foi, que leva pessoas a se afastarem de Deus.
- **Meio:** A riqueza dos meios da graça em nossas vidas reforcem nossa fé, que conduz para a vida eterna.

### **Temas e partes**

**Tema:** Uso sábio da riqueza.

I. Bens materiais:

A. Reconhecê-los como bênção de Deus:

1. Administração material
2. Oferta ao Senhor

II. Bens espirituais:

A. Deus nos dá de presente

1. Palavra
2. Sacramentos

B. Uso constante desses bens

1. Vida consagrada

III. O mais importante é o tesouro eterno:

A. A verdadeira riqueza é a vida com Deus

1. Nesse mundo
2. Na eternidade

B. Esse tesouro é para todos: ricos e pobres.

*Aurélio Leandro Dall'Onder*  
*Cerro Branco - RS*

## DÉCIMO SEGUNDO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 12.32-40*  
*26 de agosto de 2001*

### CONTEXTO

V . 32 - Só em Lucas temos este registro. Em Lc 12.4 Jesus chama seus discípulos de “amigos”. Mostra-lhes a limitação em temer homens, convocando-os a não alimentarem este tipo de medo. Jesus fala como Pastor (Jo 10.14) e os chama de “ó pequenino rebanho”. O artigo “ó” é vocativo. O pequeno rebanho não precisa temer nada, pois se encontra seguro sob os cuidados de Jesus. “εὐδόκησεν” aoristo indicativo ativo, 3 pes. sing. de = εὐδοκέω sentir prazer, enorme satisfação, alegria em querer dar, favor de Deus (2 Co 12.10). Jesus aponta para a promessa graciosa de Deus: dar-lhes o seu reino. No v. 31 Jesus recomenda aos discípulos buscar o reino do Pai, despreendendo seu coração das preocupações do mundo. Logo lhes assegura que Deus Pai tem prazer ou agradou-se em dar-lhes seu reino. Este “agradou-se” mostra toda a dimensão da graça voluntária de Deus. Apesar de dirigir suas palavras ao pequenino rebanho, que se encontrava ao seu redor, fica evidente que elas se aplicam a todos os que pela ação redentora iriam se unir a este rebanho. O aoristo se estende até a eternidade. Assim o infinitivo aoristo de constatação δοῦναι δίδωμι refere-se ao reino da graça. “Dar” significa graça por meio de Cristo e por amor de Cristo. Os que estão recebendo esta dádiva imerecida simplesmente hão de regozijar-se e não terão temor de nenhuma espécie.

Vv . 33-34 - A ligação com o ensino do versículo anterior continua. Jesus não exige um juramento de total pobreza, mas o cuidado com as preocupações da vida, que impedem o cristão de poder ver o real valor de viver como agraciado pelo tesouro conquistado em seu favor por Deus. Um tesouro inesgotável, que nada e ninguém poderá tirar (Mt 6.20-21). Novamente, a referência à graciosa redenção, “o tesouro nos céus”. O uso de nossa posses, para o benefício dos semelhantes, é o que a graça de Deus trabalha em nosso coração.

Alguns descobriram “que a vida só vale a pena se vivida em favor dos semelhantes”. Se isto vale para alguns, motivados por sentimentos e forças humanos, maior e mais rica será a dedicação dos filhos(as) de Deus, cuja motivação é a graça de Deus em Cristo. O texto lembra igualmente a transitoriedade da existência terrena (v.34). Em linguagem bíblica, o coração é o depósito de nossa personalidade. Nada e ninguém neste mundo pode nos oferecer um seguro certo. Se como o rico insensato (Lc 12. 15-21) nosso coração se prende aos bens desta vida, precisamos saber que com a nossa morte tudo desaparecerá, menos a nossa vida, que terá eterna continuidade. Na eternidade nos aguarda um tesouro que jamais acaba, o amor de Deus (1 Co 13.13). Este amor é oferecido a todos, neste tempo da graça, na mensagem redentora do Evangelho.

Vv.35 -36 - A parábola do servo vigilante descreve o contexto daqueles que foram chamados a fazer parte do reino da graça. Dentro do contexto oriental, Jesus descreve alguém sempre preparado para esperar a volta de seu Senhor. Plenamente prontos de corpo e espírito (1 Pe 1.13). As imagens usadas são vestimentas longas, com um cinto sobre os ombros que permitia ajustar as vestes na altura da cintura. Assim, em caso de necessidade, daria maior liberdade de movimentos. As “candeias” eram lâmpadas que, além de iluminar o caminho à noite, podiam identificar quem as conduzia. “Candeias”, a fé dos servos(as) que esperam ansiosos pela volta de seu Senhor (Hb 11.1). Esta espera se caracteriza em servir a Deus com os dons por Ele dados. Este serviço se manifesta na pregação viva do Evangelho, o serviço por excelência que os cristãos prestam aos seus semelhantes (Ef. 6.14). Outra característica é propriamente a firme esperança e o desejo constante pela volta de seu Senhor. As “bodas” ou “das festas de casamento” do Cordeiro iniciaram com a sua ascensão, terão o seu ponto marcante com sua volta, mas, continuam por toda eternidade. A espera vigilante pelo Senhor significa o privilégio dos servos(as) de poderem abrir a porta quando do seu regresso (Ap 3.20).

V . 37 - O climax da parábola centraliza-se nestas palavras de Jesus: “Bem-aventurados aqueles servos . . .” Aqueles que foram vigilantes, não se importando quanto ao tempo e à demora do regresso de seu Senhor. “Bem-aventurados”, não por algum merecimento próprio, mas pelo veredicto de seu Senhor. Para uma festa das proporções da descrita, haveria necessidade de muitos servos e servas para que tudo transcorresse conforme o desejado. No entanto, este Se-

nhor não necessita de nenhum serviço ou ajuda. Ele é o Senhor que tem autoridade sobre céus e terra, o Todo-Poderoso, que convida para suas bodas, e ao mesmo tempo serve seus convidados. Aqui temos uma das mais belas imagens que refletem a unicidade da redenção centrada somente na pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo. É Jesus, o Servo, que por amor serve seus conservos, os cristãos, com as dádivas da salvação. Um banquete completo, cujo tempo de espera e vigília estamos vivendo. Conforme as próprias palavras de Jesus, logo após instituir a Santa Ceia, ao afirmar: “não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai” (Mt 26.29).

- V. 38 - O tema principal da parábola é tão importante que Jesus o repete: “bem-aventurados. . . os servos, que quando o Senhor vier, os encontre vigilantes”. Somente a fé verdadeira conserva os servos(as) vigilantes. Fé no seu Senhor e em sua promessa de regresso. O texto, além de certificar mais uma vez com convicção o regresso de Jesus, deixa completa incerteza quanto à hora de sua volta. Estar vigilantes, lâmpadas acesas, em constante atitude de preparação, porque o Senhor pode vir a qualquer hora.
- V. 39 - As duas parábolas se relacionam e se completam. Enquanto na primeira parábola Jesus deseja ver seus discípulos vigilantes, pois os espera uma promessa indescritível, na segunda os admoesta contra o descuido no estar vigilante. O dono da casa fracassa se não permanecer constantemente acordado e em vigília, pois não sabe a hora em que virá o ladrão. Assim, os servos(as), mesmo não sabendo a hora do regresso de seu Senhor, devem estar em permanente estado de vigília.
- V. 40 - Os discípulos não poderiam cometer o mesmo equívoco do dono da casa. O “ὕμεις” é enfático: “ficai . . . vós apercebidos”. O imperativo presente “γίνεσθε” tem um sentido de duração: “estar sempre preparados”. O aspecto relevante é que no momento em que os discípulos se sentirem seguros, isto é, auto-suficientes, será a hora do regresso do “Filho do Homem”. Advertência, consolo, admoestação, conforto, incerteza, segurança, auto-suficiência, vigilância, desconhecimento, certeza. Estas são algumas palavras chaves que transparecem no texto. Jesus admoesta contra o descuido na vigilância da fé, e, em conseqüência, na vida cristã. Consola e conforta com a sua graça permanente. Incerteza e desconhecimento da hora e dia de sua volta não afligem o cristão, pois pela fé está sempre

preparado. Certeza e segurança de seu regresso para levar os seus, a grande festa das bodas eternas do Cordeiro. Nesta festa, o prato de inigualável e permanente sabor sempre presente será o “AMOR que JAMAIS ACABA” (1 Co 13.8,13). Advertência contra o perigo da auto-suficiência que a falsa fé traz. Estado de permanente preparo, resultado da fé em Jesus Cristo como o Filho do Homem, que veio e virá novamente, para levar os seus servos(as), para a “cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (Hb 11.10).

## **SUGESTÃO HOMILÉTICA**

**Tema:** A redenção imerecida, um seguro impagável

- 1- As preocupações da vida, segurança pelo futuro, medo que produz muitas fobias, escurecem os olhos e não deixam transparecer a graciosa redenção, prometida, concretizada e revelada em Jesus Cristo.
- 2- Deus, através de seu Evangelho e Sacramentos, tira nossa escuridão, fazendo-nos pela fé ver em Cristo nosso Senhor e Salvador.
- 3- Este Senhor, dentro deste tempo, chama, prepara, treina, adverte, consola, dirige e aponta aos seus servos(as) o Reino da sua Graça, dentro da igreja militante.
- 4- Tudo isto ELE fez, faz e continua fazendo, para que seus servos(as) o sirvam. Assim, vigilantes e fortalecidos por seu AMOR, estejam preparados quando ELE voltar para os levar para seu Reino da Glória.

*Orlando N. Ott  
São Leopoldo, RS*

## DÉCIMO TERCEIRO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 12.49-53*

*2 de setembro de 2001*

É bom alertar para o fato de que esse é o terceiro sermão seguido sobre o capítulo 12 de Lucas. Ideal para quem gosta de desafios!

### LEITURAS DO DIA

A ênfase das leituras é de Lei. Já estamos em setembro... Lá se foi bem mais da metade do ano. Os objetivos da paróquia, congregação ou missão, traçados no início do ano, podem não estar sendo alcançados. Certa angústia pode estar tomando conta do pregador a esta altura dos acontecimentos em 2001.

As leituras apontam para a pregação de Lei; e isto aliado ao fato de, no calendário civil, já estarmos onde estamos, o pregador tem tudo para “fazer o Sinai fumegar”. A lei tem seu lugar. No entanto, é fundamental lembrar o que somos: pregadores do Evangelho. Evangélicos. E como tal, convém que puguemos a Boa-nova.

A leitura do Salmo (Sl. 119.81-88) aponta para duas realidades:

- a) Sofrimento humano (desfalecer da alma, esmorecer dos ossos, ataque dos soberbos); e
- b) Apoio na misericórdia divina.

Na leitura do Antigo Testamento (Jr 23.23-29) somos convidados a adorar a Onipresença do SENHOR (“Deus de perto e também Deus de longe” [1]). E onipresença é oportunidade também para a pregação de evangelho. Outra bela ponte ao evangelho são as expressões “meu nome” e “meu povo”. Outro enfoque possível poderia ser:

- Por que os “sonhos” se temos os “testemunhos oriundos da boca do SENHOR” (Sl 119.88)?
- Por que a “mensagem dos profetas mentirosos”, se temos a “Minha Palavra” (Jr 23.29)?

Ainda um parênteses: (muito sofreu Jeremias. Experimentou a divisão em sua própria casa, os de Anatote, sua vila natal; arrostou a divisão em Jerusalém, sua cidade: ostracismo, cisterna, tronco, apedrejamento, canga de pau e de ferro, vergonha, mas não deixou de confiar na Palavra do SENHOR!).

A Epístola (Hb 12.1-13): A Igreja sofre diversas provações. À frente do pregador estão sentadas provas vivas disso, pessoas que arregalam os olhos ao ouvirem essas palavras; “são como se falassem de mim!” (e de fato são!). As provações são muitas e sentidas na pele de cada um dos filhos que compõem a Igreja, mas são quase nada ao serem comparadas com as dAquele para quem focamos firmemente o nosso olhar: o Autor e Consumador da fé!

### **CONTEXTO**

O capítulo 12 é parte do material de Lucas conhecido como “narrativa da viagem” (9.51 – 19.27). Apresenta forte tom escatológico. Jesus diz as palavras dessa perícopa depois de ensinar a parábola do servo vigilante e antes de falar dos sinais do fim dos tempos. O capítulo 13 é aberto com tema de arrependimento, seguido do ensino da parábola da figueira estéril e do relato da cura de uma enferma (e curas são sempre escatológicas!). A viagem na qual Jesus se encontra é uma viagem em direção aos “acontecimentos do fim”. Em Jerusalém eles se sucedem.

Não devia passar despercebido ao pregador o fato de Jesus ter como seus ouvintes o “pequenininho rebanho” (12.32).

### **TEXTO**

O texto grego é aberto com a palavra “fogo”. “Fogo eu vim para lançar sobre a terra”. Fogo tem várias atribuições. Destaco duas: Purificação e Juízo.

O fogo do SENHOR ardeu sobre Ele quando de Sua morte vicária. Com fogo Ele purificará (e destruirá!) o mundo no Dia de Sua vinda! O batismo é escatologia, nele a vida eterna passa a ser vivida por sós. Sua morte na cruz é juízo escatológico (“o justo pelos injustos”). O “fogo” trazido por Jesus vai ardendo pelas páginas de Lucas afora.

Ao que tudo indica, o batismo ao qual Jesus se refere no v. 50 são Seu sofrimento e Sua morte.

No V. 51 e seguintes, Jesus contrasta paz com divisão (aqui a ponte com Jeremias pode enriquecer a mensagem!). A divisão à qual o Senhor se

## **Igreja Luterana - nº 1 - 2001**

refere (dentro da casa, da família) é análoga à divisão entre os que crêem e os que não crêem. Ex.: a divisão dos dois malfeitores na cruz, durante o ocorrer do “batismo” de Jesus, no alto do Calvário. A divisão é presente hoje quando o “fogo” da Palavra do Senhor arde no anúncio de Seu Juízo e de Sua Salvação.

A cruz de Cristo divide o mundo. Para uns é poder de Deus e para outros é vergonha e escândalo. Aqueles têm paz e estes jamais a conheceram.

Contrastante o fato do “Príncipe da Paz” estar dizendo aqui que não veio trazer paz à terra, mas divisão. O Senhor está falando de uma paz que permeia o relacionamento das pessoas entre si. Os seus ouvintes (v. 32) tinham a Paz (interior), fruto da comunhão com o Deus Verdadeiro (Is 43.11; Ef 2.14; Jo 14.27). O “pequenino rebanho” sabia de que divisão Ele estava falando. A Igreja hoje sabe do que Ele falava. Eles a experimentaram. Nós a experimentamos.

O cheiro escatológico está no ar: juízo e salvação. Desde a jornada de Cristo sobre a terra, passando por nossos dias, o cheiro escatológico está presente em cada dia.

Por causa de tantas provações pelas quais passa a Igreja, ela parafraseia as palavras de Cristo, dizendo: “bem quisera eu que já estivéssemos a ‘sentir o aroma suave do lugar sem nenhuma divisão.’”

*Nestor Duemes  
Itumbiara, GO*

## DÉCIMO QUARTO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 13.22-30*

*9 de setembro de 2001*

### LEITURAS DO DIA

Ainda estamos em Pentecostes! As leituras deste domingo, com muita propriedade, indicam que o evangelho é para todos. O Salmo (Sl 117), apesar de ser o mais breve de todos no saltério, é um hino de dimensões universais. Nações e povos são convidados para louvar o Senhor pelo seu grande amor e fidelidade. Isaías (Is 66.18-23) continua com o mesmo tema proposto pelo Salmista. O texto traz mensagem de conforto e esperança. O Messias prometido está vindo, o Senhor salva – Israel e todos os povos. O texto é um convite para que todos os povos testemunhem a Sua glória. A epístola (Hb 12.18-24) lembra que entre o monte Sinai e Sião há um outro monte – o Gólgota. Jesus é o mediador da nova aliança. Enquanto o sangue de Abel clamava por justiça e retaliação, o sangue de Jesus fala de perdão e reconciliação. É em sua cidade celeste que Deus irá congregar todos os povos da terra. No evangelho (Lc 13.22-30), Jesus afirma que mesmo que a porta da salvação seja estreita, ela está aberta para todos. O acesso à mesa no reino de Deus não é concedido apenas aos descendentes de Abraão, mas sim, a todos os povos dos quatro cantos da terra.

### CONTEXTO

O nosso texto é antecedido por duas pequenas parábolas. A primeira é a parábola do grão de mostarda, e seu enfoque principal é a extensão do reino pelo mundo afora. A segunda, a parábola do fermento, fala do poder transformador do reino. Embora a seqüência do texto tenha se dado em um outro lugar e em outra oportunidade, os assuntos estão relacionados. Enquanto as duas parábolas descrevem o reino de Deus, o nosso texto em questão fala daqueles que entrarão no reino. Jesus deixa claro que haverá muitas surpresas com relação àqueles que terão assento na mesa do reino.

### TEXTO

V.22 - Embora Jesus estivesse ensinando e pregando, seus olhos estavam fitos em Jerusalém, a cidade santa, o seu último destino. Jesus

sabe que sem a cruz não pode haver porta da salvação (cf. Lc 9.51).

V.23 - Talvez aquele que fez a pergunta tenha observado que apesar do grande número de pessoas que ali estava para ouvir a pregação de Jesus e serem curados, apenas alguns pouco seguidores eram fiéis a Jesus.

V.24 - A atitude de Jesus nos chama a atenção, pois ele não responde diretamente à pergunta, mas antes aponta para o fato que no drama da salvação não há expectadores. Jesus não vai permitir que os homens façam perguntas retóricas do tipo: “são poucos os que são salvos?” Perguntas teóricas como essa colocam o arrependimento de lado e não levam à fé. O céu é aqui representado por uma casa, cuja porta de entrada é estreita. Muitos vão tentar entrar, vão procurar dar um “jeitinho”, encontrar uma entrada secreta, etc. Mas não há outra alternativa, só há uma porta, só há um caminho (Jo 14.6). Somente a fé em Cristo e em sua obra redentora irá abrir a porta; qualquer outra alternativa redundará em fracasso.

Vv.25-27 - A hora virá quando o dono da casa, o próprio Deus, irá se levantar de seu trono. Jesus sentado à direita do Pai, através do anúncio do evangelho, está chamando: “vinde, porque tudo já está preparado” (cf. Lc 14.17). O Senhor está esperando para que os povos aceitem o seu convite (Sl 117). Ele estabeleceu um tempo de graça, mas quando esse tempo estiver expirado, a porta do céu será fechada. Então muitos vão bater à porta, desejando entrar, mas o dono da casa irá responder: “não sei donde sois.”

Obviamente que alguns vão querer argumentar dizendo que eram grandes amigos de Jesus, pois até comeram e beberam com ele e tiveram o grande privilégio de ter ouvido o seu ensino. Mas essas pessoas não tiveram nada mais nada menos do que um contato físico com o Senhor, jamais aceitaram o seu ensino e se houve alguma resposta ao mesmo, essa foi apenas superficial, de fachada. As conseqüências são drásticas, pois uma religião de aparência não leva a nada (cf. Sl 51.17; Mt 15.6-9), mas causa apenas frustração e desapontamento – “mas vós lançados fora.”

V.29-30 - Haverá muitas surpresas no reino de Deus. Pessoas virão dos quatro cantos da terra e tomarão assento à mesa do Senhor. Em matéria de vida eterna, não há direito adquirido (como pensavam os judeus na época de Jesus). Essa é a grande surpresa do texto, as coisas não são como aparentam ser! Do ponto de vista de Deus, o último pode vir a ser o primeiro e isso é puro evangelho.

## PROPOSTA HOMILÉTICA

Um texto assim, muitas vezes é a “grande oportunidade” que o pregador esperava para falar umas poucas e boas para a sua congregação, especialmente para aqueles que são terceira ou quarta geração de luteranos, os “luteranos tradicionais” (talvez até possa fazê-lo), mas um sermão assim pode acabar em pura pregação de lei, e isso nós não queremos. Walther lembra com muita propriedade que aquele que ensina a palavra de Deus deve permitir que o evangelho tenha predomínio geral em seu ensino (Lei e Evangelho, tese 25). Pois então vamos ao evangelho!

O pregador deve, a meu ver, explorar três aspectos neste texto:

- 1) A porta, apesar de estreita, está aberta! O tempo da graça, o dia da salvação está aí.
- 2) O “esforçai-vos” não deve ser tomado como obra de justiça, pois isso contradiz o espírito do evangelho e da justificação pela fé, portanto falemos de crescimento – santificação. Aqui dá para fazer uma analogia interessante. Como a porta é estreita, é necessário fazer um “regime” para poder passar. A dieta apropriada é à base da Palavra e Sacramentos.
- 3) O regime é só por um tempo, na eternidade teremos acesso a todo o “cardápio” do reino. Sentaremos à mesa do Senhor e celebraremos com ele o grande banquete da salvação. Não apenas alguns, mas muitos; de todos os cantos da terra.

*Ely Prieto*

## DÉCIMO QUINTO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 14.1,7-14*  
*16 de setembro de 2001*

Os acontecimentos registrados nesta perícopa fazem parte da última viagem de Jesus a Jerusalém (Lc 9. 21). A certa altura da viagem, Jesus recebe um convite “para tomar uma refeição” cf. NTLH). O convite partira de “um dos principais fariseus” (v. 1), talvez um dos integrantes do Sinédrio - tribunal eclesiástico dos judeus.

Os fariseus constituíam uma facção (partido), cujo objetivo (pretensão orgulhosa) era o perfeito cumprimento das leis mosaicas, tendo como mandamento principal a guarda do sábado (Ex 20.89-11). Neste afã e zelo de “cumprir a lei”, enveredaram num conceito de justiça própria, de autoredenção, que por sua vez os levou a um orgulho peculiar, por se julgarem melhores e superiores aos demais cidadãos.

Os fariseus na sua maioria não reconheceram Jesus como o Messias. Consideravam-no um impostor, por não lhes atender os seus interesses políticos (Jo 18.36; Jo 6.15). O orgulho, a vaidade, a soberba, cegava-lhes as mentes e corações, em relação aos milagres e pregações de Jesus. Assim permaneceram incrédulos. Hoje o mundo da nossa sociedade difere pouco dos fariseus. O evangelho de Jesus continua a enfretar ouvintes moucos, desprezo, escárnio, incredulidade. Os “filósofos epicureus estoicos” (At 17.18), continuam a zombar dos “Paulos”, que lhes anunciam a salvação através da fé no Cristo ressuscitado (At 17.32).

Não foi a primeira vez que Jesus fora convidado por um fariseu (Lc 7.36; 11.37). Mas aqui trata-se de um convite-pretexo. Qual a intenção? Para honrá-lo? Para lhe oferecer um descanso na sua viagem para Jerusalém? Para ouvir-lhe a palavra? Lamentavelmente não. Na verdade o convite tinha a intenção de colocá-lo numa cilada. Dai já a escolha do dia: um sábado.

O sábado no AT era o dia sagrado. Segundo a Lei, todo dia o trabalho era proibido, mas havia exceções como: alimentar os animais, defebnder-se em

ataque de inimigos, officiar no templo. Os fariseus, no entendo, radicalizaram o mandamento do sábado, chegando ao extremo de taxar como proibição, detalhes e atividades jamais proibidas pela Lei, como lemos em Mc 2.23-27. Em resumo, o pecado dos fariseus era querer aperfeiçoar a Lei de Deus. Aqui na nossa perícopes temos um exemplo desta prepotência. O convite deste fariseu a Jesus “para comer pão”, fora mero pretexto para desafia-lo em relação à lei do sábado. Certamente aquele homem hidrópico (v.2) (“Um homem, com as pernas e braços inchados” cf. NTHL), com quem Jesus esbarrou, por assim dizer na entrada da casa deste fariseu, foi um inocente útil. Segundo o plano do Fariseu e dos seus demais convidados (v.3), se Jesus o curasse, eles o podiam acusar de ter violado a lei do sábado; mas, se Jesus passasse de largo, e não o curasse, o denunciariam por omissão, falta de caridade em relação ao próximo. Em ambos os casos teriam razões para condená-lo. A vitória seguindo eles estava assegurada. O plano era infalível. Não contaram porém com o poder onisciente de Jesus. “è ou não é lícito curar no sábado” (v.3). A pergunta pega-lhes de surpresa. Agora a decisão seria deles. Covardemente se calam. Compreenderam porém que o silêncio lhes desarmou qualquer acusação contra Jesus. Assim Jesus, levado pela sua misericórdia, efetua a cura deste homem hidrópico. E o fado de tê-lo despedido (v.4), é mais uma prova de Jesus ser ciente que este homem não fora convidado para a ceia, mas meramente “contratado” na sua ingenuidade de homem simples e humilde, como pretexto pelo fariseu e seus comparsas.

Jesus fizera uma pergunta aos intérpretes da lei e aos fariseus (v.3). “Eles, porém, nada disseram” (v.4). Na verdade sabiam a resposta, mas por orgulho nada responderam. Agora a resposta que deviam ter dado, Jesus usa para levá-los à reflexão e arrependimento (v.5). A lei do sábado na AT era clara e precisa, não deixava dúvidas. O trabalho braçal era proibido, mas em casos de necessidade de ajuda ao próximo, atos de misericórdia, de socorro, de auxílio (v.5). A uma nova pergunta de Jesus, a este respeito se a lei permitia a ajuda em tais casos ou não, novamente optam pelo silêncio (v.6). Na primeira pergunta (v.3), não queriam responder; agora na segunda (v.5) faltava-lhes os argumentos para contradizerem a Jesus. Persistem porém na obstinação. O silêncio é a prova. Querem esquecer a derrota, o vexame, e assim partem para a ceia. A ceia, no entanto, dá oportunidade para um novo ensinamento a Jesus (v.7).

O fato de presenciar uma verdadeira corrida, um “empurra, empurra” generalizado, cada qual querendo passar a frente do outro, em busca dos lugares de honra (cabecceira da mesa), para assim alimentar também o orgulho e vaidade pessoal, deu ensejo a Jesus a fazer uma “comparação” em relação “a grande ceia celestial” (Ap 19.17).

O “exaltar-se a si mesmo” (v.11) - a disputa pelos melhores lugares, é uma referência ao ensino dos fariseus em relação à conquista do “reino dos céus”. Segundo o que ensinavam, a salvação é uma conquista pessoal, baseado na cumprimento da Lei. Uma disputa - uma corrida - uma competição - vence quem for o melhor: o mais perfeito. A título de ilustração cf. Lucas 18.9-14. A indicação dos lugares, por exemplo, num banquete de casamento, compete ao dono da casa (v.8), especialmente aos que serão convidados a ocuparem o “cabeceira da mesa”. Assim também a respeito da salvação. Ninguém pode salvar-se a si próprio; querer escolher o próprio lugar. A salvação é um ato de Deus. Deus convida mediante o Evangelho (Mt 11.28; Jo 14.6). A eleição para a vida eterna é determinada por Deus (2 Tm 1.9). Assim “quem se humilha será exaltado” (v.11). O “humilhar-se” na linguagem bíblica sempre significa arrependimento, a exemplo daquele publicano ao orar no templo (Lc 18.13) ou do rei Davi (Sl 51) (2 Co 30.11; Ed 8.21; Jn 3.5-10). O objetivo de Deus em levar o pecador o “humilhar-se” - a arrepender-se - é conduzi-lo pelo Evangelho à fé no Salvador. Daí a ênfase de Jesus: “arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15). E quanto ao será exaltado” (v.11) é a relação do amor visível de Deus: a salvação eterna. Assim conduzidos pelo Cordeiro de Deus, os remidos entrarão na posse do reino celestial (2 Co 2.9). Esta é a suprema exaltação de todo aquele que crê.

A perícopre oferece assim a oportunidade para destacar a questão do mandamento do sábado; do farasáismo do velho homem, manifestado numa sociedade hipócrita; a auto-justificação - a exaltação pessoal - bem como a ilusão do simples fato de pertencere a uma congregação cristã, assegurar a salvação eterna. Destacando, por outro, como ponto central, a humildade cristã - o arrependimento; a fé na obra redentora de Jesus e a gloriosa exaltação oferecida por Deus.

A confrontação de dois ensinamentos antagônicos:

1. A dos fariseus: O exaltar-se pessoalmente.
2. O de Jesus: O humilhar-se perante Deus.

*Walter O. Steyer  
São Leopoldo, RS*

## DÉCIMO SEXTO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 14.25-33*

*23 de setembro de 2001*

### TEXTO E CONTEXTO

Nada como a palavra dita a seu tempo. Em nosso texto, que como boa parte da narrativa da viagem, é exclusivo de Lucas, os vv. 26-27 destacam-se por ressoarem, com pequenas variações, em diversos outros contextos nos evangelhos sinóticos: como instrução aos doze após a sua escolha (Mt 10.37-38), junto à predição da morte de Jesus após a confissão de Pedro (Lc 9.23), após a conversa com o jovem rico (Lc 18.29-30). A questão é em que ocasião, e com que propósito, Jesus usa esta frase aqui.

*ἔρχεται πρὸς με / ἔρχεται ὀπίσω μου* (v. 26, 27) – Jesus encontra-se a caminho (13.22). A caminho de Jerusalém. A caminho da morte. Mesmo assim, as pessoas continuam vindo *até ele*. O que querem? Vê-lo, ouvi-lo, tocá-lo, serem curadas, presenciarem milagres, etc. Muitas, convencidas de que ele é um profeta ou mesmo o Messias, querem segui-lo, ir *após ele* - algumas com boas intenções, outras nem tão boas assim. Jesus avisa as pessoas que não se enganem: segui-lo daqui para a frente não é tarefa fácil. Quem quiser mais do que ir até Jesus, acompanhando-o em sua jornada e sua missão, deve estar preparado para ir até as últimas conseqüências. “Seguir a Jesus”, aqui, é usado no sentido literal, e não simbólico da expressão (HL 319): não se aplica a quem hoje quer “seguir” a Jesus, mas às pessoas que queriam juntar-se a ele em sua caminhada rumo a Jerusalém.

*βαστάζει τὸν σταυρὸν ἑαυτοῦ* (v. 27) – A crucifixão era um instrumento de morte bem conhecido na época de Jesus. Reservada para bandidos e assassinos, a cruz inspirava terror, maldição. Hoje a cruz é apenas um símbolo cristão. Isso não quer dizer que a cruz seja pouco importante, mas que a frase usada por Jesus geralmente é mal entendida. Jesus não fala de sofrer “as durezas da vida”, “o destino de cada um”, como a teologia popular e/ou pietista costuma entender. No contexto em que Jesus a usa, significa estar preparado para enfrentar sofrimento real, inclusive a própria morte, por confessar publicamente seu apoio a Jesus. O que, sabemos, nem mesmo os doze foram capazes de fazer.

μισῶ (v. 26) – Esta é a única passagem em que Jesus fala em odiar as pessoas mais próximas (ARA “aborrecer” e BLH “amar menos” são tentativas de atenuar o termo). Esta linguagem escandaliza. É preciso odiar a família e a si mesmo para segui-lo? É evidente que Jesus não quer que odiemos as pessoas, o que contradiria todo o seu ensino (cf. Lc 6.27; 23.34). As pessoas que seguem a Jesus são freqüentemente vítimas, e não sujeito desse ódio (cf. Jo 15.18-25). Jesus quer chocar a audiência. Ele não fala aos discípulos, a quem escolhera para o seguirem até o fim. Voltando-se para trás, fala especificamente às multidões que querem segui-lo sem saber o que o espera.

As comparações com a construção da torre e do rei que sai para guerrear são exclusivas do terceiro evangelho. Chama a atenção o fato de que Jesus critica apenas quem constrói a torre ou sai à guerra *sem planejar antes*. Nenhuma crítica é feita a quem, calculando antes, conclui não poder concluir a torre ou vencer a guerra. Isto mostra que Jesus não espera que todas as pessoas presentes o sigam - antes pelo contrário, é preciso desincentivá-las, por uma questão de amor, por só ele saber das dificuldades envolvidas nesta jornada. Como Gideão em Jz 7, somente é preciso pessoas preparadas, posto que poucas.

Creio que nesta passagem Jesus usa o termo “odiar” com toda a sua força, e o usa como último recurso para que as pessoas da localidade desistam de acompanhá-lo: “Se alguém insiste em ir comigo a Jerusalém, certamente odeia seus familiares e a sua própria vida”.

Que Jesus fala com uma preocupação pastoral pelas pessoas que pretendem acompanhá-lo, está claro pelo que vem antes e depois do texto. Tanto a parábola da grande ceia quanto as parábolas do capítulo 15 mostram que Deus faz de tudo para que nenhuma pessoa que lhe pertence se perca. Certamente não é por acaso que estas parábolas enfatizam cenas comuns, do dia-a-dia do povo simples das aldeias da Galiléia: o boi ou filho que cai em um poço, um banquete, o pastor que busca a ovelha perdida, a moeda encontrada pela mulher ao varrer a casa.

Jesus sabe que precisa de pessoas que dêem testemunho de suas obras também ali naquela aldeia por onde ele passava. Este tipo de discipulado não era menos importante do que o daquelas pessoas que o seguiam em direção a Jerusalém. O cuidado com esposa, crianças, pai, mãe, irmãos e irmãs e consigo mesmo é igualmente algo agradável a Deus e de que Jesus de modo algum nos libera (Mc 7.11-13). O amor para com aquelas pessoas que repartem o dia-a-dia conosco é também um modo de servir a Deus, no

lugar onde vivemos, entre as pessoas que nos amam, a quem amamos e de quem precisamos cuidar com amor. Quem age assim não pode ser culpado (1Jo 2.10). Se não amarmos a essas pessoas, como poderemos amar a Deus (1Jo 4.20)? Também nesta tarefa o Espírito Santo move-nos a agir como discípulos de Jesus.

Jesus não condena os que não o seguem; apenas pretende restringir o grupo dos que vão com ele a Jerusalém. Isto é mais uma atitude do seu amor inesgotável pelos seres humanos - por aqueles que, sem condições de enfrentar as dificuldades da viagem, acabariam dispersos, e por aqueles que ficariam desamparados com a falta dos seus queridos.

Em um ano em que a IELB em seus concílios debate os desafios enfrentados pela família, em especial a família pastoral, é preciso que as palavras de Jesus sejam meditadas profundamente. Muitos pastores e líderes cristãos, no afã de seguirem a Cristo exemplarmente, descuidam das pessoas a quem prometeram, na presença de Deus, amar, consolar, honrar e amparar em dias bons e maus enquanto vivessem. Não pense que presta bom serviço quem, para dedicar-se ao Reino de Deus, põe de lado a própria família. Melhor lhe teria sido sentar e calcular antes de iniciar a caminhada.

### **PROPOSTA HOMILÉTICA**

Amar a família (também) é seguir a Jesus

*Gerson L. Flor  
São Leopoldo, RS*

## DÉCIMO SÉTIMO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 15.1-10*

*30 de setembro de 2001*

### CONTEXTO

O capítulo de Lucas 15, que alguém descreveu como “o evangelho dentro do Evangelho”, é um todo unificado, embora longo, de 32 versículos. Os primeiros dez são lidos neste domingo, parte de uma leitura contínua de Lucas. A parte final (vv. 11-32) foi lida no 4º Domingo de Quaresma, Série C, por se encaixar bem no tema daquele período.

O capítulo é uma trilogia de parábolas: duas parábolas geminadas (ovelha e dracma) seguidas por uma parábola em dois atos. Há quem pense que, em Lucas 15, temos apenas duas parábolas duplas: a) ovelha e dracma; b) os dois filhos. Para o pregador, importa que hoje estão propostas duas parábolas, o que, convenhamos, facilita nossa tarefa, pois temos mais “matéria prima” para pregar.

O texto do Antigo Testamento (Êx 32.7-14), escolhido para “rimar” com o Evangelho, traz um horizonte adicional à nossa reflexão: a ira de Deus. No episódio do bezerro de ouro, o povo “se corrompeu” (Êx 32.7), “se desviou do caminho” (v. 8). (No contexto de Jesus, estes são os publicanos e pecadores.) No Êxodo, o SENHOR revela a Moisés a sua ira: “Deixa-me, para que ... eu os consuma” (v.10). Com a intervenção do pastor Moisés, “se arrependeu o SENHOR do mal que dissera havia de fazer ao povo” (v. 14). (Em Lucas, é o pecador que se arrepende. No entanto, o júbilo no céu subentende o “arrependimento” de Deus, a suspensão de sua ira.)

### TEXTO

Os vv. 1-2 apresentam o contexto histórico em que as parábolas de Lucas 15 foram proferidas: publicanos e pecadores se aproximam de Jesus para o ouvir. (Notar como isto amarra Lucas 15 ao final do capítulo 14: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”.) Este *Sitz im Leben Jesu* (“contexto vivencial no ministério de Jesus”) é importante para todas as parábolas deste capítulo, inclusive a do Filho Pródigo.

Há um conflito entre fariseus e escribas (estes a ala profissional ou erudita daqueles) e Jesus, a quem se aliam publicanos e pecadores (aqueles uma sub categoria destes). Mais tarde, tal conflito assumiu contornos um pouco diferentes, embora na essência tenha sido o mesmo: judeus x gentios (cf. Gl 2.12). Na verdade, é um conflito que acompanha a história da igreja.

No v. 3, Lucas descreve o que segue como “parábola”. Este termo é usado, nos evangelhos, num sentido bastante amplo, incluindo vários tipos de linguagem figurada. É possível dizer-se que, no evangelho de hoje, Jesus narra dois símiles, duas comparações entre realidades do reino de Deus e fatos que são comuns e repetitivos na vida humana. Para o evangelista, no entanto, trata-se de παραβολή. Interessante também é notar que Lucas usa o singular e não repete tal introdução no v. 8. (Também não o faz no v. 11, embora ali exista uma cesura, na forma dum segundo εἶπεν δέ). Estaria Lucas sugerindo que os vv. 3-10 formam uma só parábola? (Alguns manuscritos gregos antigos tratam os vv. 3-10 como um só parágrafo, conforme indicado na margem interna do Nestle-Aland.)

A parábola da ovelha perdida se inicia, no v. 4, com uma pergunta: “Qual o homem (o termo “pastor” não é usado) dentre vós ... que não deixa as 99 no deserto ...?” A resposta é uma só: Todo pastor de ovelhas faria isso. A lógica é do menor ao maior: Se um pastor de ovelhas faz isso, quanto mais o Pastor das almas!

Há um verbo que aparece duas vezes no v. 4, e que se repetirá depois: ἀπόλλυμι (perder). Aqui, em Lucas, temos a parábola da ovelha (e da dracma) perdida; em Mateus 18, a parábola da ovelha desgarrada ou extraviada. Na sua essência, a mesma parábola; no contexto, uma aplicação diferente. (Em Mt 18, o que se extravia é “um destes pequeninos”, alguém que faz parte da comunidade messiânica.)

Menos importante — embora intrigante — é a referência ao deserto (v.4). Que pastor deixaria 99 ovelhas no deserto? Aqui importa lembrar que “deserto”, em linguagem bíblica, não é, a rigor, um lugar quente e árido, mas região desabitada aonde, entre outras coisas, pastores de ovelhas levam seus rebanhos. (Cf. Mc 6.35 e 39). Em outras palavras, o pastor deixou as ovelhas onde normalmente estavam, pastando.

Outro termo chave nessas parábolas é alegria ou júbilo. O pastor expressa alegria (χαίρων) ao pôr a ovelha sobre os ombros (não ao encontrá-la!), convida amigos e vizinhos para a alegria (συγχαίρητέ μοι), e assim haverá alegria (χαρά) no céu. (Onde Almeida oscila entre júbilo e alegria, o texto grego tem

sempre a mesma raiz.) J. Schniewind escreveu um estudo sobre Lucas 15 intitulado *Die Freude der Busse* (“A alegria do arrependimento”)! Visto da perspectiva de Deus, o arrependimento é sempre experiência festiva.

O v. 7 deixa claro que Jesus está falando de pecadores e arrependimento. À luz do Antigo Testamento, esse μετανοεῖν é um voltar-se a Deus, ou melhor, um “ser trazido de volta a Deus”.

Jesus nos surpreende ao colocar o verbo no futuro: “haverá júbilo no céu” (v.7). É possível argumentar que, num sentido teológico exato, a aceitação do pecador (isto é, sua justificação) é um evento escatológico, marcado para o dia do juízo. Ser justificado hoje é receber antecipadamente — que graça! — algo reservado para o dia final. É como a liminar do juiz que nos liberta agora.

Mais complicada é a questão dos “justos” (v. 7). Será que Jesus está sendo irônico, o que nos levaria a grafar “justos” entre aspas? Estaria ele descrevendo uma situação ideal, que não mais existe? Adolf Jülicher lembra o seguinte: “Lucas (sic) está menos interessado em afirmar a justiça dos fariseus do que em acentuar a necessidade da alegria ante a salvação dos pecadores”.

“Ou ainda que mulher...?” (v.8). Jesus surpreende, comparando sua atitude (a atitude de Deus!) em relação aos perdidos com a ação de uma mulher! Em todo caso, há um equilíbrio: um homem, uma mulher. Há também um crescendo: da perda de 1% passa-se à perda de 10%. (Depois, no Filho Pródigo, haverá a perda de 50%, ou, por que não?, de 100%.) A dracma (palavra que ocorre só três vezes no NT, nesta parábola) tinha valor equivalente ao denário.

### **APLICAÇÕES HOMILÉTICAS**

Jesus contou essas parábolas antes de tudo aos escribas e fariseus. São “petardos” usados num conflito. Jesus não quer silenciar os fariseus, e sim levá-los à reflexão. Ele se defende, explicando por que recebe pecadores e até come com eles (tornando-se, por assim dizer, um deles). Jesus diz: O que faço é tão natural quanto um homem procurar uma ovelha perdida, ou quanto uma mulher procurar uma moeda que rolou debaixo da cama. Os fariseus diziam: Mas essa gente não passa de publicanos e pecadores! Jesus responde: São eles que mais precisam do meu amor.

### **PROPOSTA HOMILÉTICA**

Nunca é demais enfatizar o grande amor de Deus, especialmente pelos que não são piedosos. Esse amor de Deus tem uma dimensão retórica, ou

seja, ele mexe com a gente, mexe com a igreja que nunca está livre do vírus do farisaísmo. Jesus quer nos ganhar para o seu lado, quer que compartilhemos o seu ponto de vista. Para tanto, não poupou esforços e não economizou parábolas. Nosso desafio é pregar as parábolas dele. Na verdade, a parábola é o sermão. Preguar a parábola é contar a parábola, não teologizar sobre uma verdade ou um pensamento extraído da parábola. Há três possibilidades:

- 1) Expandir as parábolas, explicando detalhes culturais, dramatizando a narrativa, etc.
- 2) Re-parabolizar, isto é, colocar as parábolas em nosso contexto (que não inclui pastores de ovelhas, não conhece dracmas, etc.).
- 3) Seguir o método de Jesus: contar mais símiles ou parábolas que tenham a mesma mensagem. Teriam que ser acontecimentos ou procedimentos do nosso dia a dia que mostram como nós buscamos o que está perdido, para ilustrar e nos levar a entender o que Deus faz em relação aos perdidos.

*Vilson Scholz*

## DÉCIMO OITAVO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 16.1-13*

*7 de outubro de 2001*

### CONTEXTO E TEXTO

A parábola do administrador infiel apresenta a dificuldade, perceptível já em uma primeira leitura, de aparentemente estar elogiando a malandragem! Por outro lado, o contexto social, cultural e econômico por detrás da parábola tem algo a dizer. Possivelmente os ouvintes de Jesus e os leitores de Lucas entenderam a parábola. Não se pode dizer o mesmo dos leitores de hoje. Basta verificar comentários escritos sobre este texto para notar as diferenças de opinião entre os estudiosos. Em nossas observações, utilizaremos especialmente a excelente obra de Kenneth Bailey, *As Parábolas de Lucas* (3ª edição; São Paulo: Vida Nova, 1995), cujo autor é grande conhecedor da cultura do oriente. Além disso, procuramos interpretar o texto, com vistas ao sermão, à base da analogia da fé.

Observando novamente a questão do caráter do personagem principal da parábola, é importante lembrar que, dentro de um grande propósito que cada parábola tem, nem sempre o caráter dos personagens em si é o elemento mais importante. Basta lembrar a parábola do juiz iníquo (Lc 18.1-8).

Por outro lado, o caráter do administrador lembra, até certo ponto, a atitude do filho mais novo da parábola que antecede. De fato, é curioso que esta parábola siga imediatamente aquela do “filho pródigo”. Naquele caso, o contexto mostra que Jesus contou a parábola visto estarem os fariseus e escribas reclamando dele estar andando com pecadores (15.1,2). Curioso é o uso do mesmo verbo (????????????) em 15.13 e 16.1, referindo-se às atitudes consumista/defraudadora do filho mais novo e do administrador infiel. Parece que Jesus, de uma certa forma, está fazendo uma comparação entre os dois personagens. E, de fato, há o que comparar. Em ambos os casos houve pecado (na forma de trair a confiança que lhe era depositada) e reconhecimento do pecado. O pecador não tem com que se desculpar. É preciso agir na confiança da misericórdia de quem pode ajudá-lo. Interessante ainda é que nas duas parábolas “falta a cena final. Não sabemos qual

foi a reação final do filho mais velho, nem o resultado final dos atos do mordomo” (Kenneth Bailey, *As Parábolas de Lucas*, p 278).

Ainda convém lembrar que o administrador infiel não é elogiado por Jesus como exemplo de ética. Ele é chamado de “infiel” e “filho do mundo” (16.8). O exemplo a aprender é outro.

A parábola não pretende ensinar moral, mas mostra uma verdade sobre o reino dos céus, manifesto em Jesus. O jovem gastador (15.11-32) foi levado, em arrependimento, a reconhecer que era fundamental voltar ao Pai. Assim também, o problema (a iminente demissão) leva o administrador a pensar no futuro. Jesus compara isto com o reino dos céus e o juízo que virá. Ao descobrir que seu servo o estava defraudando (dissipando os bens - cf. 15.13: ??????????), o senhor chama o administrador para que ele “preste contas da administração” (16.2). A expressão usada - ?????????????????????? - é empregada em diversos textos para referir-se ao juízo final, quando todas as pessoas estarão prestando contas perante Deus (por exemplo, Mt 12.36; Rm 14.12; Hb 4.13; 1 Pe 4.5).

A proposta de Jesus é que nesta vida, naquilo que fazemos ou deixamos de fazer, o reino dos céus (enquanto realidade futura) precisa ser levado em conta. A parábola trata, assim, da prontidão necessária ante a chegada do Reino. A analogia da fé depõe contra qualquer interpretação que proponha justificação por obras (garantir o céu pela maneira como se vive). Na verdade é preciso olhar a situação ao inverso: tendo o céu como presente (Jesus estava falando para seus discípulos - 16.1), vamos agir neste mundo com sabedoria, também no que se refere ao uso dos bens materiais.

É importante no exame deste texto, especialmente tendo em vista a pregação, a determinação de lei e evangelho. Não há maior dificuldade de perceber a chicotada da lei sobre a infidelidade, sobre a ganância, sobre o mau uso dos bens. Isto, porém, não esgota o tema. Se a questão é o preparo ante a vinda do reino futuro, a lei denuncia a pessoa que ignora a iminência e seriedade do julgamento que há de vir. Neste ponto, a leitura do Antigo Testamento para o dia (Am 8.4-7) traz elementos que podem ser utilizados no sermão. Um povo que se considerava da aliança vivia de forma gananciosa, avarenta e de desprezo ao próximo. O Senhor diz: “Eu não me esquecerei de todas as suas obras para sempre!” (Am 8.7). Uma vida ímpia no que se refere ao uso dos bens reflete o que se passa no coração e tem conseqüências no juízo.

Possivelmente questão ainda mais complexa é determinar onde está o evangelho nesta parábola. Chama a atenção a atitude do homem rico. Sa-

bendo da desonestidade do seu administrador, ele imediatamente o despede. No entanto, conforme padrão da época, o correto seria que o administrador pagasse pelo prejuízo causado (é isto que significa “prestar contas” - ver acima). Mas, estranhamente, ele não é preso, tanto que tem tempo de agir, garantindo seu futuro junto a outras pessoas (K. Bailey, *As Parábolas de Lucas*, p 268). O senhor que é rigoroso e pronto em declarar o juízo, no entanto é lento em condenar. Estará aí uma demonstração de graça e misericórdia (cf. 2 Pe 3.9)? Assim parece.

A comparação a ser feita poderia ser esta: em sua lei, Deus declara juízo merecido sobre cada pecador. No entanto, ele dá tempo para arrependimento e uma nova vida. Vale lembrar que a atitude do administrador, após a acusação do seu patrão, quando ficou calado, é admissão de culpa. Ele não se explica; assim como o pecador não tem como se explicar perante Deus. O tempo que ainda falta para o julgamento (a demissão propriamente dita, com o administrador perdendo de vez seu cargo e ganha pão) é tempo da graça, é tempo de oportunidade.

Após a parábola propriamente dita, Jesus acrescenta uma “aplicação” (vv. 9-13). Duas coisas podem ser especialmente observadas: 1) os bens materiais são perigo ou oportunidade - perigo quando nos apegamos a eles; oportunidade, para servirmos o próximo. 2) Fidelidade é uma palavra chave. Somos administradores de Deus. O que Ele nos confiou, seja “pouco” ou “muito”, é bênção. O importante, porém, é não nos apegarmos às bênçãos, mas ao Doador delas (v. 13).

Voltando ao uso, por Jesus, de uma pessoa desonesta nesta parábola, é significativo o comentário de K. Bailey: “Jesus está usando o princípio rabínico de ‘do leve para o pesado’, que significa geralmente ‘quanto mais ...’. Em outras palavras: se esta viúva recebeu o que desejava, dessa espécie de juiz (18.1-9), quanto mais receberéis de Deus? Se este homem recebeu pão de noite deste vizinho (11.5-7), quanto mais vós, de Deus. Se este mordomo desonesto resolveu o seu problema confiando na misericórdia do seu senhor para solucionar a sua crise, quanto mais Deus ajudará na vossa crise, quando confiardes em sua misericórdia?” (*As Parábolas de Lucas*, p 274,5).

Perceba-se ainda como continua o texto, após a parábola do administrador infiel. A menção aos fariseus (assim como em 15.2) vem ressaltar a ligação da parábola em estudo com aquela do filho pródigo. E mais: os fariseus entenderam (mas não gostaram) a parábola. A eles soou como lei, questionando sua avareza. O evangelho é o próprio Jesus, rejeitado pelos fariseus, mas Salvador dos pecadores.

## **APLICAÇÕES HOMILÉTICAS**

Partindo do fato que o administrador é elogiado não pela desonestidade, mas por sua sabedoria em agir diante da crise, podemos sugerir uma aplicação homilética que contemple a atitude cristã sábia no presente mundo, tendo em vista o mundo porvir. A mensagem da parábola não permite que se faça uma separação entre a vida de cada dia e o reino dos céus. Não podemos viver duas vidas, uma como cristãos e outra como cidadãos deste mundo. A fé escatológica implica uma vida na perspectiva escatológica. Vivemos neste mundo e administramos o que Deus nos tem concedido, sem perder de vista o elemento passageiro das coisas que temos.

## **SUGESTÃO DE TEMA**

Nossa vida de mordomos na perspectiva do futuro

*Gerson Luis Linden*

## DÉCIMO NONO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 16.19-31*

*14 de outubro de 2001*

### CONTEXTO

Este texto integra uma sessão definida em Lucas como a questão decisiva quanto à relação do ser humano com as coisas. Com o ter, o possuir, o desfrutar. O ser está ligado a uma relação triangular entre o sujeito, as coisas e Deus. O ser está ligado ao devir. O devir (tornar-se) ao ser. Relação entre presente e futuro. Com Deus, entenda-se também inclusivamente o olhar ao semelhante: quando ao pequeno vestistes, a mim vestistes....disse Jesus. Lucas 16, 1 a 31 trata dos bens efêmeros – que hoje são, e amanhã poderão não mais ser. Começa com a parábola do administrador infiel (vv.1-8), passa por conversas sobre a administração dos bens com vistas à irrupção do tempo da salvação (vv.8-18), até a história ilustrativa de nosso texto (vv.19-31). Veremos alguns pontos altos do texto, e passaremos a uma reflexão teológico-homilética. Lemos, neste estudo, *Das Evangelium nach Lukas*, de Walter Grundmann, e um sermão do Pastor Dr. Matthias Viertel, de Hofgeismar. Continuamos algumas de suas reflexões.

### TEXTO – HIGHLIGHTS

V. 19 – Os interlocutores são os mesmos da passagem anterior. O homem rico lembra o outro de 12.16ss. Da vida deles fazem uma festa só: *eufraimómenos*. Sua riqueza se expressa no vestir: púrpura era só para tecidos da realeza. Os rabinos imaginavam Deus vestido de púrpura. Linho era artigo de importação egípcio. Roupas de vison são consideradas luxo. Intérpretes como Schlatter lembram de que nada é dito sobre uma eventual desonestidade, “ladroagem”, exploração daquele rico. Isto teria sido condenado pelos fariseus também, mas não condenavam em si o “uso da riqueza para satisfação do desejo que todos têm e que consideram como felicidade”.

Vv.20-21 – O pobre deitado diante da porta do rico não tem a mesma sorte do homem assaltado na estrada de Jericó: aquele recebeu ajuda do samaritano. Este não recebe ajuda do rico. Por estar deitado, deve

ser paraplético ou muito doente. Queria alimentar-se das migalhas da mesa do rico. Nada lhe era dado. Cães de rua torturavam o homem passando a língua áspera nas suas feridas. Seu nome Lázaro (*El'azar* = Deus ajuda) indica que se trata de um pobre que deposita sua confiança e paciência em seu Deus.

V. 22 – Na morte de um justo, anjos lhe vêm ao encontro para acompanhá-lo. Veja 16.9. O pobre recebe lugar de honra ao lado de Abraão na festa paradisíaca, o lugar que os fariseus reivindicavam para si mesmos por se considerarem os justos de Israel. Supõe-se a referência a um banquete, em Lucas isto é freqüente, desde 13.28s. Na morte do rico é dito que foi sepultado. A brevidade da declaração em relação à situação do pobre tem um significado profundo e decisivo: ele morreu na felicidade e na riqueza, e não teve punição na terra.

V. 23 - A morte coloca o pobre no lugar da felicidade, e o rico no lugar do sofrimento. Que originalmente se pensasse num lugar intermediário (como era comum entre os judeus, que o consideravam o lugar de uma retribuição provisória) ou já definitivo, como parece ser, fato é que na descrição os dois lugares permitem a visão e comunicação de um para o outro. Em livros apócrifos e em descrições rabínicas os lugares têm esta proximidade visual. O rico está sofrendo a vingança e retribuição de sua má postura diante da riqueza. Está sofrendo e vendo o pobre no lado ou no colo de Abraão. Ele vê aquele que havia evitado olhar durante sua vida terrena. Não é qualquer pobre diante de qualquer rico, mas o rico vê frente a frente aquele que morrera miseravelmente diante de sua porta luxuosa.

V. 24 - Ele chama Abraão, lembra-se de sua condição de semente de Abraão. A alusão à água é dupla: de um lado, fontes de água e torrentes jorram e correm no paraíso, ou pensa-se na água da mesa do banquete; por outro, a água é desejada para acalmar o tormento do condenado. O Hades não tem água, e o calor do fogo provoca sofrimento e sede. Na sua vida, tudo indica que o rico não conheceu a sede por Deus, pelo menos não no seu final (cf. Sl 42.2; 143.6 “...como terra sedenta”). Agora conhece a sede que nunca se pode “matar”, agora está como terra desértica, onde não chove mais. Veja-se a inversão da situação: antes da morte, Lázaro olhava para dentro da sala do banquete, estando privado de tudo. Agora o rico vê a cena da abundância e está privado de tudo.

V. 25-26 - Privação total. A lei do troco. A lei da retribuição invertida. Mesmo sendo filho de Abraão. Ele é chamado de “filho” por Abraão.

Mas isso não basta cf. Lc 3.7s. A inversão é garantida e perpetuada por um lugar abismal que separa os dois estados de felicidade e sofrimento. O lugar pode estar descrito como repleto d'água, cf. *diabaino* como em Hb 11.29, falando da água do Mar Vermelho, e o verbo *diaperan*.

V. 27-28 – O desejo pela comunicação com os mortos está presente no judaísmo. O rico se lembra dos irmãos, que viviam como ele. Lázaro deve comparecer como testemunha diante deles para chamá-los ao arrependimento (cf. Ne 9.26; At 18.5; 1 Tm 5.21) falando de “como será no além”. O pedido lhe é negado. Todos têm as Escrituras, que devem ouvir como ele deveria ter ouvido. Tivesse ele ouvido, teria encontrado orientação espiritual e ética para sua vida em relação às coisas e ao pobre, cf. Is 58.7s. Lázaro de certo orientou-se cf. Sl 86,1ss. Aqui fica claro o ponto da decisão: no ouvir de Moisés e os Profetas. Ou seja, na palavra dita através deles. Na palavra de Deus. Veja-se Lc 190.25ss; 16.16-18; 18.20.

Vv. 30-31 – O rico ainda espera uma solução através da aparição de um morto entre seus familiares. Isto não acontecerá. A mensagem é de que não é o sinal que leva uma pessoa a ter uma fé com liberdade, mas a Palavra.

### **REFLEXÃO HOMILÉTICA**

O tema da parábola nos é muito conhecido e cotidiano: riqueza e pobreza. E, sobretudo, o abismo entre elas, abismo que fica cada dia mais profundo e largo. Hoje este abismo não separa só pessoas ou famílias ricas e pobres, mas nações inteiras, ricas e pobres, regiões planetárias ricas e pobres. O abismo deixou de ser particular e tornou-se globalizado. Isto é atual, e a consciência disso nos é cada dia mais dramática, o saber da desigualdade globalizada, do fosso planetário. Europeus, americanos e nós latino-americanos, todos sabemos que inúmeras pessoas adultas e crianças padecem e morrem de miséria e fome na África, na Ásia e no nosso continente e país. Somos levados, agora, a pensar: este texto nos ajuda realmente a solucionar isto, ou não cava ele mais fundo ainda o abismo? Não só social e politicamente, mas teologicamente este texto nos parece problemático. Porque nos apresenta, por exemplo, um raciocínio de retribuição por demais ingênuo, incômodo. Parece que todos os homens têm à disposição um contingente de felicidade e abundância: resta saber se aqui no mundo ou depois da morte. Se alguém tem demais aqui, azar dele, porque depois terá o troco. Pode parecer o raciocínio de crianças: se um ganhou mais, o outro tem que ganhar a compensação. Deus tem que agir como pais que constantemente

têm de compensar e equilibrar a situação entre os filhos, para não dar briga e ser chamado de injusto.

O conteúdo da parábola não foi estranho aos ouvintes. Entre os judeus se conhecia, trazida de Alexandria, uma lenda egípcia parecida: trata-se da descida de Setme Chamois ao mundo dos mortos. Um rico foi sepultado com muito clamor e honra cerimonial na tumba, enquanto que um pobre foi enterrado sem ritual envolto num pano. Mas no além tudo muda: o pobre encontra-se finamente vestido de linho na companhia de Osíris, que ordenou que por causa de suas boas ações lhe seja dada a tumba do rico, e seja contado entre os transfigurados, e que o rico seja colocado no mundo inferior. A História termina com a conclusão: quem é bom na terra, receberá bondade no além. Quem é mau, receberá maldade na outra vida. O talmude narra esta história com sete variações! Numa delas os protagonistas são um rico publicano e um pobre escriba.

Assim, este texto parece, mais que um evangelho, uma lei rigorosa e implacável da compensação e retribuição. Nos chama a atenção que Lázaro é impedido até de exercer a misericórdia e molhar a língua do rico, ou seja, de pôr em prática aquilo que faz dele ser contado entre os bons: de praticar a graça e a misericórdia. Parece ser um evangelho sem piedade. E do rico se faz menção de um sentimento de misericórdia quando pensa nos seus familiares, mas o seu pedido especial lhe é negado. Assim, parece mesmo um evangelho sem perdão e sem piedade.

Muitos se perguntam todas estas coisas. Muitos também tentam usar a história do pobre Lázaro para programas sociais, para punição de malvados banqueiros que exploram os outros. Mas com esta compreensão do texto não fazemos justiça nem aos ricos, que, sem perdão, “devem ser entregues ao inferno por viverem na fartura e riqueza e não se importarem com os pobres”, nem fazemos justiça aos pobres que, por causa da lei da compensação, devem resignar-se na sua miséria, só por causa da compensação vindoura no além. Esta na verdade tem sido criticada como uma ingênua “teologia do consolo” (“agüentem que no céu será melhor”) que muitas vezes levou ao quietismo, à passividade, e até à cumplicidade com a injustiça.

Mas não é assim como podemos pensar. Este evangelho não prega nem a simples retribuição, nem a simples consolação. Em primeiro lugar ele diz respeito aos que ouvem: a nós. E não aos que gostamos de apontar com o dedo por causa da grande injustiça deste mundo. A chave deste texto para nós é a pergunta com quem nos identificamos. Com o rico, por vivermos numa certa abundância? Azar é nosso. Porque corremos o perigo da retri-

buição contrária. A não ser que vendamos tudo e demos tudo aos pobres. E então? Como nos sentimos? Não é nada animador, não é? Tentemos pelo outro lado: identifiquemo-nos com o pobre Lázaro. Se não materialmente, então espiritualmente, já que “não só de pão viverá o homem mas de toda a Palavra de Deus”: podemos ser espiritualmente pobres e miseráveis, todos pobres Lázaros. Mas no fim isto também pode ser um truque para garantirmos nossa vida no além, tipo: aqui na terra somos uns Lázaros espirituais, apesar do conforto material, então no além seremos ricos.

É difícil com a escolha da perspectiva deste texto. E no entanto tudo depende dela. Nos parece que nenhum dos modelos de identificação nos serve aqui, nem o rico, nem o pobre Lázaro. Mas o texto nos fala pessoalmente. Como? Ele somente nos fala quando incluímos outras pessoas, das quais não falamos: os familiares do rico, os irmãos e (incluamos) irmãs. Como ele gostaria de preveni-los para não virem a sofrer destino semelhante! Como ele gostaria de lhes mostrar um espelho, para verem como suas vidas são vazias de sentido, cheias de “coisas”, com seus estômagos cheios, e talvez também suas contas correntes ou poupanças abastecidas, mas no resto podem estar totalmente vazias. Sem profundidade, sem conteúdo real, só de banalidades, uma vida em que se mede a qualidade em metros cúbicos de lixo provindo do conforto e abundância consumista. O rico queria dizer-lhes tudo isto antes que seja tarde demais, antes que a vida termine e nada possa ser mudado. Mas Abraão lho proíbe. E diz as palavras decisivas: “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos.” Pensemos nestas palavras, pois nossa situação é diferente da do rico: alguém realmente ressuscitou dentre os mortos, o próprio Jesus. E aqui a história contada por Jesus extrapola todas as outras histórias e lendas parecidas. Só ele é capaz de fazer o que é proibido ao rico da parábola. E nós? Nós que temos Moisés e os Profetas e além disso o Cristo ressuscitado dentre os mortos? Deixamos nos convencer? Tiramos as necessárias conseqüências para a vida? Esta frase de Jesus mostra quão pouco Jesus e Lucas estão interessados aqui em pregar um programa social, ou até em proclamar uma ideologia ou teologia dos pobres. Mais importante é reconhecer que toda mudança de vida – com as suas necessárias conseqüências sociais e políticas! – só acontece dentro e a partir da fé, e não pode ser provocada de maneira argumentativa. Na fé e na liberdade em Cristo homens e mulheres aprenderão uma nova relação com as coisas, com seus semelhantes e...com Deus! E por viverem eles a liberdade da fé, que age no amor, lhes cabe o quinhão da presença e da comunhão restauradora com Deus, que poderão desfrutar já aqui e sempre - não esquecer o convite eucarístico da mesa do Senhor, expressão máxima da comunhão com Cristo, até aquele dia.

## **DISPOSIÇÃO**

Compreendendo a parábola: em quem devemos nos espelhar?

1. A situação, o contraste: ricos e pobres, então e hoje
2. O rico é nosso espelho?
3. Seria o pobre nosso espelho?
4. E quanto aos familiares?

*Dr. Manfred Zeuch*  
*Canoas, RS*

## VIGÉSIMO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 17.1-10*

*21 de outubro de 2001*

### CONTEXTO

Contexto litúrgico: Estamos nos aproximando da Reforma (31 de outubro). Uma boa oportunidade de desenvolver o tema “fé e obras”. Muitas vezes, incorremos no extremo de ressaltar a fé e desprezar as obras, sem estabelecer a correta relação entre elas. As leituras deste domingo nos ajudam nesta tensão:

- Sl 62: “Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa.” Toda a nossa confiança só pode ser depositada em Deus. Nada podemos por nós mesmos.
- Hb 1.1-3;2.1-4: “O justo viverá pela sua fé.” Passagem básica da Reforma, que deve ser escrita em letras grandes à beira do caminho para todos poderem ler!
- 2 Tm 1.3-14: “Deus nos salvou ... não segundo as nossas obras, mas conforme a sua ... graça que nos foi dada em Cristo Jesus.” A partir desta graça divina, Paulo pode dizer a Timóteo: “Te admoesto que reavives o dom de Deus que há em ti”; - “não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor”; - “mantém o padrão das sãs palavras”; - “guarda o bom depósito”. A fé salvadora se manifesta em ação.
- Lc 17.1-10: Jesus fala sobre o exercício da fé na vida dos seus discípulos.

### CONTEXTO BÍBLICO

O texto está entre dois episódios exclusivos de Lucas: o rico e o Lázaro (Lc 16.19-31) e a cura dos dez leprosos (Lc 17.11-19). Não temos aqui necessariamente uma seqüência cronológica, mas com certeza a falta de caridade do rico e a falta de gratidão dos nove leprosos denotam a não-prática da fé.

### TEXTO

Podemos dividir o texto em três partes:

Vv. 1 e 2: σκῆλη “νδάλιά σκανδαλίση” – escândalos, tropeços, escandalizar. É preferível que se perca um do que, através dele, outros sejam escan-

dalizados e se percam também. “Aquele que pensa estar em pé, veja que não caia” (1 Co 10.12). O discípulo chamado à fé não pode ser incoerente com a fé que professa, escandalizando o irmão menor.

Vv. 3 a 6 - ἁμαρτία, ἁμαρτάνω – pecar; ἄφεσις, ἀφίημι – perdoar; πίστις – fé.

Vv. 7 a 10 - δοῦλον – servo.

### APLICAÇÕES HOMILÉTICAS

1. “Aumenta a nossa fé.” Os discípulos se sentiram incapazes de fazer o que Jesus estava ensinando. Por isso a sua prece.
2. Ninguém pode perdoar por conta própria, sem ter o perdão de Deus em seu coração. Ele nos capacita a sempre de novo perdoarmos os que nos ofendem.
3. A fé sempre salva! Não importa a sua quantidade. O que é necessário é o exercício da fé. A fé praticada não escandaliza, mas perdoa e serve.
4. A fé é instrumental, pois através dela o poder de Cristo se torna efetivo na vida do cristão. Daí os frutos da fé, comentados por Jesus neste texto.
5. Por mais que fizemos e servirmos, não podemos nos orgulhar de nossas obras. Não fazemos para receber ou merecer. Fazemos porque somos servos de Cristo. Isto também é graça de Deus.
6. O reconhecimento da incapacidade (v.10) refere-se aos aspectos anteriores comentados por Jesus no texto.
7. Sempre de novo, com humildade, devemos nos colocar debaixo da graça e do amor de Jesus.

### PROPOSTA HOMILÉTICA

**Tema:** Aumenta-nos a fé! (Para quê?)

**Objetivo:** Mostrar como somos fracos e imperfeitos, e que só pela graça de Deus e pela fé em Jesus Cristo somos capacitados a viver como cristãos; daí a prece: aumenta a nossa fé!

#### Empecilhos na busca do objetivo

- auto-suficiência (o rico de Lc 16.19);
- desprezo pelo menor / mais fraco (v.2b);
- orgulho e falta de tolerância; não queremos perdoar;
- busca de recompensa pelo que fazemos (v.9);
- falta de humildade em reconhecer nossa incapacidade (v.10).

## **Igreja Luterana - nº 1 - 2001**

### **A solução de Deus**

- ele nos perdoa primeiro por amor de Cristo e nos capacita a perdoar;
- pela fé em Jesus, acontecem milagres em nossa vida (v.6);
- ele nos aceita como seus servos amados e valoriza o nosso trabalho, ainda que limitado (v.10).

### **Partes**

Aumenta-nos a fé

I - Para não escandalizarmos

II - Para podermos perdoar como somos perdoados por Deus

III - Para servirmos a Deus e ao próximo sem interesses próprios ou segundas intenções.

*Carlos Walter Winterle  
Porto Alegre, RS*

## VIGÉSIMO PRIMEIRO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 17.11-19*

*28 de outubro de 2001*

### CONTEXTO

A narrativa de Lucas apresenta Jesus a caminho de Jerusalém. No v. 5 deste mesmo capítulo, os discípulos pedem ao Mestre que lhes aumente a fé e este, em resposta, lhes conta a parábola do servo que cumpre suas obrigações. A fé não é apresentada como o recebimento de algo por decorrência natural ou retribuição meritória, mas como um receber em gratidão. Da mesma forma que em Mc 1.40-45, o relato dos dez leprosos tem por referência vetero-testamentária o episódio da cura de Naamã (2 Rs 5.1-27).

### TEXTO

Vv. 11-13 - Jesus está peregrinando a caminho de Jerusalém, através de Samaria e da Galiléia (regiões citadas na perspectiva de quem está em Jerusalém). Ele chega a uma aldeia, lugar onde leprosos podiam se estabelecer, ao contrário de Jerusalém e outras cidades fortificadas. Enfermos de lepra viviam esta condição como pessoas sujeitas ao castigo divino (cf. Êx 2.10 e Dt 28.27). Seguindo a determinação legal, podiam aproximar-se de outras pessoas apenas até certa distância (Lv 13.45s). Ao invés do grito de advertência “Impuro!”, elevam sua voz pedindo por misericórdia. Chamam Jesus pelo nome e o denominam de *epistata* (cf. Lc 5.5; 8.24 e 45; 9.33 e 49). A forma de abordagem revela que os leprosos teriam uma relação de proximidade com Jesus. “Tem compaixão de nós” é o que pedem. Sua esperança se dirige à misericórdia de Jesus.

V. 14 - Este, por sua vez, após ouvir o clamor dos enfermos, envia-os aos sacerdotes. Cabia aos sacerdotes, declarando alguém purificado, atestar a possibilidade desta pessoa voltar à comunhão cúltrica e social em Israel. O envio aos sacerdotes é um teste da fé professada pelos leprosos, pois nenhuma palavra de cura lhes é dita por Jesus. A cura e a purificação acontecem enquanto os leprosos trilham o caminho iniciado pela obediência às palavras de Jesus (comparar com 2 Rs 5.10-14).

Vv. 15s. - Um dos leprosos, ao dar-se conta da cura, volta imediatamente até Jesus, glorificando a Deus em voz alta. A ordem dada por Jesus foi compreendida como ação de Deus e a fé se exterioriza na forma de um ato de louvor. Ser curado equivale a ser abençoado por Deus; se a doença é compreendida como castigo, então a cura é bênção. Prostrando-se aos pés de Jesus, com o rosto em terra, o homem curado o honra como um rei. Na tradição árabe, a cura de lepra só pode ser proporcionada por alguém cujo carisma o eleva à condição de rei. Merece destaque a frase: “e este era samaritano.” Ao “bom samaritano” (Lc 10.30-37) o evangelho de Lucas reúne “o samaritano, que crê em Jesus e louva a Deus”. Também este é apresentado ao povo de Israel como modelo, apesar da rejeição a Jesus pelos samaritanos (Lc 9.51-56).

Vv. 17-19 - Jesus faz três perguntas relacionadas aos demais, que, como aquele samaritano, também foram curados. A terceira delas manifesta o espanto com o fato de apenas o membro de um povo estranho ter louvado a Deus. Os judeus compreenderam sua cura como um direito que lhes cabia da parte do seu Messias. Desde Lc 4.25-27 esse suposto direito vinha sendo questionado por Jesus. O samaritano, por outro lado, acolhe sua própria cura como graça, passando a ser alguém que louva a Deus e manifesta gratidão a quem o auxiliou. A ele é atribuída a fé: “tua fé te salvou.” O dom concedido por Jesus pode ser recebido em vão; os nove ingratos o demonstram exemplarmente. Por outro lado, sua cura da lepra não é retirada por Jesus. Eles não são vítimas de um milagre punitivo, como ocorre no Antigo Testamento (cf. Gn 19.26; 2 Rs 5.19s). Aqui, Jesus não se apresenta como juiz.

## **APLICAÇÃO HOMILÉTICA**

1. A mensagem central desta passagem traz a radicalidade da boa nova, do Evangelho. O Evangelho não discrimina. Quem nada é, quem é completamente excluído do convívio social, quem é excluído até mesmo em meio às pessoas excluídas, este pode sentir a fé - que liberta e cura - nascer dentro de si e prestar louvor a Deus. O Evangelho acolhe indiscriminadamente gritos de “Kyrie eleison” e pode levar qualquer um ou qualquer uma a cantar “Glória a Deus”. Repetindo, esse é o ponto central a ser sublinhado, do qual podem ser tiradas algumas decorrências.

1.1 - Doença não é castigo de Deus. Pelo contrário, Deus quer curar e cura as pessoas enfermas. Essa verdade infelizmente não

está muito difundida no Brasil. O espiritismo kardecista e até mesmo algumas denominações cristãs insistem em ligar doença e castigo. Isso somente contribui para aumentar a marginalização de pessoas enfermas.

- 1.2 - Jesus olha para os leprosos em seu contexto sócio-religioso. Manda que se apresentem aos sacerdotes. Com isso, não limita seu olhar à pessoa e sua saúde no plano individual, mas quer que ela seja reintegrada à comunidade. Vale lembrar também: Jesus olha para o meio social de seu tempo, não a partir dos sadios, incluídos e “abençoados”, mas desde a perspectiva dos enfermos, excluídos e “castigados”. “Os sãos não precisam de médico, e sim, os doentes” (Mt 9.12).
- 1.3 - O fato da doença não ser castigo divino, por outro lado, não justifica o descompromisso das denominações cristãs tradicionais no Brasil - entre elas a IELB -, em sua reflexão teológica, vida eclesial e prática diaconal, com a questão da saúde das pessoas. Na Escritura e na tradição confessional evangélico-luterana, aprendemos que o ser humano é integral (*totus homo*), não podendo ser dicotomicamente separado em corpo e espírito. Não se vive a fé e não se pode falar da fé desvinculada da saúde e da doença. Deus quer curar, cura e vai continuar curando as pessoas, apesar de nossa omissão e de todo o charlatanismo de certos grupos e movimentos religiosos; este, em parte, decorrente daquela.
- 1.4 - O tema da gratidão como virtude antropológica e cristã - geralmente o mais explorado por pregadores nessa passagem -, se exposto de forma desmedida, pode transformar a pregação em discurso moralista e promotor das qualidades humanas, jogando para o segundo plano o que deve estar no centro: a ação graciosa e poderosa de Deus, por meio de Jesus Cristo, nas pessoas. Desta ação provém a fé, juntamente com seus frutos. Um deles, justamente, é a gratidão.

*Dr. Ricardo Willy Rieth  
São Leopoldo, RS*

**VIGÉSIMO SEGUNDO DOMINGO APÓS PENTECOSTES**

*Lucas 18. 1-8a*

*4 de novembro de 2001*





## ANTEPENÚLTIMO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 21.5-19*

*11 de novembro de 2001*

### CONTEXTO

**Litúrgico** – A perícope de Lc 21. 5-19 localiza-se bem na parte final do ano eclesialístico. É bom lembrar: o ano da igreja divide-se em dois grandes períodos: o ciclo festivo, que tem como destaques as festas do Natal e de Páscoa de Cristo e que sublinha a ação de Deus para realizar a salvação do mundo pecador; e o ciclo não-festivo, que envolve o tempo de Pentecostes e Trindade e que estimula o povo de Deus a realizar a missão de Deus com a propagação do evangelho e do preparo para o grande dia da consumação dos séculos.

O período que compreende os últimos domingos do ano da igreja e o início do novo ano da igreja (ciclo do Advento), é considerado, ao longo da história, apropriadamente, de *tempus clausum*. É um tempo de clausura, de penitência, de exame de consciência e de arrependimento, mas também de expectativa, de confiança, de esperança e de alegria com os temas escatológicos – o fim do mundo.

**Bíblico** – A perícope do antepenúltimo domingo do ano da igreja, Lc 21. 5-19, é muito apropriada para este final de ano. Ao responder a pergunta dos discípulos sobre o quando e os sinais sobre a destruição do templo e de Jerusalém, Cristo vai mais longe e aproveita o momento para falar sobre as adversidades, inquietudes, dificuldades, sofrimentos, angústias, heresias, tragédias de ordens naturais, políticas, sociais e espirituais que acontecerão antes do fim do mundo – mas conclui com a boa nova: “Assim sereis salvos”.

Para se compreender melhor a amplitude e o significado do sermão profético de Cristo, em Lc 21. 5-19, é recomendável ler e reler os textos paralelos de Mt 24. 3-14 e Mc 13. 3-13. Os escritos dos três evangelistas complementam o imenso cenário dos fatos escatológicos. Ao examinarmos alguns detalhes do texto, que fala muito em catástrofes, teremos sempre diante de nós a visão do desfecho final de tudo para os fiéis em Cristo: “E assim sereis salvos”.

**Escatológico** – Diante da difusão de ensinamentos heréticos sobre “o apocalipse e escatologia”, semeando pavor e medo, julgamos próprio fazermos algumas observações sobre a escatologia. Vejamos. O objetivo primordial dos textos escatológicos não é apavorar, assustar, angustiar e amedrontar os fiéis, mas é animar, orientar, consolar e fortalecer a fé do povo de Deus – é mensagem pastoral! O conteúdo central da escatologia é Jesus Cristo, que veio em humildade e que voltará em glória para julgar os vivos e os mortos – é mensagem cristológica! As doutrinas escatológicas só podem ser entendidas num contexto escriturístico global, sob conselho do Espírito Santo, e que apontam para a vitória final da igreja cristã – é mensagem gloriosa! A finalidade última dos temas escatológicos é, além de admoestar e consolar, “causar saudade da vida com Cristo” no coração dos cristãos – é mensagem da esperança. É, a mensagem da escatologia fala do amor de Deus, da salvação em Cristo, da vitória final da igreja cristã e da alegria e esperança dos filhos de Deus: “E assim sereis salvos” (v. 19).

## **TEXTO**

Ganhar-alma (*kaomai* – *psichê*) – v. 19.

Selecionamos algumas palavras-chave do texto que ressaltam o ensino desta perícopa escatológica. Como nosso estudo está direcionado para a proclamação de púlpito, iniciaremos o exame do texto pelo final, onde está expresso grande alvo de Deus, v.19 – a salvação eterna. Vejamos algumas traduções:

- “ganhareis as vossas almas” (Almeida, revista e atualizada)
- “logo vocês serão salvos” (NTLH)
- “assim vocês se salvarão” (BLH)
- “ganhareis a vida” (B. Ec.)
- “salvareis as vossas almas” (Matos Soares)

O verbo *kaomai* realmente quer dizer: ganhar, conquistar, adquirir, receber e possuir. No texto aparece *psichê*, alma, a parte espiritual da pessoa, a vida.

A mensagem do texto: não significa ganhar e conquistar com força própria ou por merecimento, mas receber e ganhar como prêmio pela “firmeza e perseverança” em Cristo, através das tribulações. A BLH e a NTLH reproduzem corretamente o sentido do texto: “assim vocês serão salvos”. Será o tema do sermão: “e assim sereis salvos”.

Cuidar (*blépoō*) v.8 – Os três verbetes que vamos analisar estão subordinados ao tema “e assim sereis salvos”. Assim, como? Respondemos com três destaques e condições: cuidado (v.8), testemunho (v.13) e perseverança (v.19). Algumas traduções:

- “Vede que...” (Almeida)
- “Tomem cuidado” (NTLH)
- “Cuidado” (BE).

Com o termo *blépoō*, Jesus expressa advertência, cuidado, atenção, vigilância, alerta, estar de sobreaviso – prestar atenção. Paineis nas ferrovias exemplifica: “Atenção: Pare – Escute – Olhe” – e só então siga. Este cuidado repulsa a ignorância, a negligência e a indiferença. É um prestar atenção que envolve inteligência, conhecimento e discernimento. É preciso ter “olho vivo”, “corações sábios” e a “mente de Cristo” no examinar e julgar as adversidades de que fala o texto.

De que é preciso ter cuidado e prestar atenção? Importante examinar os textos paralelos. Jesus relaciona uma infinidade de angústias e tragédias que surgirão antes “do último dia”, e que é preciso prestar atenção para não ser enganado: heresias religiosas – falsos profetas e falsos cristos (v.8); relacionamentos sociais e políticos chocantes – guerras, revoluções (v.9,10); catástrofes naturais – terremotos, fome, epidemias (v.11); sofrimentos espirituais – prisões, calúnias, ódio e perseguições de familiares (v.12,17). São coisas pesadas. Cristo nunca disse que os cristãos não seriam atingidos pelos sofrimentos deste mundo. Pelo contrário, “através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (At 14.22). Muito cuidado, muita vigilância, muita atenção e muito discernimento sobre o quando e sobre os sinais que aparecerão antes da consumação dos séculos. Impossível marcar datas para o retorno de Cristo. Importante: cuidar para estar pronto para o encontro com o Senhor – seja nossa morte (repentina, inesperada) ou retorno de Cristo (repentina, inesperada). Atenção: Parar, Escutar, Olhar – e só então seguir em frente!

**Testemunhar** (*martyréu*) – v.13 – No meio das angústias de todas as ordens e provações, Cristo quer o testemunho de seus seguidores. Mais forte ainda: Cristo permite a vinda das inquietudes, inclusive a “prisão por causa do meu nome” (v.12) com uma grande finalidade: nesta situação adversa, os cristãos terem a oportunidade de dar testemunho de sua fé no Salvador Jesus: “para que deis testemunho” (v.13).

**Testemunhar** (*martyréu*) é um dos verbos principais na confissão de fé do povo de Deus. Cristo gosta de usar o verbo “testemunhar” como o substantivo “testemunha”. Em Is 43, Deus diz diversas vezes a seu povo: “vós sois as minhas testemunhas”. Antes de subir aos céus, Cristo deu sua última palavra aos fiéis do NT: “vós sereis minhas testemunhas ... até o fim do mundo” (At 1.8). Cristo diz aos ministros e paulos: “... para te constituir ministro e testemunha” (At 26.16). Testemunhar significa falar em favor de

algum fato, afirmando e defendendo o fato como verdade. A testemunha íntegra não mente. É conhecida a pergunta que o juiz faz à testemunha no fórum: “Prometes falar a verdade, somente a verdade e nada além da verdade?” Em relação a fé em Cristo, o cristão também jura com “sim”.

Além do testemunho verbal – pela palavra – o cristão também dá o grande testemunho com sua postura cristã, sua vida santificada. É o exemplo. Da palavra grega *martyria*, nasceu o termo mártir, isto é, o cristão que dá testemunho com a própria morte – como Estevão. Quanto maior as catástrofes, inquietudes, adversidades, angústias e sofrimentos “por causa do meu nome”, tanto maior são as oportunidades e as consequências do testemunho que o cristão dá de sua fé, confiança, esperança e conforto em e com Cristo.

E tem mais: todo cristão, do mais simples ao mais culto, tem condições e capacidades para dar o testemunho, pois Cristo mesmo promete: “eu vos darei boca e sabedoria” (vv.14,15) ou como diz Mc: “não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo” (v. 13,14). O testemunho é mais uma maneira de se aguardar e “receber a vida eterna” (v.19).

**Perseverar** (*ypomonê*) – v.19 – Condição fundamental para “ganhar as vossas almas”, para o “assim vocês serão salvos”. Perseverar, aqui, quer dizer: ser persistente; ser, permanecer e continuar firme até o fim; conservar e perdurar até o final; “permanecer firme na fé até à morte”, indica uma perseverança ativa no meio de todas as adversidades. É fidelidade absoluta e duradoura. É não esmorecer, não cansar, não negar, não desistir no meio do caminho. É agüentar firme na fé até o momento em que Cristo dirá: “Muito bem... entra...” (Mt 25.34). É o que Cristo resume em Ap: “conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” e “sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (2.10; 3.11).

Em suma, para ser salvo ou ganhar a vida eterna, esta períclope escatológica coloca três considerandos ou condições: estar atento aos sinais de todas as ordens para não ser enganado; dar testemunho de sua fé no Salvador Jesus; perseverar firme até à chamada final para a glória dos céus. É assim que direcionamos o estudo e sugerimos o esboço do sermão.

## **ESBOÇO**

### **E assim sereis salvos**

#### **INTRODUÇÃO**

1. “Muro das Lamentações”: é só o que sobrou da Jerusalém e do Tem-

plo da época de Jesus (Josefo afirma que, no ano 70, com Tito, houve 1.100.000 mortes pela espada, fome e peste).

2. Sobre o “quando e os sinais”: são avisos que chamam a atenção; “é o princípio, não o fim”.
3. Cálculo de datas: cuidado, “nem o Filho do Homem sabe”, em sua natureza humana.

## **E assim sereis salvos**

### **Partes:**

Como?

I – Cuidando para não ser enganado (v.8)

II – Dando testemunho de Jesus Cristo (v.13)

III – Perseverando na fé até o fim (v.19)

## **CONCLUSÃO**

Multiplicação de falsos profetas e falsas religiões hoje.

Urgência no testemunho e proclamação do evangelho.

Vale a pena ser cristão e esperar a chamada.

A visão escatológica enriquece, alegra e fortalece a vida cristã.

Ser fiel, agindo ativamente.

Vem, Senhor Jesus!

*Dr. Leopoldo Heimann*

## PENÚLTIMO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

*Lucas 19.11-27*  
*18 de novembro de 2001*

### LEITURAS DO DIA

Com as ênfases escatológicas desse período somadas à reflexão do tema da IELB: “Missão de Deus – desafio da igreja”, as leituras deste domingo nos conclamam e nos desafiam à ação. O Salmo desse Penúltimo Domingo do Ano Eclesiástico expressa o espírito, a motivação resultante do único motivo que nos leva à ação: pois me alegraste, Senhor, com os teus feitos. Pois é bom render graças ao Senhor, é bom anunciar de manhã a tua misericórdia e, durante as noites, a tua fidelidade. Isso porque, esperamos que a cada novo dia Deus seja misericordioso, ou seja, não nos dê o que merecemos: o seu juízo. Por isso, durante as noites, após a jornada diária, podemos proclamar a fidelidade de Deus, uma vez que ele não somente foi misericordioso, mas também gracioso: nos deu o que não merecemos: remissão dos pecados, vida e salvação. As obras de Deus levam o salmista ao júbilo! Elas movem o cristão a uma vida frutífera, como expressa também o salmista: percorrerei o caminho dos teus mandamentos quando me alegrares o coração (Sl 119.32), como também expressa em que espírito o servir ocorre: servi ao SENHOR com alegria (Sl 100.2). É o que veremos na leitura base para este estudo: Lucas 19.11-27.

### TEXTO

Em primeira instância, logo associamos essa parábola com a descrita por Mateus. Contudo, numa primeira leitura já percebemos algumas diferenças nas ênfases, o que nos leva a considerar que ambas tenham sido usadas com finalidades e situações diferentes, porém utilizando-se da mesma idéia básica. Em Mateus, os homens recebem quantidades diferentes, de acordo com suas capacidades. Aqui em Lucas, todos recebem o mesmo valor. Ao que tudo indica, a ênfase de Mateus seja nos diferentes dons que cada cristão recebe, portanto, valores diferenciados expressam a diferenciação no corpo de Cristo (conforme vemos em 1 Co 12). A ênfase no relato de Lucas não é recebimento diferenciado, pois todos recebem algo em comum, recebem a mesma quantidade. Contudo, ambas as parábolas têm algo em comum: o que Deus concede não fica sem resposta.

O que Deus concede em comum a todos os cristãos é o dom da fé. Se queremos trabalhar os frutos não devemos nos concentrar neles e sim na árvore. Ou seja, para trabalhar a vida cristã é preciso cuidar da fé e não necessariamente dos frutos. Em essência, não existe problema de santificação, pois todo problema de santificação é antes de mais nada um problema de justificação. E isso tem a ver com relacionamento com Deus, o que bem expressa o terceiro empregado da parábola. Os frutos são consequência de uma fé fortalecida e cuidada.

Jesus tinha acabado de ter um encontro com Zaqueu. Esse encontro não ficou sem resposta, pois Zaqueu, um cobrador de impostos astuto e ladrão, sinalizou o impacto de Jesus em sua vida através das novas e contundentes atitudes que tomou. Não se sabe ao certo se Jesus ainda tinha em mente o recente episódio com o jovem rico, um verdadeiro contraste com Zaqueu no que diz respeito ao lugar que Jesus e as riquezas agora ocupavam.

O Dr. Martinho Lutero afirma que o perdão dos pecados se manifesta de duas maneiras: “por um lado, por meio do Evangelho e da palavra de Deus, recebidos interiormente no coração perante Deus por meio da fé; por outro, exteriormente, por meio das obras, a respeito das quais 2 Pedro 1.10 diz: ‘prezados irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição’, etc. Aí ele quer que provemos que temos a fé e o perdão dos pecados, isto é, que demonstremos as obras, para que se reconheça que a árvore em seus frutos se revele que é uma árvore boa e não podre, pois onde houver fé genuína, com certeza também seguem boas obras... Pois esta é a consequência e o fruto com os quais eu certifico a mim e aos outros que creio genuinamente, o que no mais eu não poderia saber nem ver”. Lutero afirma que “o perdão exterior evidenciado por um ato é um sinal seguro de que tenho perdão do pecado junto a Deus... Veja bem, trata-se de dois tipos de perdão: um, interior, no coração, que se apega exclusivamente à palavra de Deus, e outro, exterior, que irrompe e nos dá certeza de que temos o perdão interior.” Quem deseja crer e confiar na graça, já está crendo. Pela fé, volta-se a este gracioso Deus e deseja a sua graça. Desejar e apegar-se à graça de Cristo é fé. O menor movimento da vontade, o menor querer, a mais frágil confiança na graça de Cristo já é fé.

Na parábola contada por Jesus, em Lucas, vemos somente duas classes de pessoas: as que fizeram bom uso daquilo que receberam e as que não fizeram bom uso. Na parábola Jesus não está dizendo que os ricos ficarão mais ricos e os pobres mais pobres. Na vida cristã não há espaço para espectadores. Não ficamos parados. Empregamos o que recebemos ou perdemos aquilo que temos. A fé não é algo estático, parado, não se restrin-

ge somente a um conhecimento dos fatos. Por ser obra do Espírito Santo, a fé é dinâmica, nos move à ação, é transformadora, tão impactante em nossas vidas que somos chamados de novas criaturas.

Como cuidar da fé? Como ela produz e se multiplica? O Dr. Carl C. F. Walther afirma que “segundo as Escrituras, não é de todo difícil ser convertido; o difícil mesmo é continuar neste estado... Ao ouvir o evangelho, tudo o que alguém deve fazer é aceitá-lo. E então, imediatamente, segue-se um conflito interior... O caminho estreito da cruz que o cristão tem de carregar, a saber: a mortificação de sua própria carne, o suportar da zombaria, do desprezo e da desonra que o mundo lança contra eles, a luta contra o diabo, a renúncia ao mundo com suas vaidades, tesouros e prazeres. Isto não é fácil. E é bem por isto que, não muito depois da conversão, muitos se desviam e perdem a sua fé” (Walther, *Lei e Evangelho*, p.79). O “difícil é continuar nesse estado”. Basta ser cristão para constatar tal verdade. A missão de Deus desafia a igreja a não ver concluída a sua tarefa com a proclamação aos perdidos, pois a grande comissão nos diz que o alvo é fazer discípulos. Por causa desse conflito interior – que não muito depois da conversão faz com que muitos se desviem e percam a sua fé –, a igreja é chamada ao zelo do apascentamento. Pastores, e mesmo cristãos mais fortalecidos, dão de si mesmos para que novos cristãos sejam amparados e auxiliados em sua vida cristã. O apóstolo Paulo disse: “assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a própria vida; por isso que vos tornastes muito amados de nós.” (1 Ts 2.8). Nisso tudo, encontramos na epístola do dia o ânimo que Deus dá através do apóstolo: Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão (1 Co 15.58), pois graças a Deus, ele nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Co 15.57).

### **SUGESTÃO DE DIREÇÃO DA MENSAGEM**

O grande negócio e tesouro do cristão é a boa nova do evangelho. Ele o recebeu gratuitamente. E recebeu o privilégio de fazer render esse negócio ou tesouro. É a grande transação de Deus. É a missão de Deus que se manifesta não somente como um desafio, mas como um privilégio, pois apenas um filho pode tomar conta dos negócios do pai, jamais um escravo. Com o compartilhar desse desafio percebemos com que privilégio Deus nos considera, pois de Cristo fomos revestidos no batismo e somos chamados co-herdeiros juntamente com ele (Evangelho). Que espaço tudo isso ocupa em nosso coração? Onde está o teu coração aí está o tesouro. O desleixo por esse incrível tesouro denuncia o coração (Lei). Por outro lado, a vontade, o desejo, a ânsia em desenvolver os recursos do Reino denunciam um cora-

ção alegre em servir, em percorrer o caminho do Senhor. Isso só é possível a partir de uma vida impactada pelo próprio evangelho. E, à medida em que o tempo passa, a expectativa cresce, pois o Senhor volta! Que alegria poder contar a Jesus: obrigado Jesus pelo tesouro que recebi. Isso foi tão importante para mim que multipliquei esse tesouro em muito mais. Olha aqui, Jesus!...

Observação: lembrar que é uma parábola e devemos fazer uso do ponto central de comparação. O ponto central não é desenvolver o tesouro por conta, na ausência do Rei, como na parábola. O ponto central é que o tesouro de Deus tem tanto valor que não pode ser desconsiderado, mas é recebido, crido, anunciado. Evite a idéia do trabalho da igreja dissociado da ação de Deus. A missão, a obra, é de Deus, e é nossa somente enquanto somos instrumentos de suas mãos. A segunda petição do Pai Nosso expressa isso: Deus age, o reino de Deus vem, mas pedimos: nos inclua, Deus, quero fazer parte, venha o teu reino, aja em mim e através de mim.

*Renato Hoerlle  
São Paulo, SP*

**ÚLTIMO DOMINGO APÓS PENTECOSTES**

*Lucas 12.42-48 ou 23.35-43*

*25 de novembro de 2001*





## DEVOÇÕES

**A VIDA DA IGREJA QUE EMANA DA CRUZ***Atos 2.41-47*

Como pregar, na quarta semana da Quaresma, um texto que, na Almeida Revista e Atualizada, tem por título “Como viviam os convertidos”, e, na Bíblia na Linguagem de Hoje, “A vida dos primeiros cristãos”? Na Quaresma supostamente temos de focalizar a obra de Cristo a nosso favor (embora também seja um tempo de reflexão, avaliação, etc.), mas esse texto nos apresenta a igreja. O pregador fica com receio de incorrer em “sacrilégio” semelhante ao daquele pastor que, num exemplo de crasso desrespeito ao calendário litúrgico, falava da mulher de Ló em pleno domingo de Páscoa! Falar da igreja que emana do Pentecostes em pleno período de Quaresma: pode?

Na verdade, não foi este pregador que escolheu o texto, tampouco o coordenador de atividades cúltricas do Seminário (por mais que eu perguntasse: donde te veio esse texto?). Na verdade, é o calendário litúrgico (série histórica revisada) que prevê o texto para esta semana. Isto torna mais crucial a pergunta: Que conexão existe entre este texto e a Quaresma? Alguém tem uma resposta?

Não posso falar em vosso nome, pois não vos consultei. Mas, se posso parafrasear o apóstolo Paulo, “dou minha opinião ... e penso que também eu tenho o Espírito de Deus” (1 Co 7.25,40). A conexão entre Atos 2 e a Quaresma seria esta: a igreja de que fala o texto é resultado da pregação de Pedro no dia do Pentecostes, pregação esta centrada na morte de Cristo (apresentada como lei: “vós o matastes” - At 2.23) e na ressurreição de Cristo (apresentada como evangelho: “Deus o ressuscitou!” - At 2.24; “Deus o ressuscitou!” - At 2.32). Para confirmar isto, ouçamos o finalzinho do sermão de Pedro, que resultou na igreja de que fala nosso texto: “Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes [lei!], Deus o fez [evangelho!] Senhor e Cristo” (At 2.36).

A igreja emana da cruz e ressurreição de Cristo. Como disse alguém, se Cristo não tivesse ressuscitado não haveria fé, não haveria esperança, não haveria igreja, não haveria oração, não haveria nada.

Se isto não bastasse, como a Quaresma é tempo de introspecção, tempo de bater no peito e dizer *mea culpa, mea maxima culpa*, o quadro de igreja pintado no texto de Atos 2 nos serve de espelho e nos questiona em nosso ser igreja (lei). Ao mesmo tempo nos anima e encoraja, pois o mesmo Espírito que operou pela palavra de Pedro atua hoje pela mensagem da cruz (evangelho).

Que igreja era aquela? Era a igreja dos que aceitaram a palavra apostólica e foram batizados. E a partir daí eram nada mais, nada menos, do que isto: igreja. Nada daquela piedade individualista, “eu e meu Deus, só nós dois e mais ninguém”. Não! Eles (plural!) perseveravam ... eles perseveravam unânimes ...

Continuavam firmes ... no quê? Firmes nos quatro pilares da igreja apostólica: a doutrina dos apóstolos, a comunhão, o partir do pão, e as orações. Este é o versículo 42. O que segue (vv. 43-47) é comentário e desdobramento disso daí.

A doutrina dos apóstolos. Sim, havia apóstolos, havia ministério. Não como um arranjo feito posteriormente, quando a igreja supostamente começou a “se instalar no mundo e carecia de liderança centralizada”, mas desde o princípio.

Os apóstolos têm uma doutrina, um ensino. Nada nos é dito de seu conteúdo, mas a contar pelo resumo da pregação apostólica em Atos 2 (e especialmente também em Atos 10.36-43), deve ter sido algo semelhante ao que temos no evangelho de Marcos. Expandindo um pouco, poderíamos dizer que era o resumo do que hoje temos no Novo Testamento.

A igreja apostólica continuava firme na comunhão, no partir do pão e nas orações. Começamos pelo fim: as orações. O texto diz também que “diariamente perseveravam unânimes no templo” (v. 46) e que louvavam a Deus (v.47). [Esta referência ao Templo de Jerusalém já deveria nos deixar de sobreaviso quanto à suposta necessidade ou possibilidade de simplesmente reipristinar ou reeditar (quanto à forma) a vida daquela primeira igreja ....] Em todo caso, havia vida de culto. E este culto emana da cruz e ressurreição de Cristo e conecta nosso texto à Quaresma.

Outro elemento muito importante (o terceiro na lista) era o partir do pão. Talvez seja temerário e forçado afirmar que isto se refere exclusivamente à Ceia do Senhor. Por outro, certamente inclui a Ceia. Afinal, naqueles inícios a Santa Ceia era celebrada no contexto de uma refeição comunitária

(como fica claro a partir de 1 Co 10). O partir do pão “de casa em casa” ou “em famílias [= igrejas domésticas]”, como também pode ser traduzido, tinha seu ponto alto na Ceia do Senhor. E a Ceia emana diretamente da Paixão de Cristo (que é o centro de nossa reflexão neste período da Quaresma).

E chegamos ao elemento de número dois, que reservei para o final, pois recebe um destaque todo especial no texto: a comunhão. Comunhão é ter algo em comum, ou, como diz o texto (v.44), ter “tudo em comum”. Eles “estavam juntos”. Mais: “estavam juntos e unidos”, como traduz a Bíblia na Linguagem de Hoje. Eram unânimes, tinham o mesmo espírito e a mesma mente. Tinham a concórdia, essa paz comunitária que subentende a unidade dada por Deus, pela fé, no batismo.

Como exemplo e manifestação prática dessa comunhão é citado o que muitos qualificam de “o comunismo” da igreja de Jerusalém. [O termo é mal aplicado, pois não se tratava de uma produção comum dos bens, muito menos era algo imposto pelos apóstolos ou alguém outro...] Bens e propriedades eram vendidos e o produto distribuído entre todos, à medida que alguém tinha necessidade.

Alguém poderia perguntar: Mas o que isso tem a ver com Quaresma? Pois tem a ver, e muito, por sinal. Essa comunhão sacrificial, sim, sacrificial, dolorida (embora voluntária e alegre), tem tudo a ver com a cruz. Ela está sob o signo da teologia da cruz. Ah, aqui não se tem nada de teologia da prosperidade. Neste caso o texto diria: “Todos davam o dízimo e Deus os honrava com bênçãos e prosperidade, e crescia o patrimônio de cada um”. Nada disso. Aqui temos teologia da solidariedade: o que é meu é nosso e, por conseguinte, é teu também ... Tal vida de comunhão só é possível sob o signo da cruz e não pode ser entendida longe da cruz.

Tanto assim que, mais tarde, ao animar os coríntios a participar da oferta a favor dos pobres da igreja da Judéia, Paulo, que descreve aquela coleta de recursos como “comunhão” (2 Co 8.4), faz a conexão direta entre a referida coleta-comunhão e a cruz da Quaresma: “pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2 Co 8.9).

Falando em Paulo e na igreja de Corinto, vale lembrar o que sempre de novo se afirma: nenhuma outra igreja, nem na história contada em Atos nem no trabalho missionário de Paulo, imitou o procedimento da igreja de Jerusalém. Isto é sinal de que não se sustenta a idéia de que “temos que repristinar a igreja de Jerusalém” ou que “enquanto não formos iguaizinhos à igreja

primitiva em todas as nossas práticas não somos igreja verdadeira”. Ninguém — quanto sabemos — nos tempos apostólicos imitou a igreja de Jerusalém nesse particular de vender propriedades para o bem comunitário. Agora, o princípio sobreviveu e foi colocado em prática. Quando Paulo lembra aos renitentes coríntios que aquela coleta não era “para que os outros tenham alívio, e vós, sobrecarga; mas para que haja igualdade, suprimindo a vossa abundância, no presente, a falta daqueles, de modo que a abundância daqueles venha a suprir a vossa falta, e, assim, haja igualdade” (2 Co 8.13 e 14), ele está invocando o mesmo princípio da comunhão que foi praticado em Jerusalém. No fundo, no fundo, o mandamento do amor.

Se alguém ficou com a impressão de que acabamos de falar de ofertas em pleno tempo de Quaresma, não ouviu mal, não. A comunhão, que se expressa em atos concretos de ajuda — para que haja igualdade — emana da cruz de Cristo.

Irmãos e irmãs: temos a doutrina dos apóstolos — melhor que ninguém outro. Tem sido nosso orgulho ao longo dos anos. Perseveremos nela. Temos o partir do pão — e aqui nada temos a melhorar ou reformar. Perseveremos nele. Temos as orações — um culto maravilhoso. Fiquemos firmes nisto. Temos a comunhão. Será que a temos no limite máximo? Será mesmo? Ainda outro dia alguém ouviu uma luterana de uma de nossas congregações dizer o seguinte: “Se é para investir em nossa comunidade daqui, contem comigo; se for para mandar para fora, me esqueçam”. Seria isto comunhão? Não equivale isto a “corintianizar”, isto é, ter a mesma mentalidade dos coríntios, que só enxergavam o próprio umbigo? Como estamos no quesito “comunhão”? Esta é uma pergunta e uma pergunta, num sermão, geralmente é expressão da lei. E a lei sempre nos acusa. Falhamos miseravelmente.

Haveria algum consolo para nós? Será que tem saída para a nossa mesquitez? A solução está nos dois pilares centrais, que sustentam o edifício todo: a doutrina dos apóstolos e o partir do pão. A solução é a paixão de Cristo, que nos é trazida e atualizada pela pregação do evangelho. A solução é a paixão de Cristo, que se torna nossa de forma toda peculiar no partir do pão. É esta solução, divina e maravilhosa, que recebemos e glorificamos, humildes, no contexto desde sublime momento de culto e oração.

*Devoção proferida pelo Prof. Dr. Vilson Scholz na capela do Seminário Concórdia no dia 28 de março de 2001*

## FÉ SUFICIENTE PARA REALIZAR O MINISTÉRIO DO SENHOR

*Lucas 17.1-10*

Muito amados no Senhor!

Esta semana me aconteceu um fato peculiar. Enquanto preparava esta mensagem para hoje, tive que ler muitos estudos homiléticos e sermões dos alunos do T.3. A esperança era que, após ler tantos estudos e sermões, eu pudesse ter muitas idéias e facilmente escrever o meu.

Apesar de todos os alunos estarem trabalhando com o Evangelho de Lucas, logo percebi que nenhum deles tratava do meu texto, que também é de Lucas. Até descobrir se a culpa era do Prof. Pietsch, que elaborou essa ordem de textos, ou minha, que não dei esse texto para um de meus alunos, me dei conta que era hora de botar a mão na massa – melhor, no texto, e começar a trabalhar.

Foi o que fiz. E as primeiras perguntas que fiz para o texto – Lc 17.1-10 foi: A quem esse texto se dirige? Qual o seu ensino?

Confesso que, à primeira vista, tive a impressão que o texto mais parecia uma colcha de retalhos. Aparentemente o evangelho apresenta quatro breves discursos de Jesus sem conexão.

- vv.1-2 => Cuidado com aqueles que causam escândalos
- vv.3-4 => Perdão para aqueles que se arrependem
- vv.5-6 => A fé, mesmo pequena, pode realizar grandes coisas
- vv.7-10 => O apóstolo é um servo humilde.

Qual a unidade nestes temas propostos por Jesus?

Neste sentido, o contexto é de grande valia. O nosso capítulo apresenta uma mudança na audiência de Jesus. Jesus já não fala mais para os fariseus (cf. Lc 16.14), mas agora se dirige aos discípulos (cf. Lc 17.1).

Portanto, o tema unificador de nosso texto é discípulos. O texto é uma continuação dos ensinamentos de Jesus a respeito do discipulado. São ins-

truções valiosas de Jesus para aqueles que no futuro serão pastores e líderes na igreja.

O texto inicia: “Disse Jesus a seus discípulos” (v.1). Em Lucas, o termo discípulo inclui mais do que os 12. Inclui os 70 (72) enviados por Jesus (cf. Lc 10.1-12), bem como outros seguidores. Acontece que o v5 usa o termo **APÓSTOLOS**.

Sendo assim, essa perícope toma um outro rumo. Jesus aqui se dirige a um grupo menor de seguidores, especialmente aqueles que Ele envia para o ministério em seu nome. Em outras palavras, Jesus está falando a nós – alunos e professores do Seminário Concórdia de São Leopoldo.

E o que ele diz? Ele diz que os pecados são inevitáveis. O homem por natureza é pecador (Sl 51.5; Ec 7.20), e devido às muitas tentações, está fadado a cair em pecado. Mas o problema não está no cair em pecado, mas sim, em fazer os outros cair. O alerta de Jesus é para que os seus enviados = apóstolos não se tornem pedra de tropeço para os crentes, à semelhança dos fariseus e escribas (cf. Lc 15.2 e 16.14). É o já conhecido: “faça o que eu digo e não o que eu faço”.

São palavras duras de Jesus. Ele coloca sobre os ombros de seus ministros uma pesada responsabilidade. Homens de Deus, líderes na igreja, precisam exercer o seu ministério com extrema cautela, de forma que os pequeninos irmãos (v.2) - colocados sob seus cuidados - não sejam levados à apostasia.

E Jesus continua, agora falando daqueles irmãos que pecam e, arrependidos, vêm em busca do perdão. Tenham cuidado! Aqui nos chama a atenção o imperativo (presente). O cuidado com o pecador arrependido precisa ser contínuo e constante; e deve acontecer na igreja. Jesus alerta seus futuros ministros para que estes estejam atentos quando as pessoas, sob seus cuidados, caírem em pecado. Ah! e elas irão com certeza.

O pastor e os líderes na igreja devem fazer tudo o que estiver a seu alcance para que pecadores penitentes sejam trazidos de volta ao convívio da comunidade dos crentes. O faltoso deve ter o seu pecado reprovado – por meio do espelho da Lei, e após arrependimento sincero, receber o perdão por meio do evangelho.

O ato de perdão deve ser uma constante na vida da comunidade cristã. Ainda que seja sete vezes no mesmo dia. Sempre que o pecador penitente vem em busca do perdão, este não lhe deve ser negado por parte da igreja.

Alguém poderia dizer: “Tudo bem Jesus, mas sete vezes é demais. Quem pode perdoar assim?” Cada um de nós já passou por situações assim e sabe o quanto é difícil perdoar. Há momentos que temos vontade de dizer: “Chega! Já não agüento mais!”

Não foi sem razão que os apóstolos pediram a Jesus: “Aumenta-nos a fé.” Eles haviam entendido muito bem as palavras de Jesus (vv.1-4). O pedido dos apóstolos surge a partir do reconhecimento de sua incapacidade de realizar aquilo que Jesus havia lhes solicitado.

“Aumenta-nos a fé.” É a confissão sincera do grupo de apóstolos, que se vêem pequenos diante do grande desafio proposto por Jesus.

Embora as palavras de Jesus pareçam duras, elas oferecem encorajamento aos apóstolos. “Ei rapazes, talvez vocês ainda não perceberam, mas vocês têm fé suficiente para realizar coisas fabulosas, até mesmo pedir que uma amoreira se arranque da terra a vá se plantar no mar.”

Mesmo uma fé aparentemente pequena como um grão de mostarda oculta grandes coisas e certamente também lá estão presentes o poder de Cristo e de seu evangelho. É por meio de homens assim que Cristo produz grandes maravilhas em seu reino.

A pergunta que surge a seguir é a seguinte: por que Jesus acrescenta esses versículos finais em nosso texto? Estava indo tudo tão bem! Mas agora essa pequena parábola do servo parece complicar um pouco mais o texto.

Os vv. 7 a 9 oferecem perguntas retóricas. E qualquer um pode responder a elas.

1ª) “Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou em guardar o gado, lhe dirá quando ele voltar do campo: vem já e põe-te à mesa?”

Resposta: “Ninguém faria isso”.

2ª) “E que antes não lhe diga: Prepara-me a ceia, cinge-te, e serve-me, enquanto eu como e bebo; depois comerás tu e beberás.”

Resposta: “Sim, diríamos exatamente isso.”

3ª) “Porventura terá de agradecer ao servo por ter feito o que lhe havia ordenado?” Resposta: “É claro que não!”

Essa foi demais, Jesus!

- A gente tem que cuidar para não causar nenhum escândalo e levar alguém a pecar;

- Perdoar o pecador, mesmo que ele peque contra mim sete vezes no mesmo dia;
- E para finalizar, quando faço o meu trabalho, não fiz mais do que a minha obrigação!

Essa pequena ilustração de Jesus não apresenta o tipo de Deus que temos, mas antes, o tipo de servo que Deus deseja.

O Senhor Jesus sabe o que faz, e sabe muito bem. Quando os cristãos, por meio da fé, realizam obras surpreendentes e aparentemente impossíveis, a velha natureza humana e o próprio diabo entram em cena, e aí surge o perigo do orgulho e da vaidade, e muitas vezes o nosso discurso pode se assemelhar em muito ao do fariseu no templo: “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens...veja como faço isso e aquilo, etc.” (cf. Lc 18.11-12). Dando a entender, assim, que Deus até nos deve algum favor por isso.

Devido a esse grande perigo, que fere o princípio da graça imerecida de Deus, Jesus coloca os pés de seus apóstolos - e também os nossos, bem no chão e lembra que não passamos de servos inúteis, que fizemos nada mais nada menos do que a nossa obrigação de servos e ponto final.

Ministros precisam constantemente ser lembrados de sua condição de servos. Mesmo tendo sido chamados pelo Senhor da Igreja, servimos sob a sombra de sua cruz. É isso que o Senhor Jesus espera de um servo fiel.

Mas onde está o evangelho em tudo isso? Afinal, é muita carga sobre os nossos ombros!

Bem, para começar, olhemos bem para o nosso texto: lá estás os apóstolos e com eles Cristo – o grande Pastor, também o nosso Pastor.

O Cristo que faz todas essas solicitações a seus ministros é o mesmo que as cumpriu uma a uma – em nosso lugar.

- Pois jamais algum dolo se achou em sua boca (Is 53.9).
- Apesar de ter sido tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, jamais pecou (Hb 4.16).
- Por aqueles que o ofenderam orou: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34).
- Para aqueles que buscavam lugar de honra e destaque, Ele disse: “o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45).

Esse é o Cristo que nos chama ao ministério. O Bom Pastor que conhece não só as suas ovelhas, mas que também conhece a cada um de seus pastores, aos quais confiou o seu rebanho aqui na terra. Motivados pelo seu serviço, é que servimos em humildade e alegria. Amém.

*Devoção proferida pelo Prof. Ely Prieto na capela do  
Seminário Concórdia no dia 3 de novembro de 2000*

## O AMOR DE DEUS: AMOR SEM LIMITES

*Rm 8.31-39*

Em nome de Jesus, o nosso amado Salvador. Amém.

Muito estimados em Cristo. Há algum tempo, um programa da rede Globo chamou a atenção de muita gente - “No Limite”. Alguns dos participantes até se tornaram astros de comerciais, apelando para a experiência que tiveram. A busca do próprio limite sempre interessou o ser humano. Somos criaturas que buscam superar os limites, até que se criem outros limites. Mas há limites!

Buscamos superar os limites da ciência e tecnologia. Segundo a Revista “Superinteressante” deste mês, um cientista americano está propondo uma solução no mínimo genial para acabar com tornados - seria cozinhá-los com microondas, com emissões destas ondas a partir de satélites! O trabalho com o genoma humano faz parecer que todos os limites estão caindo. E o homem avança destemidamente além deles.

Mas há limites. No período do Racionalismo, pensava-se que o homem, à medida em que avançava no domínio do conhecimento e da tecnologia, iria resolver seus problemas. Sabe-se, pela experiência, que não é bem assim. Sem falar das guerras, guerrilhas, revoluções e batalhas pelo narcotráfico, a fome continua a matar milhões, e pestes surgem para mostrar que o homem não é tão dono da situação como às vezes pensa. Há limites.

O “Azul e Branco” é, entre outras coisas, uma busca de superar limites. Nossos atletas buscam superar os próprios limites de força, de habilidade, de dor, de emoção, de engajamento. Creio que o Azul e Branco, como toda competição esportiva, pode ser visto como uma celebração do 1º artigo do Credo - ao lembrarmos que Deus nos concede forças, habilidade, destreza, agilidade. Ultrapassam-se marcas, algumas vezes para surpresa dos próprios responsáveis. Mas há limites.

Às vezes, outros limites chegam a ser ultrapassados; e aí a gente precisa lembrar que há limites no relacionamento, estabelecidos pelo amor fraterno, pelo respeito, pelo cuidado de não machucar, seja no corpo, seja nos sentimentos.

Trabalhamos sempre com limites. Por vezes temos dificuldades de reconhecer nossos limites. Mas é importante que o façamos, para que saibamos que muitas coisas na vida não têm caráter permanente e absolutamente decisivo para a vida.

Ontem, durante a competição do Futebol de Salão, enquanto estava 1 a 1, minha filha de seis anos se saiu com esta: “Isso não é tão importante ... não é tão importante quem vai ganhar - Jesus gosta dos dois grupos igual!”

Dentre as muitas coisas para as quais há limites, aqui está o ilimitado. O amor de Jesus não tem limites. Por isso, ao contrário de muitas outras coisas que fazemos, tem um caráter permanente e decisivo para a vida. Aqui entramos no campo do inegociável, do fundamental, do absolutamente necessário. No amor de Jesus, não há limite. Isto já fica evidenciado no fato de que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores (Rm 5.8). Por meio dele os nossos pecados são perdoados, diz João (1 Jo 2.2), não somente os nossos, mas os do mundo inteiro.

Para os crentes, esta é uma verdade sublime, que é reconhecida e celebrada. O amor de Jesus por nós nos faz avançar limites. Limitados pelo pecado, pela fraqueza, pela incapacidade de temer a Deus, somos agraciados no evangelho pela dádiva do perdão. No batismo, fomos adotados como filhos queridos; na palavra do perdão somos consolados e animados; na Santa Ceia somos alimentados pelo amor sem limite de Jesus, para vivermos sob o perdão, vida e salvação que o Pai nos dá. E este amor ilimitado de Jesus nos faz cantar de alegria como faz Paulo:

“Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.31-39).

## **Igreja Luterana - nº 1 - 2001**

Que este amor continue sendo nosso grande assunto, nosso tema de cada dia, aqui no Seminário, na Igreja, na nossa vida familiar e pessoal. O ilimitado amor de Jesus nos moverá a vivermos com alegria, ultrapassando alguns limites; mas também nos ajudará a não ultrapassar outros limites.

Nada poderá nos separar do amor de Deus, que está em Jesus. Pode haver garantia melhor para vivermos a nossa vida, com alegria, confiança no Pai celestial e amor pelo nosso próximo? Amém.

*Sermão pregado pelo Prof. Gerson Luis Linden no Culto do “Azul e Branco”, no Seminário Concórdia no dia 22 de outubro de 2000.*

## O BÁLSAMO DE GILEADE

*Amós 8.4-7*

Domingo passado assisti a uma assembléia em minha congregação para chamar um segundo pastor. Em reunião anterior a assembléia havia determinado que não chamaria um formando, mas um pastor com maior experiência. Por isso, formandos que aqui estão, infelizmente a Concórdia não estará na lista dos lugares de designação de hoje à tarde. O que me chamou a atenção nesse chamado foi qual o perfil do candidato a ser escolhido. Destacou-se na hora que ele precisa ter vivência urbana, saiba trabalhar em missão na cidade, faça visitas, relacione-se com os jovens, saiba tocar música, dirija coral. O perfil já estava sendo fechado quando um senhor, no último banco, pediu a palavra e acrescentou: e que o novo pastor seja também um bom pregador!

Este ponto nos parece fundamental: que o pastor seja um bom pregador. Mas, quem é um bom pregador? Neste momento eu gostaria de convidá-los a se espelharem no profeta Amós como um bom pregador. Amós? – você vai perguntar. À primeira vista este pregador do oitavo século a.C. não parece ser ou ter algo que nos inspire a imitá-lo.

Olhando para o nosso texto e para a vida de Amós eu pergunto: Você estaria disposto a pregar como o profeta Amós?

De cara a nossa resposta seria: NÃO! Dos 146 versículos que compõem seu livro, apenas os últimos 5 têm relação com uma mensagem evangélica e, como sabemos, mesmo assim tem a autoria negada pelos críticos. Nós seremos pregadores do evangelho, não pregadores da lei. Queremos pregar a partir do Calvário e não a partir das colinas de Tecoa. A julgar pelo conteúdo do seus sermões, Amós parece ser um exemplo de como não pregar.

Primeiro, é preciso afirmar que Amós realmente pregou a Lei. Ao receber o seu chamado, Amós não permaneceu nas campinas de Tecoa numa comunhão mística com as estrelas do céu enquanto a terra estremecia pelo furor da ira de Deus. A missão de Deus é até os confins da terra, mas nem

sempre precisamos ir até lá – nem poderemos! Amós se dá conta que seu chamado não fica longe de onde está o seu rebanho de ovelhas. Amós vai ao ser humano onde está o ser humano – ao seu alcance - e nas condições em que este ser humano se encontra. E ali ele prega a lei.

Que lei? Quando ouvimos estas palavras duras de Amós em nosso texto, talvez alguns pensem: aqui está o rústico pastor de ovelhas, o boieiro, a fulminar a cultura urbana; ou, aqui está o rapaz do interior a criticar os arrogantes moradores da cidade; ou aqui está um representante dos “sem” (sem-terra, sem-teto) a azucrinar a vida dos que têm. Entretanto, não é este o caso. Porque cada pecado que Amós aponta e condena vem precedido de uma palavra: “Assim diz o SENHOR”. Com freqüência ele diz que os castelos serão destruídos. Não porque estava errado construir essas grandes estruturas de pedra e alvenaria que para um pastor de ovelhas não tinha muito sentido. Mas porque cada um desses castelos representava uma nova torre de Babel, um novo símbolo da tentativa humana de destronar Deus e ocupar o seu lugar. Quando Amós prega a lei, ela é a lei de Deus. Prega a lei sem ser legalista ou moralista. Amós jamais amarra a consciência dos homens naquilo que não é Palavra de Deus.

Verdade é que Amós fala à consciência dos homens de uma forma que esta consciência não durma. Amós não fala de forma vaga, genérica. Ele vai direto ao ponto. Ao ouvi-lo estava, por exemplo, o homem de negócios. Depois de ouvir Amós, o homem de negócios não podia voltar para casa e dizer: Ninguém me falou que estava errado envolver-me em negócios desonestos; negócios são negócios e se alguém se quebra, o problema é dele. Amós fala de forma tão clara que as pessoas sabiam que a partir da vontade de Deus estava errado envolver-se em negócio espúrio e desonesto. O juízo virá sobre vós, diz o texto, porque diminuís o efa (ao invés de um quilo, entregar 900 gramas) e aumentais o siclo (ou seja apresentar uma obra superfaturada) e falsificais a balança para comprardes os pobres por dinheiro e os necessitados por um par de sandálias. Não apenas o esperto homem de negócios ouviu, como também o advogado matreiro, o juiz de plantão, o magnata do trabalho escravo: todos eles ouviram o “tu és o homem!”.

Por que Amós prega a lei? Por que ele ataca os pecados sociais da época? Seu objetivo não é apresentar uma nova ordem social, um novo código de leis, também não é inaugurar uma nova política que vise a coibir a que juízes desonestos tenham assento nos tribunais. Este não é o seu propósito. Seu propósito está estabelecido no cap. 5.24: “Antes corra o juízo como as águas e a justiça como o ribeiro perene.” Ou seja, essas virtudes do povo de Deus são naturais, espontâneas, transparentes.

Por que Amós prega a lei? Para que ele possa fazer o que faz no final do seu livro, isto é, para que possa pregar o EVANGELHO. Israel no tempo de Amós estava moribundo espiritual e moralmente. A malignidade destruíra a vitalidade do povo de Deus. Amós não quer apenas perfumar esse corpo doente com o unguento das falsas esperanças. Antes ele faz uma incisão na malignidade. Será que Amós gasta tempo demais em seu livro para dizer que esta doença é mortal? Alguns acham que sim. Fato é que Amós está pregando não por causa da doença, mas por causa da cura. Amós quer curar. E ele tem o bálsamo de Gileade. Ele tem o evangelho.

Que evangelho? Visto que a sua pregação da lei não é o legalismo da sociedade e da coalizão política, logo o seu evangelho não é segundo a Santa Economia, a Santa Sociologia nem é o evangelho segundo o Apóstolo do Amor Universal. Aventuro-me a afirmar que há mais evangelho genuíno nestes 5 últimos versículos de Amós do que em muitas áreas do cristianismo em séculos de pregação. É o evangelho da redenção de Deus e não da conquista do céu pelo homem. É o evangelho do Tabernáculo de Davi, e do Filho de Davi, o Deus que se encarna e vem habitar entre nós – o Deus-conosco.

### **PARA CONCLUIR**

Podemos nos espelhar na pregação de Amós? Certamente que sim. Certamente que sim. Podemos nos espelhar no sentido de que somos servos de Deus como foi Amós porque o Senhor nos chamou como chamou a ele. Podemos nos espelhar nele e pregar como ele pregou, separando a lei e o evangelho e apresentando ambos na sua integridade. E que Deus abençoe a nossa pregação.

*Devoção proferida pelo Dr. Acir Raymann na capela  
do Seminário Concórdia no dia 20 de novembro de 2000.*









## FICHA DE ASSINATURA

**SIM! Desejo fazer uma assinatura da revista Igreja Luterana.**

Para isso, estou assinalando uma das seguintes opções:

- uma assinatura de Igreja Luterana por um ano, por R\$ 17,00
- uma assinatura de Igreja Luterana por dois anos, por R\$ 30,00.

Nome \_\_\_\_\_

Rua ou Caixa Postal \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

Após preenchida, coloque num envelope esta folha acompanhada de cheque nominal ao Seminário Concórdia no valor correspondente e remeta-o para:

Revista Igreja Luterana  
Caixa Postal, 202 - 93.001-970 São Leopoldo, RS



-----

### Assinatura de presente:

**SIM! Desejo presentear com uma assinatura da revista Igreja Luterana a pessoa indicada no endereço abaixo.**

Para isso, estou assinalando uma das seguintes opções:

- uma assinatura de Igreja Luterana por um ano, por R\$ 17,00
- uma assinatura de Igreja Luterana por dois anos, por R\$ 30,00.

Nome \_\_\_\_\_

Rua ou Caixa Postal \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

Após preenchida, coloque num envelope esta folha acompanhada de cheque nominal ao Seminário Concórdia no valor correspondente e remeta-o para:

Revista Igreja Luterana  
Caixa Postal, 202 - 93.001-970 São Leopoldo, RS



## SEMINÁRIO CONCÓRDIA

### Diretor

Paulo Moisés Nervas

### Professores

Acir Raymann, Ely Prieto, Gerson Luís Linden, Leopoldo Heimann,  
Norberto Heine (CAAPP), Orlando N. Ott, Paulo Gerhard Pietzsch,  
Paulo Moisés Nervas, Vilson Scholz.

### Professores eméritos

Arnaldo J. Schmidt, , Donaldo Schueler,  
Johannes H. Rottmann V, Martim C. Warth

## IGREJA LUTERANA

ISSN 0103-779X

**Revista semestral de Teologia publicada em junho a novembro pela**  
Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia, da Igreja Evangélica  
Luterana do Brasil (IELB), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

### Conselho Editorial

**Acir Raymann (editor), Vilson Scholz**

### Assistência Administrativa

**Janisse M. Schindler**

A Revista *Igreja Luterana* está indexada em *Bibliografia Bíblica*  
*Latino-Americana - Old Testament Abstracts* .

Os originais dos artigos serão devolvidos  
quando acompanhados de envelope com endereço e selado.



### Correspondência

Revista IGREJA LUTERANA  
Seminário Concórdia  
Caixa Postal 202  
93.001-970 – São Leopoldo, RS